



Crucifixo barroco venerado na sede do Conselho Nacional da TFP, em São Paulo (a imagem de N. S. mede 32 cm de altura). Estudo de 32 fotos pelo Studio F. Albuquerque, de São Paulo.

GRUPOS OCULTOS TRAMAM A SUBVERSÃO NA IGREJA

No alto da Cruz, nosso Senhor Jesus Cristo não sofreu apenas em razão dos ultrajes morais e físicos que Lhe foram infligidos por seus algozes. Padeceu também na previsão de todos os pecados que se cometeriam até a consumação dos tempos. Entre eles a trama secreta feita em poderosos meios católicos para “reformatar” a Igreja – transformando-A em uma Igreja-Nova panteísta, desmitificada, dessacralizada, desalienada, igualitária, e posta a serviço do comunismo – constituiu por certo um dos mais atrozes tormentos de nosso Divino Redentor. Sim, d’Ele que ensinou por sua Vida, Paixão e Morte o contrário de todos esses erros clamorosos.



Junto à linha ferroviária Paris-Lyon, uma funcionária controla a passagem de nível. É casada ou solteira? Que convicções, que modos de sentir e de viver tem ela? Nada o exprime. É apenas uma funcionária como outra qualquer. Este é o “new look” das Religiosas na Igreja-Nova, segundo as aspirações dos “grupos proféticos”. É o “ideal” da dessacralização: nada de sagrado deve existir nem aparecer nas Religiosas. Esta funcionária é Soror Germaine, da Ordem Dominicana (esta foto e as duas primeiras da última página são da reportagem de Robert Serrou citada na nota 34 do texto).



Freiras como a Igreja-Nova as quer – e como não as quer

Não há engano possível. Trata-se de uma autêntica Religiosa, com toda a sua vida dedicada a afazeres especificamente religiosos, e, pois, toda imersa num ambiente sacral. É uma Irmã a dirigir crianças numa procissão paroquial em Paris. Os “grupos proféticos”, nos quais fermenta a Igreja-Nova, detestam não só as aparências como o conteúdo espiritual de uma cena dessas.



Em ascensão triunfal

A Heresia Modernista

D. Antônio de Castro Mayer, Bispo de Campos

O cardeal Ruffini, sem favor, uma das figuras mais expressivas do Concílio Vaticano II, pela solidez da argumentação e pela elegância da linguagem, dizia, em uma dessas conversas de corredor, que o modernismo está hoje entronizado na Igreja.

O eminente Purpurado conheceu de perto a pessoa e a obra do maior Pontífice deste século. Sabia, portanto, bem o que afirmava.

E, realmente, apesar de esmagado pelo vigor apostólico de São Pio X, o modernismo jamais deixou de prosseguir sua empresa nefasta. Condenado, refugiou-se em sociedades secretas, segundo o testemunho do mesmo São Pio X (Motu Proprio “Sacrorum Antistitum”, de 1º de setembro de 1910), e de seus antros continuou a disseminar nos meios católicos, cautelosa e perseverantemente, o veneno de seu espírito destrutivo.

Assim todos os Sucessores de São Pio X tiveram que renovar junto aos fiéis as

advertências contra o modernismo. Isso até Paulo VI, que o fez na sua primeira Encíclica, “Ecclesiam Suam”.

Por isso mesmo, e como eco aos ensinamentos do Magistério, surgiram entre os fiéis resistências ao espírito inovador de sabor modernista que, aqui e acolá, por toda parte ia infeccionando as almas. Neste número deve colocar-se a inestimável obra do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira “Em Defesa da Ação Católica”, que outra coisa não colimava senão premunir os núcleos de apostolado leigo oficial contra uma modernização que, no fundo, constituía uma nova igreja.

Nós mesmo, no governo de Nossa Diocese, sentimos a obrigação de alertar Nossas ovelhas contra uma série de teses que, na expressão da Sagrada Congregação dos Seminários, serpeavam entre os fiéis, e que em si condenavam todo o espírito modernista.

Atualmente, abusando da longanimidade do Santo Padre, a empresa de conci-



Numa casa de família em Houilles, na periferia de Paris, o Sacerdote, em trajes civis, consagra pão e vinho comuns junto à mesa em que, logo após, será servida uma refeição. Essa é a maneira dessacralizada de celebrar a Missa, propugnada pelos “grupos proféticos” da Igreja-Nova.

liação da Igreja com o mundo moderno, evolucionista e sensual, deixou os esconderijos das seitas secretas e aparece à luz do dia, encarnada na que chamam de Igreja “pós-conciliar”.

Os dois documentos que “Catolicismo” oferece aos seus leitores neste número duplo atestam o que acabamos de afirmar. Eles mostram em que sentido os inovadores entendem o múnus profético que, segundo o Concílio, compete ao povo de Deus. Na realidade, como os modernistas, os grupos proféticos que pululam por toda a Igreja o que pretendem é a constituição de uma nova religião, a religião do homem que se endeusa e prescinde do Criador. Como infra-estrutura, para sustentar e disseminar pelo mundo todo as idéias dos “grupos proféticos”, o IDO-C, como imenso polvo, estende seus tentáculos sobre os cinco continentes.

Como na guerra é de suma importância conhecer os planos do inimigo, “Catolicismo” presta imenso serviço à salvação das almas, publicando as intenções e indicando os órgãos de propaganda daqueles que, numa tentativa ousada, mas destinada ao fracasso, intencionam construir uma nova religião sobre os escombros da Igreja tradicional, daquela que Jesus Cristo legou aos homens por meio de honrar a Deus e salvar a alma.

Julgamos obra benemérita de apostolado divulgar o mais amplamente possível os estudos que “Catolicismo” agora apresenta ao público brasileiro. Por isso recomendamos calorosamente sua leitura.

O porquê deste número duplo

A Igreja Católica infiltrada por adversários velados

Plinio Corrêa de Oliveira

Catolicismo publica hoje um número



Os “pães” postos numa cesta e o “vinho” que o noivo sorve não são nada menos do que a Sagrada Eucaristia. É na França um novo modo de comungar na Missa de casamento. Por outra foto se vê que a noiva está de mini-saia. Os “grupos proféticos” consideram tudo isto um passo ainda tímido, com rumo à dessacralização e à moral nova que pretendem implantar.

duplo, correspondente aos meses de abril e maio, no qual dá conhecimento a seus leitores de dois autênticos documentos-bomba sobre a presente crise na Santa Igreja. O primeiro deles, estampado no boletim católico “**Approaches**”, de Londres (n.º 10-11, de janeiro de 1968), e intitulado “**Dossier a respeito do IDO-C**”, está traduzido na **pág. 10** desta edição. O segundo veio a lume sob o título “**Os pequenos grupos e a corrente profética**” no n.º 1423, de 11 de janeiro de 1969, da revista “**Ecclesia**”, de Madri, e nós o traduzimos mais adiante, à **pág. 14**. Para melhor compreensão de nossos leitores, cada um desses documentos vem precedido de um estudo de apresentação (contendo um substancioso resumo do texto), elaborado pela redação desta folha.

O IDO-C, e o “International Catholic Establishment”

O documento de “**Approaches**” dá notícia de um grupo ou organismo, algum tanto enigmático, o “**International Catholic Establishment**”, oficialmente independente de qualquer instituição religiosa ou estatal, e sob cuja orientação atua uma gigantesca máquina de propaganda – o IDO-C, ou seja, **Centro Internacional de Informação e Documentação relativa à Igreja Conciliar**. Essa máquina é destinada a inocular nos meios católicos

mais ou menos veladamente, através da imprensa, do rádio, da televisão, e de conferências em auditórios públicos, uma doutrina que é o oposto da Religião Católica. O documento faz ver que essa máquina forma um imenso polvo, cujos tentáculos se estendem largamente pela Europa e Estados Unidos, além de deitar ramificações pela América do Sul e outras regiões da terra. A ele está sujeito o grosso dos instrumentos de publicidade católicos da Europa e da América do Norte, e assim o seu poder dentro da Igreja parece – humanamente, é claro – incontrastável.

Tal fato cria para a Igreja uma situação muito semelhante à de um país em guerra no qual a grande maioria das emissoras de televisão e rádio e dos órgãos de imprensa estivessem a soldo do adversário. E não de um adversário qualquer, mas, como verão os leitores, de um adversário com intuítos de destruição radicais e implacáveis, exímio no uso de meios de ação sumamente subtis e eficientes, e dotado de recursos materiais praticamente inesgotáveis.

Os “grupos proféticos”

O artigo publicado em “**Ecclesia**” reforça vigorosamente a trágica impressão de que a Igreja é, hoje em dia, como um país solapado pelo adversário. Ele nos põe ao corrente do esforço sistemático de um movimento que se generaliza cada vez mais nos meios católicos de numerosos países, o dos “**grupos proféticos**”.

Muito semelhante, em sua estrutura semiclandestina e em seus métodos de iniciação, a certos organismos de agitação maçônica dos séculos XVIII e XIX, como os carbonários, esse movimento é formado de miríades de pequenos grupos esparsos. A unidade desses organismos ressalta, logo à primeira vista, da ideologia, das metas e dos métodos de ação que todos têm em comum, bem como da notável colaboração que mutuamente se prestam estes corpúsculos sem direção central aparente. Constituem eles células vivas de ativistas que se incrustam nos mais variados organismos católicos – seminários, universidades, colégios, obras sociais, etc. – e ali fazem a propaganda, mais ou menos velada, de

um sistema ideológico que, como no caso do IDO-C, representa o contrário da Religião Católica. Não só por seu grande número, mas pelas subtilíssimas técnicas de iniciação de membros, pressão sobre a opinião pública e agitação que usam, os “grupos proféticos” são uma verdadeira potência. Eles formam dentro da Igreja uma imensa rede semi-secreta de propaganda anticatólica, feita sobretudo verbalmente de pessoa a pessoa.

Dedos de uma mesma mão

Tendo diante dos olhos ambos estes documentos estarrecedores, é natural que o leitor se pergunte que pontos de semelhança e de contraste existem entre o IDO-C e os “grupos proféticos”. A isto respondemos:

1. Os pontos de semelhança são antes de tudo doutrinários. O que o artigo de “Approaches” diz das dou-



I.C.I. informa que este Bispo espanhol, Mons. Horlando Arce Moya, costuma dirigir uma orquestra de jazz em “boites”. Função bem pouco sacral, em que os “grupos proféticos se regozijam de ver um Prelado.

trinas propagadas pelo IDO-C constitui como que genuínos fragmentos da doutrina que “Ecclesia” mostra ser a dos “grupos proféticos”;

2. Tanto o IDO-C quanto os “grupos proféticos” têm em comum também sua atitude concreta em face da Igreja: a) destruição por meio de infiltração semiclandestina; b) aproveitamento de pessoas eclesásticas, de católicos militantes, de obras e instituições católicas para a efetivação dessa obra demolidora;
3. Tanto nos “grupos proféticos” quanto no IDO-C se tem, perante o comunismo, a mesma atitude simpática – é o menos que se possa dizer – retribuída aliás em arraiais marxistas. Este fato deixa claro que os comunistas consideram a atuação do IDO-C e dos “grupos proféticos” útil à vitória de sua própria causa. Dado o imenso poder de uma e de outra organização, essa utilidade é, naturalmente, da maior monta para o comunismo;
4. Quanto aos instrumentos de ação, o IDO-C e os “grupos proféticos” são profundamente diversos. E nisto se completam. Pois o IDO-C visa as massas católicas, sobre as quais age pelos meios mais adequados, isto é, como dissemos, livros, revistas, jornais, televisão, rádio, conferências, etc. Os “grupos proféticos”, pelo contrário, visam os mil ambientes-chave que dirigem o movimento católico. E para tanto esses grupos usam principalmente a propaganda oral discreta, a cargo, como é óbvio, de agitadores perfeitamente destros e bem colocados.

Em suma, os “grupos proféticos” e o IDO-C se entreadjudam e se completam no que têm de análogo e de diverso: como os dedos de uma mesma mão, ou os tentáculos de um mesmo polvo.

Em face da agitação progressista na América Latina

É natural que o leitor, chegando a esta conclusão, se pergunte que relação há entre o IDO-C e os “grupos proféticos”, de uma parte, e de outra o progressismo embebido de comunismo, que impregna a tal ponto o nosso ambiente, que contra ele dois milhões de pessoas, por iniciativa das TFPs do Brasil, da Argentina, do Chile e do Uruguai, pediram providências a Paulo VI, no abaixo-assinado mais impressionante de nossos dias.

Não há espaço, neste número de “Catolicismo”, já tão cheio, para aprofundar questão de atualidade tão flagrante.

Para elucidar – pelo menos em alguma medida – o assunto, é interessante um confronto entre o que os artigos de “Approaches” e “Ecclesia” nos revelam sobre as metas do IDO-C e dos “grupos proféticos”, de um lado, e de outro lado ca-



O Cardeal Merry del Val foi o braço direito de São Pio X na luta contra os modernistas, precursores do progressismo. Modelo de sacralidade e alta compostura eclesíastica.

da uma das reivindicações apresentadas pela agitação progressista. Não há desideratum do progressismo que não redunde em favorecer a desalienação (vocábulo cujo significado e alcance o leitor encontrará adiante, nos primeiros tópicos do artigo da pág. X), **a qual é, por sua vez, o sentido profundo da transformação que o polvo instalado na Igreja quer impor.**

Oferecemos disto um exemplo palpável, ao fácil alcance do leitor. Releia ele o monumento de progressismo que é o famoso documento do **Pe. Comblin**, e as críticas que lhe fez o autor desta nota, como Presidente do Conselho Nacional da TFP brasileira, em carta aberta ao Sr. Arcebispo D. Helder Câmara (“Catolicismo”, no. 211, de julho de 1968): as analogias entre as doutrinas do polvo semi-secreto e as do Pe. Comblin saltam aos olhos¹.

Sem alargar mais o quadro relativo ao Brasil lembrando fatos muito notórios aqui ocorridos ao longo dos últimos anos, propomos ainda que o leitor relacione com o que publicamos hoje sobre o IDO-C e os “grupos proféticos”, o que os jornais nos contam dia a dia sobre a verdadeira onda de agitação progressista que vem sacudindo de norte a sul a América Latina, desde os escândalos de Cuernavaca no México até o episódio do Pe. Zaffaroni no Uruguai ou a ocupação da Catedral de Santiago do Chile.

¹ Se o leitor se quiser aprofundar no assunto quanto a seus aspectos brasileiros, poderá pesquisar as origens remotas de infiltrações do estilo dos “grupos proféticos” no Brasil, no livro **“Em Defesa da Ação Católica”**, publicado pelo então Presidente da Junta Arquidiocesana da Ação Católica em São Paulo, que subscreve este artigo. Essa obra, vinda a lume em 1943 (Editora Ave Maria, São Paulo), e prefaciada pelo então Nuncio Apostólico no Brasil, hoje Cardeal Aloisi Masella, denuncia uma infiltração progressista em larga escala na Ação Católica, descrevendo-a em termos que impressionam pela frisante analogia com as informações publicadas por “Ecclesia” sobre os “grupos proféticos”. Esse livro foi objeto de uma calorosa carta de louvor escrita ao autor em nome de P

io XII pelo Substituto da Secretaria de Estado da Santa Sé, Monsenhor João Batista Montini, hoje Papa Paulo VI.

No mesmo sentido, é de real valia a Carta de 7 de março de 1950, na qual a **Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades**, ainda ao tempo de Pio XII, pôs de sobreaviso o Episcopado Brasileiro contra opiniões errôneas veladamente em curso nos Seminários de nosso País (“Acta Apostolicae Sedis”, vol. 42, p. 836 e ss.).

Releva ainda mencionar a **Carta Pastoral sobre Problemas do Apostolado Moderno** (Boa Imprensa Ltda., Campos, 1953) em que o Sr. Bispo D. Antônio de Castro Mayer descreve e analisa múltiplos erros infiltrados em meios católicos, erros esses que a um tempo sabem a progressismo, e às doutrinas do IDO-C e dos “grupos proféticos”. Pela repercussão que teve no Exterior – com edições na França (“La Cité Catholique”, Paris, 1953), na Itália (“Istituto Editoriale Bartolo Longo”, Pompei, 1954, e “Edizioni dell’Albero”, Torino, 1964), na Espanha (“Colección Fe Integra”, dos Padres C.P.C.R., Madrid, 1955), na Argentina (“Libreria Católica Acción”, Buenos Aires, 1959) e no Canadá (“La Cité Catholique”, Québec, 1962) – se vê que o documento episcopal apresentava interesse concreto para diversos outros países.

O leitor poderá ainda consultar com proveito as coleções do **“Legionário”** e de **“Catolicismo”**.

Três perguntas dramáticas

Dado que, de uma parte, na Europa e na América do Norte lavra um incêndio ideológico ateadado pelo IDO-C e pelos “grupos proféticos”; e dado que, de outra parte, análogo incêndio se alastra por toda a América Latina, na qual também estão presentes tentáculos do IDO-C e presumivelmente do “movimento profético”, - não se pode deixar de levantar três questões de importância absolutamente fundamental para as nações do continente ibero-americano:

1. **O IDO-C e os “grupos proféticos” têm alguma responsabilidade por esse incêndio religioso que vai tomando proporções apocalípticas?**
2. **Além do IDO-C e dos “grupos proféticos” haverá outros organismos empenhados na mesma faina?**
3. **Dado que o comunismo lucra obviamente e em larguíssima escala com esse incêndio religioso, como com a atuação do IDO-C e dos “grupos proféticos”; e dado que dentre as atuações favoráveis ao comunismo, algumas são diretamente suscitadas, guiadas e estipendiadas por ele, e outras são por ele ajudadas, aconselhadas, e por fim infiltradas e dirigidas: até que ponto o incêndio religioso na América Latina (e no orbe católico inteiro, poder-se-ia acrescentar) está sob o comando de Moscou e de Pequim?**

Quem negasse a pertinência, a oportunidade e a gravidade evidentes destas questões – que são estudadas mais pormenorizadamente em nosso artigo da pág. Y – atrairia inevitavelmente sobre si uma outra pergunta: não tem tal pessoa em vista evitar que o problema desperte a atenção geral, e seja objeto de incômodas investigações? Neste caso, não será ela um comparsa no jogo subversivo?

Muralha chinesa

Nas atuais condições de nosso País, as três questões que formulamos equívalem a um apelo à vigilância, dirigido a toda a nação. A insurreição progressista está em pleno desenvolvimento diante de nossos olhos. Nosso povo é inteligente e perspicaz. Alertá-lo é dar-lhe um dos melhores meios para que se defenda. E é para que ele se defenda, que “Catolicismo” publica este número duplo.

Mas, dirá alguém em certos arraiais católicos de eclesiásticos ou leigos, será útil para o Brasil a divulgação da matéria desta nossa edição? A presente repressão ao esquerdismo nos faz gozar de relativa paz. Os progressistas estão mudos, pelo menos dentro de nossas fronteiras. A moderação da maior parte de nossos Prelados nos faz esperar que o progressismo, tratado com toda a amenidade, acabe por se diluir. Por que então levantar novamente os problemas espinhosos que acabamos de formular?

A repressão teve o real mérito de reduzir ao mutismo, no rádio, na televisão e na imprensa, quer o esquerdismo dito católico, quer o esquerdismo acatólico. Porém isto não quer dizer que um e outro tenham sido reduzidos à inação. Os progressistas aí estão, e muitas vezes se acham em preciosas situações-chave. Quem poderá dormir tranquilo, na certeza de que não estejam agindo na surdina, continuando sua obra de intoxicação da juventude estudiosa, dos ambientes religiosos e do operariado? De mais a mais, quem visse no progressismo, como nas tramas do IDO-C e dos “grupos proféticos”, apenas a luta comunismo-anticomunismo se enganaria singularmente. A questão, em sua essência, é religiosa. E se no presente número tratamos colateralmente de suas implicações com o comunismo, é fundamentalmente no terreno religioso que nos situamos em face do tema.

De qualquer forma, o certo é que, se a moderação pode trazer preciosas vantagens em determinadas circunstâncias, a condição para que essas vantagens sejam efetivas é que ela não seja interpretada como um convite à imprevidência otimista, à inércia, ao cruzar de braços ante o adversário. Não cremos, pois,

que a alegada moderação de tantos de nossos Prelados seja motivo para se censurar quem se empenha em manter em lúcida vigilância a opinião pública.

Por fim, não cedamos à ilusão de que a fórmula repressão-moderação possa constituir, em torno de nosso País, uma muralha chinesa que feche o acesso aos maus exemplos, aos maus incentivos e às doutrinas más procedentes de fora. Tudo isto nos entrou, entra e continua a entrar, fatalmente, fronteiras a dentro. E se essa má sementeira encontrou entusiastas no mundo inteiro, não há porque imaginar que deixe de os encontrar no Brasil. Idéias não se combatem sem o recurso a idéias. O mutismo ideológico é condição de triunfo para os que disseminam erros na sombra. Seria extraordinariamente anacrônico imaginar que na época do rádio e da televisão, podemos isolar o Brasil com uma muralha chinesa ideológica, feita de repressão, moderação e silêncio.

Alentando

Na luta, não basta despertar legítimas apreensões e convidar a uma arguta vigilância. É preciso também alentar.

“Catolicismo” tem, assim, a alegria de pôr à venda, juntamente com este número duplo, um documento estimulante, pois nos fala da reação que o progressismo vem encontrando na França. Trata-se do “**Vade-mécum do católico fiel**”, contendo valiosíssimas recomendações feitas aos católicos por 350 Sacerdotes de vários países – embora franceses em sua maioria – sobre o modo de se portarem ante manifestações agudas do progressismo. Tem o documento o apoio do ilustre Arcebispo francês Mons. Marcel Lefèbvre, e em edição brasileira aparece sob a égide do preclaro Bispo de Campos, D. Antônio de Castro Mayer.

Desejou em boa hora sua Ex.a Rev.ma que o “Vade-mécum”, traduzido para o português, fosse dado a lume simultaneamente com esta nossa edição.

O entusiasmo dos jovens da TFP

Por fim, importa lembrar ainda uma vez que, se este incêndio é eclesiástico, ele afeta em sua raiz a civilização cristã e a ordem temporal. Razão pela qual se compre-

de a entusiástica participação na propaganda deste número duplo, dos jovens que, sócios da TFP e militantes da Tradição, Família e Propriedade, se votaram à defesa dos princípios básicos da ordem natural cristã na esfera temporal.

Resumo analítico do artigo de “Approaches”

A superpotência publicitária dos iluminados do progressismo

O católico comum, que vê os mais díspares jornais, revistas, livros, emissoras de rádio e TV do mundo inteiro servirem estrepitosamente de veículo para a propaganda progressista, é naturalmente levado a crer que essa portentosa propaganda é fruto exclusivo e espontâneo das tendências ideológicas de grande parte dos homens de pensamento e de ação de nosso tempo.

Um observador mais atento, entretanto, saberia distinguir, por detrás do que parece um fogo desencontrado de franco-atiradores, uma hábil articulação que explicaria a **resultante** inegavelmente bem sucedida desse bombardeio publicitário.

Uns e outros – leitores inadvertidos ou observadores sagazes – nunca haviam podido, até hoje, deitar a mão nessa organização misteriosa que manipula as tubas da propaganda progressista.

É, pois, de considerar-se sensacional a revelação que o conceituado bo-

letim católico inglês “**Approaches**” fez, em seu número de janeiro do ano passado, denunciando com exuberância de dados, a existência de um núcleo central muito discreto, cujo objetivo é dirigir, em matéria essencialmente religiosa, a opinião católica do mundo inteiro. Contando com altos apoios comunistas, dispendo de agentes em trinta países, e assessorado por 120 especialistas – teólogos, membros de institutos de pesquisas e correspondentes religiosos – o **IDO-C**, ou seja, o **Centro Internacional de Informação e Documentação relativa à Igreja Conciliar**, é um organismo que vai muito além do que o seu nome, aparentemente inocente, faria crer.

Trata-se, na realidade, de uma organização-Moloch, que engloba ou tem a seu ser-

viço grandes editoras e importantes jornais e revistas, nos principais países da Europa livre e da América do Norte, e mesmo em algumas nações de além cortina de ferro, e que deste modo controla a propaganda do chamado progressismo católico



Episódio altamente sacral: Dominicanos do Convento de Ávila, na Espanha, ingressam segundo os antigos estilos, pela porta do claustro.

em várias partes do mundo.

A importância do artigo de “Approaches” é tanto maior quanto deixa entrever, com suficiente clareza, por detrás do IDO-C, uma verdadeira “maçonaria” progressista – no caso dos EUA sua existência é até confessada por um membro da seita – a dominar a vida católica de diversos países, e com tendência a estender aos outros a sua influência. É o que, no artigo, se chama de “**Catholic Establishment**”.

Verifica-se, desse modo, que a propaganda progressista, no que ela tem de mais potente e dinâmico, é perfeitamente artificial. “Approaches” mostra como, onipresente, ela é hábil em criar popularidades demagógicas, em sofismar, em seduzir e difamar, constituindo-se assim numa poderosa alavanca da revolução progressista que pretende hoje destruir, por dentro, a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, edificando em seu lugar uma **Igreja-Nova** – a Igreja dos “pequenos grupos proféticos”, de que trata o artigo de “Ecclesia” cuja tradução estampamos nesta mesma edição (pág. Z).

A importância e seriedade do estudo de “Approaches” ressaltam pelo fato de ter sido ele reproduzido em outros órgãos católicos de valor como “Permanences” na França, “Nunca et Semper” na Alemanha, “Roma” em Buenos Aires, além de ter sido publicado em forma de livreto, pela Editora “CIO” de Madrid.

Tratando-se de um trabalho bastante extenso (tradução na pág. Zz), julgamos oportuno apresentar aqui, preliminarmente, um resumo analítico do mesmo, dando destaque a suas partes mais importantes.

O que vem a ser o IDO-C – segundo ele mesmo

O IDO-C apresenta-se a si mesmo como “um grupo internacional, com quartel-general em Roma e com uma crescente rede de ramificações que abarcam o mundo inteiro”. Sua função específica, segundo ele mesmo a define, “consiste em coligir e distribuir” aos especialistas interessados “documentação

acerca dos efeitos estruturais e teológicos da continuada aplicação dos decretos e do espírito do Concílio Vaticano II”.

O IDO-C informa ter nascido em dezembro de 1965, da fusão do **DO-C**, centro de informações que servia o Episcopado Holandês durante o Concílio, com o Centro de Coordenação de Comunicações Conciliares (CCCC), que na mesma oportunidade promovia o intercâmbio de notícias entre jornalistas progressistas.

Proclamando-se “independente de qualquer instituição religiosa ou estatal”, é pois o IDO-C um organismo não católico que se propõe, entretanto, muito suspeitamente, como dissemos, o objetivo de dirigir em matéria propriamente religiosa a opinião católica mundial.

A esse propósito é ainda ele próprio quem se encarrega de esclarecer: “Ainda que o seu conteúdo [da documentação distribuída] se refira principalmente à atualização da Igreja Católica, cada vez mais e mais se orienta em um sentido ecumênico, pois, como os problemas de nossos dias não mais ficam circunscritos a uma ou outra Igreja, nosso serviço não se destina exclusivamente aos católicos”.

“Entre seus assinantes encontram-se Bispos, [...] professores de Teologia, [...] estudantes adiantados de seminários católicos, protestantes e judeus, diretores de publicações católicas, protestantes e judaicas, e encarregados das secções religiosas de grandes jornais e revistas de informação geral”, - é uma circular do IDO-C que no-lo informa.

Quem o dirige

O presidente do Comitê Executivo Internacional do IDO-C é o dominicano **Pe. Rafael Van Kets**, professor do Angelicum de Roma; secretário geral é o Sacerdote holandês, **Pe. Leo Alting von Geusau**, participam desse Comitê, entre outros, um Sacerdote norte-americano da **Rádio Vaticana**, um dirigente do **Movimento Familiar Cristão** do México, um elemento da conhecidíssima revista francesa “**Informations Catholiques Inter-**

nationales”, e outro do grupo “católico”-comunista “**Znak**”, da Polónia. Faz parte, ainda, do Comitê Executivo Internacional do IDO-C o diretor da revista “**Slant**”, da Inglaterra, a qual mantém boas relações com outro conhecido movimento “católico”-comunista polonês, “**Pax**”. Ao IDO-C inglês não repugna incluir no seu máximo órgão diretivo o líder comunista **Jack Dunman**, várias vezes candidato a deputado pelo PC britânico, diretor da revista agrária do partido e especialista no diálogo entre católicos e comunistas.

Dinossauro publicitário

Comentando na imprensa diária de São Paulo o trabalho de “Approaches”, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira classificou o IDO-C, muito sugestivamente, de “dinossauro publicitário”. Com efeito, esse estranho organismo tem à sua disposição editoras católicas das maiores do mundo, como a conhecidíssima “**Herder**” internacional, a “**Paulist Press**”, que é a mais importante editora católica dos EUA, a “**Burns and Oates**”, da Inglaterra, que se jacta do título de “Editores da Santa Sé”, etc.

Quanto aos jornais e revistas diretamente representados no IDO-C, contam-se, entre os principais, “**The Guardian**”, “**Slant**”, “**The Tablet**”, na Inglaterra; na França “**Informations Catholiques Internationales**” (cuja identidade ideológica com o IDO-C francês é tal, que se pode dizer que este último vem a ser a expressão internacional dos pontos de vista de I.C.I.); “**St. Louis Review**”, nos EUA; “**Criterio**”, de Buenos Aires, etc.

Entre os jornais não diretamente representados no IDO-C mas nos quais a influência deste se faz sentir, destacam-se o “**National Catholic Reporter**” e o “**Long Island Catholic**” (diários ditos católicos), o “**Time**”, o “**New York Times**” e o “**Chicago Sunday Times**” (periódicos leigos de repercussão internacional), nos EUA e Canadá; “**La Croix**” e “**Témoignage Chrétien**”, na França; etc.

Cumprer destacar que o IDO-C controla as secções religiosas de jornais de repercussão mundial como “**Le Monde**” e “**Le Figa-**

ro”, em Paris, e o “**New York Times**”, nos EUA, sem falar de sua influência em centros católicos de informação importantes como a “**Catholic Press Union**”, a **NCWC**, o “**National Catholic Communications Centre**”, a “**Religious Newswriters Association**”, etc. acrescenta, enfim, “Approaches” que as notícias do IDO-C e seus pontos de vista são difundidos, através de pessoas-chave, na própria **Rádio Vaticana** e na **Rádio Canadá**.

Assim, proclamando-se embora uma entidade acatólica, o IDO-C dispõe efetivamente de imensos meios para, como é seu objetivo declarado, dirigir a opinião católica em matéria genuinamente religiosa.

Ligações com o comunismo na Inglaterra e além cortina de ferro

É muito significativo que o funcionamento do IDO-C seja aceito sem a menor preocupação em países dominados por governos comunistas, tais como a Hungria, a Polónia, a Checoslováquia e a Iugoslávia.

Por outro lado, mesmo sem considerar o serviço que o IDO-C presta à causa comunista, ou o proveito que o comunismo tira do IDO-C – conforme salienta o artigo de apresentação deste número (**pág. T**) – não deixa de estarrecer, como observa “Approaches”, a simples constatação de que a Secção do IDO-C da Inglaterra, totalmente composta de progressistas, é internamente controlada por um núcleo marxista que atua sob a direção de um dos líderes mais experimentados do PC da Grã-Bretanha, o já citado Jack Dunman.

“International Catholic Establishment”

No inglês o termo “establishment” é frequentemente empregado em sentido pejorativo para designar uma camarilha influente que impõem a sua ideologia, suas formas e sobretudo sua vontade, a uma sociedade determinada. A Editora “CIO”, ao verter para o espanhol o artigo de “Approaches”, traduz “establishment” por “grupo de influência ou pressão”.

A designação de “establishment” era usual para camarilhas leigas existentes em todo o mundo. No campo católico, entretanto, foi só muito recentemente, e nos EUA, que a conspiração progressista se intitulou descaradamente a si mesma de “**Catholic Establishment**”. Esclarece “Approaches” que foi John Leo, em um artigo publicado em dezembro de 1966-janeiro de 1967 em “The Critic”, quem usou pela primeira vez a expressão “Catholic Establishment”. Tanto o articulista quanto o jornal pertencem confessadamente ao grupo de influência assim designado.

“Approaches” – tirando a palavra da própria boca dos conspiradores progressistas – mostra como se pode falar num verdadeiro “**International Catholic Establishment**”, que se compõe dos iniciados, os iluminados da área progressista, e é o núcleo que orienta a esta tanto dentro da Igreja quanto em suas relações com o mundo exterior. “Approaches” o qualifica de “Hierarquia paralela” instalada no seio da Igreja.

O cérebro desse poderoso grupo internacional católico parece estar na França. Entretanto, é focalizando seu ramo dos EUA – o qual atua mais a descoberto – que se tem uma idéia mais precisa de como ele funciona em todo o mundo.

Das relações do “Catholic Establishment” com o IDO-C falaremos adiante.

O “American Catholic Establishment”

O citado artigo de John Leo em “The Critic” constitui um depoimento significativo a respeito de como atua o grupo católico de pressão norte-americano.

“É o “Establishment” que decide o que os católicos devem discutir, não somente por meio das publicações que lhe pertencem, mas, de certo tempo para cá, por meio de quase todos os jornais e círculos de estudo católicos, de uma a outra costa”, escreve John Leo. E exemplifica: “A discussão nos Estados Unidos sobre o controle da natalidade foi inteiramente uma produção” do “Catholic Establi-

shment”. Ele se jacta de governar hoje em dia o pensamento dos católicos norte-americanos.

Uma correia de transmissão de idéias. Isto se consegue através de uma técnica efficientíssima e bem definida de divulgação ideológica. De início, os grandes órgãos ligados ao “Catholic Establishment” lançam uma palavra de ordem que vai sendo difundida fielmente pela imprensa católica de maior calibre. Em seguida, esta palavra de ordem vai ecoando nos jornais e revistas de porte médio, e obtém sua repercussão última nos órgãos de imprensa ínfimos. Assim, por uma verdadeira “correia de transmissão de idéias”, o “Catholic Establishment” domina toda a imprensa segundo a qual se modela a opinião católica norte-americana.

Como consequência desse influxo indireto do “Establishment” sobre os jornais que não lhe pertencem, são muito poucos os periódicos católicos dos Estados Unidos que hoje não servem para fazer eco, em larga medida, aos pontos de vista do “Establishment” e para amplificá-los. E como estes periódicos são ainda razoavelmente ortodoxos, sobre eles se exerce constante e crescente pressão para que se “atualizem” e se tornem progressistas. Quanto aos jornais e revistas de âmbito nacional, os que ainda militam contra o “Establishment” são apenas dois: “The Wanderer”, o semanário católico nacional que se publica em Saint Paul, Minnesota, e “Triumph”, revista mensal recentemente fundada e publicada por Brent Bozzel.

Entre os principais jornais do “Catholic Establishment” estão o “**National Catholic Reporter**”, “**Cross Currents**”, “**Jubilee**”, “**Commonweal**”, “**Continuum**”, e “**The Critic**”. Merece destaque o controle que o “Establishment” adquiriu recentemente sobre a importantíssima “**Catholic Press Association**”.

Mútua propaganda dos “raptos de microfones”. No seu afã de dominar a opinião católica, o “Establishment” constituiu uma verdadeira confraria – aberta, mas exclusiva – de dezenas de eruditos, jornalistas, ativistas e editores, a qual se “apoderou de todos os microfones em sua determinação de falar pela Igreja”. Esses “raptos [sizers] de microfo-

nes” agem de pareceria e praticam o método que se poderia denominar de “mútuo incensamento”: “Escrevem para os periódicos católicos mais influentes e os editam... Publicam os manuscritos uns dos outros, fazem recíprocas e calorosas recensões de seus respectivos livros, citam-se mutuamente nas conferências que se convidam uns aos outros a dar, reúnem essas conferências e artigos em livros para um novo turno de discussões favoráveis”. Tudo isto é John Leo quem o refere.

Se ainda acrescentarmos que o “Catholic Establishment” dos EUA controla “a maioria das grandes séries de conferências”, como confessa John Leo, e isto através, sobretudo, de duas agências destinadas a organizar conferências – a “**University Speakers**” e o “**National Lecture Service**” – entenderemos claramente o significado do termo “raptos de microfones”.

Despistamento. Mas para evitar a impressão de que os intelectuais orquestrados pelo discreto dinossauro não têm autonomia e obedecem à mesma batuta, alguns debates sobre pontos secundários são organizados entre eles. Assim, criam a ilusão de livre debate (cfr. John Leo, art. cit.).

Conspiração. Aplicando o método do mútuo incensamento, os integrantes do “Establishment” conseguem fabricar artificialmente a reputação de seus confrades, e mesmo de membros do Episcopado alinhados à sua ideologia, os quais são convertidos, da noite para o dia, em figuras populares. Aos Prelados que não se ajustam à linha do “Establishment” este trata imediatamente de desacreditar, o que representa um meio efficacíssimo de dissuadir os seus colegas de procederem da mesma maneira.

Fica, pois, claro que estamos em presença de uma verdadeira conspiração. É o que reconhece John Leo, referindo-se nestes termos ao “Catholic Establishment” dos EUA. “Embora seja difícil intitulá-lo de conspiração no sentido político moderno da palavra, ele o é no sentido dado por John Courtney Murray, de “respirar junto”. No “Establishment” todos respiram junto”.

“Establishment” católico e “Establishment” laico

Como seria fácil de prever, estabeleceu-se desde logo uma ligação entre o “American Catholic Establishment” e o análogo grupo de pressão laico dos EUA. Esta ligação se detecta a partir do **Centro de Estudo das Instituições Democráticas**, que “Approaches” apresenta como o máximo pilar do “**Secular Establishment**”. Quatro importantes membros do “Catholic Establishment” têm parte ativa nos trabalhos desse Centro.

O Centro de Estudo das Instituições Democráticas é constituído por elementos de todos os matizes – católicos progressistas, protestantes, maçons, judeus, comunistas, angustiados peritos em demografia, ardorosos planificadores da família, cavalheiros ultrahumanitários, pacifistas irreductíveis, coexistencialistas frenéticos, etc. Entre os seus objetivos, “Approaches” assinala o intento de promover uma fusão do comunismo e do capitalismo sob os auspícios de “algum sistema de governo mundial”. Como metas “práticas”, o Centro propugna no momento a admissão da China Comunista na ONU e a retirada dos Estados Unidos do Vietnã, além de uma revisão radical da política exterior do Ocidente, que considera muito recalcitrantemente anti-comunista.

“Approaches” se detém em mostrar a fundamental importância, para o “Catholic Establishment”, de sua ligação com o “Secular Establishment”. Foi graças a este que o grupo congênere católico conseguiu que sua voz fosse difundida através da poderosa “mass media” leiga. Foi-lhe possível, assim, dar a impressão de que, enquanto a Igreja “pré-conciliar” era um “ghetto”, fechado, afastado por completo dos assuntos da sociedade humana, a Igreja encabeçada pelo “Establishment” é capaz de dizer uma palavra decisiva nos conselhos e assembléias humanas, e quem quer que se interponha no caminho de sua marcha para a frente, não pode ser amigo de Deus.

No caso particular do “Catholic Establishment” francês, é a suas ligações com o “Establishment” laico (maçônico e comunis-

ta) que ele deve o fato de que seus pontos de vista sejam espelhados fielmente em “**Le Monde**” (por Henri Fesquet), em “**Le Figeiro**” (pelo Pe. Laurentin), e até em “**L’Humanité**” (órgão do Partido Comunista francês).

Onde entra o IDO-C

A ligação entre o IDO-C e o “Catholic Establishment” fica suficientemente visível quando se considera que cinco pessoas dentre as 21 que compõem o **Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Documentação e Informação Religiosa** (do IDO-C) são figuras-chave do “Establishment”. Na Inglaterra essa vinculação se manifesta, sobretudo, através do certamente pró-comunista **Neil Middleton**, de “Slant”, o qual é, ao mesmo tempo, do “Establishment” inglês e do Comitê Executivo Internacional do IDO-C. “Approaches” cita outros exemplos de ligações desse gênero.

Tendo seu centro em Roma e estendendo suas ramificações pelo mundo inteiro, o IDO-C vem a ser para o “Catholic Establishment” uma organização inapreciável para reforçar suas pretensões de se substituir ao Magistério da Igreja. Por outro lado, o IDO-C pode “mostrar a sua face”, enquanto o grupo de pressão internacional fica na sombra.

Graças ao IDO-C, tornou-se possível a infiltração da ideologia do “Catholic Establishment” em certas zonas da comunidade católica que até então se haviam mostrado impermeáveis a ele.

Foi também através do IDO-C que, nos EUA, o “Catholic Establishment” conseguiu estabelecer relações diretas e quase institucionais com o poderoso “Establishment”

leigo, cujas tendências esquerdizantes já apontamos.

Ramificações do IDO-C pelo mundo inteiro

“Approaches” termina seu dossier sobre o IDO-C apresentando uma lista de membros do **Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Informação e Documentação Religiosa**, pertencente ao IDO-C. Nessa relação – procedente do próprio IDO-C – constam nomes do Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru, Uruguai, além de países de outros continentes. É interessante percorrer essa lista para se ter uma idéia da extensão, no mundo inteiro, da conjuração progressista a cargo do IDO-C.

Ressalva

É bem evidente que, dado o caráter sub-reptício da atuação do IDO-C, não se pode afirmar que cada uma das pessoas que a ele se filiaram sirva consciente e intencionalmente à causa dele. É uma ressalva de “Approaches” que parece até desnecessária à vista da própria índole do IDO-C...

Doutrina integral

Qual será o “credo integral” que o IDO-C infiltra assim nos meios católicos?

As informações de “Approaches” não fornecem maiores dados a respeito. Para se ter uma resposta completa é preciso ler o artigo de “Ecclesia” que “Catolicismo” reproduz nesta mesma edição.

De qualquer modo, é incontestável a enorme importância das revelações de “Approaches”, que registramos para a análise de todos os interessados.

Resumo analítico do artigo de “Ecclesia”

Insubordinação, “desalienação”, fio de meada dos mistérios “proféticos”

No artigo de apresentação deste número (pág. X), está descrita a inter-relação do IDO-C com os “grupos proféticos”. É fácil ver que aquele e estes constituem, em seu conjunto, uma imensa máquina semi-secreta, enquistada na Igreja, para a realização do desígnio maléfico de A transformar no contrário do que tem sido nestes dois mil anos de existência.

Desejamos, agora, ajudar o leitor no estudo do artigo de “Ecclesia” sobre os “grupos proféticos” (“Os pequenos grupos e a corrente profética” – reproduzido na pág. Y desta edição) pondo em especial relevo os aspectos dessa espécie de sociedades iniciáticas, que nos parecem mais profundos e esclarecedores.

Neste comentário, não visamos aprofundar propriamente a doutrina dos “grupos proféticos”, a coerência interna das diversas teses que a integram, seus mestres, seus precursores, suas afinidades ou distonias com outros sistemas de pensamento.

Nem tampouco pretendemos analisar as condições culturais, políticas, sociais, econômicas ou outras, que favorecem ou contrariam a gênese e o desenvolvimento desses grupos.

Nosso objetivo é mais circunscrito, e também de uma utilidade mais imediata. Postos diante do crescimento tangível dos “grupos proféticos”, de sua nocividade evidente, da necessidade, pois, de lhes atalhar os passos, perguntamo-nos qual o programa deles, se repousam sobre uma estrutura definida de direção e propaganda, como é essa estrutura, como atua, como vêem eles as transformações pelas quais a Igreja passou recentemente e continua a passar, quais as técnicas de recrutamento, formação e subversão usadas por tais grupos, e por fim, quais as suas relações com o comunismo.

É no artigo de “Ecclesia” que procuraremos resposta a essas perguntas.



Dominicanos vestindo batina efetuam uma manifestação de protesto diante do DOPS, em São Paulo. O traje eclesiástico os protege contra a prisão. É a hora em que a sacralidade é lembrada...

I . Desalienação: revolta contra toda superioridade, toda desigualdade

O conceito-chave da doutrina dos “grupos proféticos” é, a nosso ver, a **alienação**. Assim, tomamo-la como ponto de partida e como fio condutor desta exposição. O leitor verá como, desta forma, a matéria se torna límpida e acessível.

Alienus é um vocábulo latino que equivale à palavra portuguesa “alheio”. **Alienado** é o que não se pertence a si mesmo, mas a outrem.

Na perspectiva comunista, toda autoridade, toda superioridade social, econômica, religiosa ou outra qualquer, de uma classe sobre outra, importa em uma alienação. **Alienante** é a classe social que exerce a autoridade, ou possui a superioridade, seja através de um Rei, um Chefe de Estado, um Papa, um Bispo, um Sacerdote, um General, um professor, ou um patrão. **Alienada** é a classe que presta obediência à alienante. A classe alienada, pelo próprio fato de estar sujeita a outra classe em medida maior ou menor, nessa exata medida não se pertence a si mesma, e está alienada a essa outra.

Transposto o conceito de alienação para as relações de pessoa a pessoa na esfera religiosa, pode-se dizer que um Papa, um Bispo ou um Sacerdote, enquanto participa da classe dirigente, que é o Clero, é **alienante** em relação a um simples fiel, o qual é membro da classe dirigida, isto é, do laicato.

Toda alienação é uma exploração do alienado pelo alienante. E como toda exploração é odiosa, cumpre que a evolução da humanidade conduza à supressão de todas as alienações, e portanto de todas as autoridades e desigualdades. Pois toda desigualdade cria de algum modo uma autoridade. A fórmula mais conhecida e popular da total não alienação está no lema da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. A aplicação absolutamente radical desse lema importa na implantação de uma “anarquia” sem caos. A ditadura do proletariado não é senão uma etapa para a realização do anarquismo.

O **igualitarismo radical** é a condição para que haja **liberdade**, e para que, cessadas as explorações e as conseqüentes lutas de classe, reine entre os homens a **fraternidade**.

Essa a criminosa quimera dos comunistas.

II . O supremo objetivo “profético”: uma Igreja não alienante nem alienada

Do que expõe o artigo de “Ecclesia”, deduzimos que os “grupos proféticos” desejam transformar a Igreja Católica, de **alienante** e **alienada** que é, em uma Igreja-Nova, sem nenhuma forma de **alienação**.

1ª desalienação da Igreja: em relação a Deus

a . A Igreja “constantiniana” (cuja era, segundo os “grupos proféticos”, começaria com Constantino, o Imperador romano do século IV que livrou a Igreja das perseguições e a tirou das catacumbas, e se estenderia até nossos dias) acredita em um Deus transcendente, pessoal, dotado de inteligência e vontade, perfeito, eterno, criador, regedor e juiz de todos os homens. Estes são infinitamente inferiores a Deus, e Lhe devem toda sujeição. E, crendo em um tal Deus, os homens aceitam um Deus alienante. A Religião é pura alienação.

A Igreja-Nova não crê em um Deus alienante. O Deus da Igreja “constantiniana” corresponde a um estágio já superado da evolução do homem, o homem infantil e alienado. Hoje, o homem, tornado adulto pela evolução, não aceita um Deus do qual ele é, em última análise, um servo, e que o mantém na dependência de seu poder paterno, ou antes, paternalista, como dizem pejorativamente os “grupos proféticos”. O homem adulto repele toda alienação, e quer para si outra imagem de Deus: a de um Deus não transcendente a ele, mas imanente nele. Um Deus que é impessoal, que é como um elemento difusamente esparsa em toda a natureza, e portanto, também, em cada homem. Numa palavra, um Deus que **não aliena**.

b . É porque não aceita essa nova figura de Deus, e se obstina em manter a velha figura do Deus pessoal, transcendente e alienante, que a Igreja “constantiniana” gera o ateísmo. Pois o homem adulto de hoje, não podendo aceitar essa imagem infantil da divindade, se afirma ateu. Se a Igreja lhe apresentasse um Deus atualizado, imanente e **não alienante**, ele o aceitaria. E deixaria de ser ateu.

c . É bem verdade que a afirmação de um Deus transcendente e **alienante** tem seu fundamento em numerosas narrações dos Livros Sagrados. Essas narrações, entretanto, não são realidades históricas precisas. Elas são mitos elaborados pelo homem não adulto, alienado e sequioso de alienação. Hoje, elas devem ser reinterpretadas segundo uma concepção não alienante mas adulta. Ou até recusadas. Com isto, se purifica a Religião de seus mitos. É o que se chama **desmitificação**.

d . É, por exemplo, o que cumpre fazer quanto à explicação da infeliz condição do homem, sujeito ao erro, à dor e à morte. O remédio dessa situação não pode vir, para o homem adulto, de uma Redenção operada pelo sacrifício do Deus transcendente encarnado, e completada pelos padecimentos dos fiéis. Tal remédio vem da evolução, da técnica e do progresso. Na concepção do homem desalienado, não há mais razão de ser para as mortificações, algum tanto masoquistas, que a Igreja “constantiniana” promovia. A Igreja-Nova convida a uma vida voltada inteiramente para a felicidade terrena. A **Redenção-progresso** não tem como objetivo levar os homens para um céu extraterreno, mas transformar a terra em um céu.

2ª **desalienação da Igreja: em relação ao sobrenatural e ao sagrado**

A Religião Católica “constantiniana”, coerente com sua doutrina sobre a transcendência de Deus, admite o sobrenatural e com ele o sacral. Ora, o conceito de uma ordem sobrenatural, superior à natural, de uma esfera religiosa e sagrada superior à esfera temporal, importa em evidentes desigualdades. Daí provem, **ipso facto**, múltiplas alienações. Na Igreja-Nova, desalienante e desalienada, só se admite como realidade o natural, o temporal,

o profano. É uma Igreja **dessacralizada**. Daí múltiplas conseqüências:

a . É óbvio, antes de tudo, que a Igreja-Nova está toda posta na ordem natural. Sua missão salvífica, ela a exerce induzindo os fiéis a se **engajarem**, a se **comprometerem** na propulsão do bem-estar terreno.

b . A noção da Igreja como Sociedade distinta do Estado e soberana na esfera espiritual perde, pois, toda a sua razão de ser. A Igreja dessacralizada é, dentro da sociedade temporal, um grupo privado como outro qualquer, cuja missão é de estar na vanguarda das forças que promovem a evolução da humanidade.

c . A vida sacramental também muda de conteúdo. Os Sacramentos têm um sentido simbólico meramente natural. A Eucaristia, por exemplo, é um ágape em que confraternizam irmãos em torno de uma mesma mesa. E por isto deve ser recebida como um alimento qualquer, no decurso de uma refeição comum.

d . A condição sacerdotal não mais se deve considerar **sagrada**, já que a sacralidade morre com a morte de todas as alienações.

No modo de se apresentarem, de se trajarem e viverem, os Sacerdotes devem ser como quaisquer leigos, já que a esfera do sagrado, a que pertenciam, desapareceu, e eles se devem integrar sem reservas na esfera temporal. Analogamente se devem portar os Religiosos, se ainda houver os três votos de obediência, pobreza e castidade na Igreja desalienante e desalienada.

e . Não há razão para que existam edifícios destinados só ao culto, já que morreu o sobrenatural, o sagrado. Neste mundo evoluído, adulto, infenso às alienações, o culto do Deus imanente e difuso na natureza pode ser feito em qualquer local profano. Se houver edifícios destinados ao culto, sejam eles utilizados também para fins profanos, de sorte a evitar a distinção alienante entre espiritual e temporal.

3ª desalienação da Igreja: em relação à Fé, à Moral, ao Magistério e à ação evangelizadora

a . A Igreja-Nova é uma **Igreja pobre**. E isto, antes de tudo, no sentido espiritual da palavra. Uma das riquezas da Igreja “constantiniana” está em dizer-Se Mestra infalível. A Igreja-Nova não se pretende Mestra. Nem trata os fiéis como discípulos. Pois isto seria alienante.

Cada qual recebe carismas do Espírito Santo, que lhe fala diretamente na alma. E é nessa voz interior, da qual pode **tomar consciência**, que cada um deve crer.

Isto que é verdadeiro para as matérias de fé, o é também para a moral. Cada qual tem a moral que lhe sugere sua consciência.

Em suma, o homem vive do **testemunho** interior dos carismas, dos quais toma consciência. A Igreja-Nova não possui, assim, um patrimônio de verdades, de que imagine ter o privilégio. E nisto está o principal aspecto de sua **pobreza**.

b . Daí decorre também outra forma de pobreza. A Igreja-Nova não tem fronteiras. Ela abriga os homens de qualquer crença, desde que trabalhem ativamente para a verdadeira Redenção, que é o progresso terreno. Ela não é, pois, como um reino espiritual com fronteiras doutrinárias definidas, mas algo de etéreo, de fluido, que se confunde mais ou menos com qualquer igreja. Em outros termos, a Igreja-Nova é **super-ecumênica**.

c . Outro título de pobreza da Igreja-Nova é que, não sendo Mestra, e sendo **super-ecumênica**, não precisa mais de obras de apostolado. Assim, as universidades católicas, as escolas católicas, as obras de assistência católicas só conservam sua razão de ser sob condição de não visarem qualquer fim apostólico, nem terem qualquer sujeição alienante e antiecumênica à Igreja: em outros termos, se renunciarem à nota católica, e assumirem um caráter totalmente profano, secular e laico.

d . A pobreza da Igreja-Nova também está em que, sendo a cultura e a civilização

valores da ordem temporal e terrena, e não pretendendo mais a Igreja exercer qualquer magistério nem moldar a si a sociedade temporal, não se pode mais falar em cultura e civilização cristãs. A cultura e a civilização do homem evoluído e adulto receberam sua carta de alforria: estão dessacralizadas e desalienadas da Religião.

e . Ainda mais, a Igreja-Nova é **pobre no sentido material do termo**. Ela não só recusa as Catedrais e Basílicas, em que o sacral estadeava **triumfalisticamente** a sua superioridade, mas, existindo na era dos pobres, rejeita qualquer riqueza, a qualquer título que seja.

f . Por fim, a Igreja-Nova é pobre porque é a **Igreja dos pobres**. Inimiga de todas as alienações, ela se sente adversa a todos os alienantes, de qualquer tipo e ordem, e conatural com a causa de todos os alienados. Por isto, os explorados e alienados da sociedade atual têm na Igreja-Nova o seu lugar próprio. E ela é por essência a defensora deles contra os detentores de autoridade ou superioridade terrena. Por razões análogas em sentido inverso, a Igreja “constantiniana” está acumpliciada, por sua própria natureza, com todas as oligarquias alienantes e exploradoras.

4ª desalienação da Igreja: em relação à Hierarquia Eclesiástica

Uma vez que a autoridade é sempre alienante, é mister que não exista. E se existir, será somente na medida em que faça a vontade dos alienados, que assim escapam – pelo menos em larga medida – ao jugo da alienação.

Na Igreja “constantiniana”, a Hierarquia está investida do tríplice poder de ordem, de magistério e de jurisdição. A Igreja-Nova, esvaziando de conteúdo sobrenatural os Sacramentos, que estão sob o poder da Hierarquia de ordem, negando o Magistério, tinha em rigor de lógica que atentar contra a Hierarquia de jurisdição.

Assim, a existência de um Papa, Monarca espiritual rodeado do Colégio dos Príncipes eclesiásticos, que são os Bispos – dos

quais cada qual é, na respectiva Diocese, como que um monarca sujeito ao Papa – não é compatível com a Igreja-Nova. Como também não podem subsistir os Párocos, que regem, sob as ordens do Bispo, porções do rebanho diocesano.

Cumpra, para desaliená-la inteiramente da Hierarquia, **democratizar** a Igreja. É preciso constituir, nela um órgão representativo dos fiéis que exprima o que os carismas dizem no íntimo da consciência destes. Órgão eletivo, é claro, e que represente a multidão. Órgão que faça pesar decisivamente sua vontade sobre os Hierarcas da Igreja, os quais, também é claro, deverão, daqui por diante, ser eletivos. Em nosso entender, em rigor de lógica, esta reforma da estrutura da Igreja pleiteada pelo “movimento profético” só pode ser vista como uma etapa da realização cabal dos objetivos dele. Pois a desalienação completa envolveria, em estágio ulterior, a abolição de toda a Hierarquia.

Considerando, entretanto, tão somente a reforma que os “grupos proféticos” agora explicitamente pleiteiam, podemos dizer que ela transformaria a Igreja numa monarquia como a da Inglaterra, isto é, um regime efetivamente democrático, dirigido fundamentalmente por uma Câmara popular eletiva, onipotente, no qual se conserva pró-forma um Rei decorativo (no caso da Igreja-Nova, o Papa), Lords sem poder efetivo (os Bispos e Párocos), e uma Câmara alta de aparato (o Colégio Episcopal). E ainda, para que a analogia entre o regime da Inglaterra e a Igreja-Nova fosse completa, seria preciso figurar um Rei e Lords eletivos (isto é, Papa e Bispos eleitos pelo povo).

Para completar o quadro da democratização, cumpre acrescentar que, na Igreja-Nova, as paróquias seriam grupos fluidos e instáveis, e não circunscrições territoriais definidas como soem ser hoje. Esta fluidez, pensamos, também se estenderia, em rigor de lógica, às Dioceses. A Hierarquia já não seria na Igreja senão um nome vão.

5ª desalienação da Igreja: em relação ao Poder Público

Esta forma de desalienação já está incluída, a títulos diferentes, nos itens anteriores. A Igreja “constantiniana”, que tem um governo próprio e soberano em sua esfera, deseja a união e a colaboração com o Poder Temporal. Nisto, de algum modo se alienaria a ele, e de algum modo o alienaria a Si.

A Igreja-Nova, por todos os motivos expostos, declara não precisar do Poder Público, nem desejar com ele relações de Poder a Poder. A mútua alienação terá, deste modo, cessado.

Em conclusão

Assim em conclusão, a Igreja-Nova será inteiramente desalienada, e deixará inteiramente de ser alienante.

III – Só a luta de classes conseguirá a desalienação dentro da Igreja

1 . a Hierarquia ajudou a execução do programa “profético” de desalienação; porém, não pode dar o passo final

A desalienação total, pela qual a Igreja “constantiniana” se deve metamorfosear em Igreja-Nova, poderão os “grupos proféticos” esperá-la da Hierarquia?

Tendo em vista que membros desta têm apoiado muitas medidas desalienantes, dir-se-ia que sim. Tanto mais quanto os “grupos proféticos” afirmam que a obra do Concílio Vaticano II teve um caráter desalienante, isto é, dessacralizante e igualitário, que representa um primeiro passo – se bem que tímido – no caminho de mais radicais transformações.

Entretanto, sem desdenhar o proveito que asseveram auferir da exploração de atitudes de certos Hierarcas e das decisões do II Concílio Vaticano, os “grupos proféticos” julgam que a desalienação completa só poderá vir de uma luta de classes entre o Episcopado e o Clero de um lado, e os leigos de outro.

A razão disto, alegam eles, está em que de um Hierarca simpático à desalienação se podem esperar concessões que lhe reduzam

os poderes; mas, por mais simpático que seja, não há como esperar dele uma renúncia completa, que equivaleria a um suicídio.

2 . O meio para chegar à vitória da revolução desalienante na Igreja: a insurreição do laicato

Assim, cumpre **conscientizar** o laicato para que, em luta com os Hierarcas, exija as **reformas de estrutura** na Igreja, que A **democratizem**. Em suma, o remédio está na **luta de classes** dentro da Igreja.

Essa luta deve ser feita por etapas:

a – campanha de descrédito contra a Igreja “constantiniana”;

b – insuflação do desejo das reformas de estrutura da Igreja;

c – agitações, greves;

d – capitulação da Hierarquia e implantação das reformas.

IV – Os “grupos proféticos”, artífices da luta de classes pela desalienação da Igreja

Os novos carismas de cuja vida a Igreja-Nova viverá, recebe-os hoje não mais a Hierarquia, mas o povo fiel. Cabe pois à Hierarquia, como vimos, obedecer ao povo.

A todo o povo? Este deve ser, se não governado, pelo menos iluminado e liderado pelos grupos carismáticos e proféticos que o Espírito suscita na Igreja para **darem testemunho**.

O conjunto desses grupos formará, pois, dentro da Igreja invertebrada com que sonham, uma rede de influências à qual tocará o verdadeiro poder.

Isto aumenta o interesse do estudo sobre a estrutura e os métodos dos “grupos proféticos”, que adiante faremos.

É aliás entre os seus membros, representantes naturais do laicato, que se deverá

recrutar a Câmara popular dentro da Igreja-Nova.

Quais são os meios de que dispõe o “movimento profético” para promover a subversão reformista na Igreja?

1 . A extensão do “movimento profético”

Os “grupos proféticos” são em grande número. Existem em muitos países. Eles correspondem – pelo convívio íntimo que proporcionam – a anseios de sociabilidade profundos, do homem contemporâneo perdido e isolado no anonimato das grandes multidões. Por este e outros motivos, seu número tende a multiplicar-se indefinidamente.

2 . A estrutura secreta do “movimento profético”

Essa estrutura é flexível e muito adequada para promover a subversão na Igreja.

Os “grupos proféticos” são verdadeiras células, de número variável de pessoas. Em todo caso, tal número nunca chega a ser grande. Dessas pessoas, nem todas se põem ao corrente, com a mesma profundidade, dos fins, dos métodos e das conexões do grupo. Cada uma das células é assim uma minúscula sociedade secreta.

Cada célula tem contato habitual com outras do mesmo gênero, o que faz do movimento uma imensa engrenagem de uma miríade de pequenas peças.

A essa unidade funcional se soma outra, mais preciosa: todas visam o mesmo fim, ou seja, a luta de classes para impor na Igreja uma reforma desalienante.

Há que mencionar ainda a uniformidade com que empregam, quer para o recrutamento, quer para a subversão, os mesmos métodos complicados e subtis. Destes métodos falaremos adiante.

Todos estes fatores fazem dos “grupos proféticos”, vistos em seu conjunto, um movimento impressionantemente uno.

Terão eles, como expressão dessa unidade, uma direção central suprema? O estudo de “Ecclesia” não o diz explicitamente. Mas os dados fornecidos pela revista tornam impossível não responder pela afirmativa. Pois não se vê como conservar fiéis a uma doutrina complexa, manter uniformes em sua estruturação interna delicada, em seus métodos requintadamente especializados, uma tal miríade de corpúsculos existentes em países diversos e distantes. Quanto maior a multiplicidade e a variedade de um todo, tanto maior a necessidade de um vínculo estrutural forte para o manter unido. Também em sua direção central, os “grupos proféticos” são, pois, - concluímos nós – uma organização clandestina.

Por que modo essa direção central mantém efetivo e ignorado o seu poder sobre as células? As aparências, respondemos, fazem pensar em um compromisso assumido por elementos mais graduados que, eles sim, seriam postos ao corrente da existência da direção central.

Qual o motivo de se manter isto em mistério? A razão é simples. Os “grupos proféticos” se apresentam como fruto espontâneo de uma chuva de carismas a animar um laicato que uma evolução profundamente natural, e também espontânea, tornou adulto. Eles não podem, pois, tomar ares de um movimento organizado por uma pequena cúpula, astuta e eficiente.

3 . Os métodos de recrutamento e formação; a iniciação “profética”

Um “grupo profético” penetra, vive e se multiplica sempre em um ambiente ou instituição católica, como a bactéria penetra e vive no corpo. Ele nasce, em geral, da ação de um ou alguns agitadores discretos, que fazem reuniões sobre temas simpáticos e muito genéricos, - a paz, por exemplo. Entre os ouvintes dessas reuniões se recruta o primeiro punhado de adeptos.

Para não despertar desconfianças, os agitadores convidam, para uma ou outra reunião algum Sacerdote ou Bispo que – ingênuo ou cúmplice, supomos – aprove e abençoe.

Recrutado paulatinamente um número maior de membros, começa a inoculação subversiva.

Essa inoculação tem duas fases. Na primeira, procede-se à difamação gradual da Igreja “constantiniana”. Na segunda, ateia-se fogo aos espíritos, fazendo-os desejar as reformas que transformem a Igreja “constantiniana” em Igreja-Nova.

Esse trabalho começa lentamente, por pequenos sarcasmos lançados aqui e acolá, por frases soltas, por **slogans** cuidadosos. Os membros que corresponderem favoravelmente a esses estímulos subversivos irão sendo promovidos ao conhecimento de maiores horizontes revolucionários. Os outros serão postos em estagnação, emudecidos ou alijados.

V . Como os “grupos proféticos” fazem a luta de classes na Igreja

Formada assim uma rede suficientemente ampla de “grupos proféticos”, o movimento está apto para sair da sombra e entrar estrepitosamente em ação. Está aos olhos de todos como se faz uma agitação eclesiástica. Limitamo-nos a resumir o que todos vêem.

Ajudados habitualmente por uma forte publicidade, à qual tudo leva a crer que o IDO-C não seja alheio, certos ativistas começam a promover greves de paroquianos contra algum Bispo ou Padre que não aceite de pronto reivindicações descabeladas. Se não são greves, são passeatas, ocupação de igrejas, manifestos pela imprensa, etc. Em suma sempre uma luta de classes para levar o laicato a destruir as alienações de que o Clero seria o beneficiário alienante e explorador.

A publicidade que tais atos alcançam é evidentemente de molde a atrair para a agitação novos recrutas impressionáveis, ou desejosos de aparecer. O movimento engrossa, e assim se torna apto a mais ousados atos de subversão.

O conjunto destes fatos cria um clima de **terrorismo publicitário** contra os recalci-trantes, que isola deles amigos e até familiares

e desse modo reduz ao mutismo quase todos os que estariam dispostos a reagir.

Esse terror – nos lugares onde há “grupos proféticos” – é preparado com longa antecedência por estatísticas e inquéritos sociais tendenciosos, elaborados e divulgados pelos “grupos proféticos”. Estes conseguem, assim, fazer crer que a imensa massa dos fiéis deseja as reformas na Igreja, que tal é o espírito irrefragável dos tempos, e que opor-se às reformas é o mesmo que querer deter com as mãos a maré montante. Os sintomas, reais ou forjados, das tendências revolucionárias das multidões são os “sinais dos tempos”. Captam-nos com perspicácia especial os que possuem “carismas proféticos”. Graças ao alarido dos “grupos proféticos”, a subversão eclesial, obra de uma minoria, parece corresponder assim aos anseios mal contidos de multidões inteiras enfurecidas por se julgarem alienadas.

O espírito da época, percebido “profeticamente” nos “sinais dos tempos”, é a norma suprema, ensinam os “grupos proféticos”. Não há maior loucura do que tentar resistir-lhe: é ser anacrônico, ridículo, desprezível. A Igreja “constantiniana” tinha a pretensão de modelar os tempos: a Igreja-Nova sabe que, pelo contrário, deve deixar-se modelar por eles.

Assim, ou a Igreja aceita as reformas impostas pela evolução e Se transforma em Igreja-Nova, ou morre.

A esta pressão, feita no interior mesmo da Igreja, em tantos países, pela boca de todos os membros dos “grupos proféticos” e pelas grandes tubas publicitárias do IDO-C, é difícil resistir.

A resistência só é possível a espíritos muito seletos, de uma firmeza de princípios inabalável, dispostos a arcar com os maiores dissabores. E os mais inesperados.

VI – Relações entre o “movimento profético” e o progressismo

O público brasileiro já conhece de so-bejo o conjunto de aspirações, doutrinas,

transformações e tumultos que caracterizam, na ordem do pensamento e da ação, o chamado **progressismo católico**. E tal é a afinidade dos “grupos proféticos” – como aliás também do IDO-C – com o progressismo, que nossos leitores se terão perguntado a todo momento qual a relação entre este e aqueles.

A pergunta é das mais procedentes, pois não há um só traço característico do progressismo que não esteja explícita ou implícita, próxima ou remotamente relacionado com os “grupos proféticos”.

A ação do progressismo é tão ampla, e tão variada a gama de seus matizes – que vão desde o “moderado” e “conservador” até o revolucionário comunista – que nos parece exagerado atribuir ao “movimento profético” e ao IDO-C a causalidade da corrente progressista em todo o mundo. É certo, entretanto, que as “minorias proféticas” merecem ser qualificadas de progressistas.

Esta observação alerta o espírito para outro problema. Se, ao contrário do que à primeira vista se pode supor, o “movimento profético” tem sua causa em uma organização semiclandestina definitivamente estruturada, também não haverá uma entidade mais vasta, que seja a causadora do progressismo em toda a Igreja? A resposta a esta importante pergunta transborda dos limites do presente comentário.

VII – Os “grupos proféticos” estão a serviço do comunismo

Pelo que até aqui ficou exposto, consideramos que é gravemente de se suspeitar que os “grupos proféticos” estejam a serviço do comunismo. Para tal, basta ponderar que:

a – os “grupos proféticos” são afins com o comunismo;

b – eles são úteis ao comunismo;

c – como os adeptos deste soem criar e dirigir movimentos afins que atuam em proveito da causa comunista, é sumamente provável que os “grupos proféticos” tenham sido

criados pelos comunistas e sejam por estes dirigidos;

d – é tática marxista habitual infiltrar-se nos grupos afins para os pôr a serviço da causa comunista; nestas condições, mesmo no caso de os “grupos proféticos” não terem sido criados pelos comunistas, é pelo menos altamente provável que sejam dirigidos por estes, para a infiltração vermelha na Igreja;

e – fatos expressivos adiante indicados corroboram fortemente estas suspeitas.

Detenhamo-nos um pouco no assunto.

As afinidades entre os objetivos dos “grupos proféticos” e os do comunismo são evidentes: os primeiros visam desalienar, e portanto dessacralizar e tornar rigorosamente igualitária a Sociedade espiritual, que é a Igreja, e incitam os católicos em favor das desalienações na sociedade temporal; o comunismo visa desalienar e tornar rigorosamente igualitária a mesma sociedade temporal. Pode-se dizer, assim, que os “grupos proféticos” fazem a revolução comunista dentro da Igreja.

Que vantagem tem nisto o comunismo? A Igreja-Nova, resultante da ação do “movimento profético”, não crê num Deus pessoal, mas num Deus difuso e impessoal, que é imanente e onipresente na natureza. Ela crê na evolução, no progresso e na técnica como as grandes forças inelutáveis que animam o movimento universal, remedeiam a desdita do homem e dão rumo à História. Num lance de olhos é fácil ver que essa doutrina importa em afirmar a divinização da evolução, do progresso e da técnica. O que é extraordinariamente parecido, se não idêntico, com o conceito evolucionista e materialista de Marx. A Igreja-Nova não tem, para se opor ao comunismo, os mesmos motivos religiosos invencíveis que tem levado a Igreja “constantiniana” a se opor a este como a seu pior adversário. Pelo contrário, a teologia da Igreja-Nova prepara os espíritos a aderir a ele.

Em outros termos, à medida que faz adeptos, a Igreja-Nova forma simpatizantes do comunismo, ou até comunistas militantes.

Também em face dos aspectos sociais e econômicos do marxismo, a atitude da Igreja-Nova difere da posição tradicional da Igreja “constantiniana”. Com efeito, esta última – com base no 7.º e 10.º Mandamentos – condena o regime social e econômico comunista como imoral, e afirma a legitimidade da propriedade individual, do capitalismo e do salariado, de sorte que, ainda se um regime vermelho reconhecesse à Igreja existência legal e liberdade de culto, Ela seria irredutivelmente anticomunista. Pelo contrário, a Igreja-Nova, infensa a todas as alienações, só tem motivos para ver com bons olhos a supressão de situações patrimoniais e relações de trabalho que o comunismo tacha de alienantes.

Assim, a vitória da Igreja-Nova teria como conseqüência fatal a transformação da Religião Católica – também em matéria social – de força irredutivelmente contrária ao comunismo, em força auxiliar ou até propulsora deste.

Qual o alcance concreto dessa eventual transformação?

Há no mundo cerca de 500 milhões de católicos; transformá-los de inimigos inflexíveis em auxiliares ou militantes do comunismo, que estupenda conquista seria para este!

O que o comunismo até aqui não conseguiu, e jamais conseguiria pelas perseguições mais atrozes, ele o alcançaria, sem nenhuma violência e nenhum risco de suscitar perigosas reações, pela simples metamorfose incruenta da Igreja Católica em Igreja-Nova.

Diante desta perspectiva, as graves suspeitas que, baseados no estudo de “Ecclesia”, levantamos inicialmente sobre a posição do movimento comunista perante o “movimento profético”, mudam de colorido. Elas se transformam em certeza moral. Quem conheça a suma habilidade do comunismo internacional em infiltrar e neutralizar as forças adversárias, e em apoiar todos os movimentos subversivos favoráveis, não pode admitir que os dirigentes comunistas estejam indiferentes, inertes e alheios em face do êxito tático incomparável que lhes poderá advir da infiltração dos “grupos proféticos” entre os

500 milhões de católicos, da neutralização desta força imensa, e até de seu aproveitamento em favor da causa marxista.

Ninguém de bom senso pode admitir que, favorecendo em tão grande escala o comunismo, a Igreja-Nova, por sua vez, não seja por ele largamente ajudada. Dado **in concreto** o proselitismo sanhudo e a incontável cópia de recursos do comunismo, tem plena aplicação nesta temática o raciocínio: pôde, quis, logo fez (“potuit plane; si igitur voluit, fecit”). Apliquemo-lo aos fatos:

- os comunistas podem ajudar de mil modos o triunfo da Igreja-Nova, e nesta só encontram predisposição para aceitar este auxílio;
- ora, é claro que os comunistas querem ardentemente tal triunfo;
- logo, eles favorecem potentemente o “movimento profético”, artífice da Igreja-Nova. E se o favorecem tão largamente, é claro que tem todos os meios para nele se infiltrar e o dirigir.

No estudo de “Ecclesia” há mais de um dado concreto que fala em favor desta conclusão.

Um deles é que os “grupos proféticos” aconselham os seus membros a recusar qualquer cooperação com os regimes não comunistas, por considerá-los alienantes. Porém recomendam que colaborem com os regimes comunistas, pois os consideram desalienantes.

Outro fato, noticiado no tópico final de “Ecclesia” que deixamos para publicar no próximo número, é que os “grupos proféticos” alcançaram bom desenvolvimento na Alemanha Oriental, o que jamais seria possível sem o agrado das autoridades comunistas.

Não seria demais lembrar as afinidades do IDO-C com o movimento comunista. Sendo o IDO-C também afim com os “grupos proféticos”, decorre igualmente daí uma afinidade entre estes e o movimento comunista. Pois duas entidades afins, sob o mesmo título, com uma terceira, são afins entre si.

VIII – Viabilidade do plano comunista acerca da Igreja-Nova

Uma última pergunta, de alcance estratégico, ainda resta por formular. Os “grupos proféticos” e seus comparsas marxistas esperam seriamente conseguir a metamorfose de toda a Igreja “constantiniana” em Igreja-Nova? O estudo de “Ecclesia” nos fornece, sobre este ponto, alguns dados que servem de matéria para conjecturas.

A despeito de inculcar seu programa reformista como um imperativo dos tempos, ditado pelo clamor indignado de imensas multidões de alienados em revolta, os líderes do “movimento profético” confessam que, impostas integralmente na Igreja suas reformas, estas acarretarão tantas dispersões e apostasias, que a Igreja-Nova ficará reduzida provavelmente a um pequeno número de fiéis.

Isto posto, pergunta-se, que lucro teria o comunismo em tal caso?

Imaginemos verificadas as esperanças dos reformadores. Alguns tantos Hierarcas e Sacerdotes cúmplices, e outros tantos débeis e atemorizados, iriam cedendo a pressões, sempre mais violentas, dos “grupos proféticos”. A onda reformista ir-se-ia avolumando ameaçadoramente. A heresia se iria tornando então mais patente. A reação legítima dos fiéis também cresceria. E, à medida que crescesse, começariam os atos persecutórios dos maus pastores contra estes: censuras de cá, excomunhões de lá, interditos de acolá. Um fosso se abriria entre ambos os lados. Ninguém sabe que proporções alarmantes a crise poderia ganhar em tal caso. Basta pensar na heresia ariana do século IV, que conquistou quase toda a Cristandade. Naquela conjuntura, que confusões terríveis, que provações tremendas a Providência permitiu para castigo dos homens.

Confusão também estarrecedora ocorreu sob o pontificado de Honório I. Os teólogos afirmam que esse Papa, por suas omissões e sua ambigüidade, favoreceu a heresia monotelita. Como é sabido, escreveu ele uma carta ao Patriarca Sérgio, de Constantinopla, vazada em termos tais, que veio a ser condenada

pelo VI Concílio Ecumênico, aprovado pelo Papa São Leão II. A confusão criada por esta carta foi tamanha, que até hoje grande número de teólogos ainda considera obscuro o problema.

Será suficiente que os comunistas a-bram qualquer compêndio de História Eclesi-ástica, para verem que desgraças dessas são possíveis. Em consequência, está na lógica das coisas que tentem tudo para as reproduzir em nossos dias.

É o que por certo eles visam com os “grupos proféticos”, e isso ainda mesmo que estes não consigam reunir em torno de si se-não poucos católicos, ou antes, “ex-católicos”. Que imenso lucro teria o comunismo se esta hipotética revivescência do pas-sado se transformasse em realidade...

Claro está que, mesmo em tal caso, o Espírito Santo velaria pela integridade do de-pósito da Fé. A infalibilidade papal jamais deixaria de existir. A Igreja imortal não mor-riera, e em sua constituição divina haveria remédio para tão calamitosa situação².

Peçamos à Providência que poupe isto à Esposa de Cristo. Mas ainda que Ela permi-tisse esta prova, a Igreja acabaria por triunfar. Assiste-A a promessa divina, e A reconfortam as palavras de Nossa Senhora de Fátima: “Por fim meu Imaculado Coração triunfará!”.

² Sobre essas complexas matérias, é interessante estudar, por exemplo: *Papa Adriano II* (All. 3 Conc. VIII act. 7); *Papa Inocêncio III* (sermo IV in cons. Pont.); *S. Antonino* (S. Th., III, 23-24); *S. Roberto Bellarmino* (De R. Pont. 2, 30; 4, 6 ss.); *Suárez* (De Fide, X, 6; De Leg., IV, 7); *S. Afonso* (Th. Mor., I, nn. 121-135); *Bouix* (Tr. De Papa, II, p. 635-673); *Wernz-Vidal* (I. Can., II, pp. 517 ss.); *Card. Billot* (De Eccl. Chr. Pp. 609 ss.); *Vermeersh-Creusen* (Ep. J. Can., I, n. 340); *Card. Journet* (L'Egl. Du Verbe Inc., I, pp. 625 ss.; II, pp. 821, 1063 ss.). Ver também *Arnaldo Vidigal Xavier da Silveira*, artigos “Qual a autorid. doutr. dos Doc. Pont. e concil.?”; “Não só a heresia pode ser condenada pela Autorid. Ecl.”; “Ato, gestos, atitudes e omissões podem caracterizar o herege”; “Respondendo a ob-jeções de um imaginário leitor progressista”, em “Catolicismo”, n.ºs 202, 203, 204 e 206, de out., nov. e dez. 1967 e fev. 1968.

O texto de “Approaches”

Dossier a respeito do IDO-C

Este “**Dossier a respeito do IDO-C**” foi publicado pelo boletim britânico “**Approaches**”, em seu número 10-11, de janeiro de 1968, pp. 30-95. Reproduzido em vários outros órgãos católicos da Europa e da América, o “Centro de Información y Orientación”, de Madrid, o editou em forma de folheto (Editorial CIO, S/A, “Colección Documentos para la Historia”, no. 3, Madrid, 1968).

A tradução que apresentamos aos nossos leitores foi feita a partir da versão espanhola da Editora CIO; tendo recebido à última hora o original inglês, procedemos a uma rápida revisão do nosso texto, emendando as imprecisões que assim pudemos encontrar.

Suprimimos alguns tópicos que não se referem diretamente ao IDO-C e nos pareceram de menor interesse para o público brasileiro; essa supressão é indicada por reticências entre colchetes [...]. Inserimos uma ou outra palavra no texto, para maior clareza; esses acréscimos aparecem sempre entre colchetes []. Compusemos em negrito as passagens ou expressões que se nos afigurou oportuno destacar. As notas de rodapé são de “Approaches”, como também o são quase todos os subtítulos, sendo os outros da CIO.

Segundo o costume inglês, “Approaches” chama os eclesiásticos simplesmente de “reverendo”. Aos que verificamos serem católicos, demos o título de Pe., Mons., etc.

I . Que é o IDO-C?

Segundo uma circular intitulada “Que é o IDO-C?”, publicada pela Secção Administrativa do próprio IDO-C no Reino-Unido,

“IDO-C é um grupo internacional, com quartel-general em Roma e com uma crescente rede de ramificações que abarcam o mundo inteiro. Independente de qualquer instituição religiosa ou estatal, é uma organização sem fito de lucro, submetida às leis italianas, aberta a toda classe de pessoas e com dirigentes eleitos democraticamente.

Sua função específica consiste em coligir e distribuir documentação acerca dos feitos estruturais e teológicos da continuada aplicação dos decretos e do espírito do Concílio Vaticano II. Esta documentação não é apresentada em nível popular (como a apresentaria um jornal ou uma agência de notícias), mas ao nível indicado para os especialistas nas ciências relacionadas com os as-

suntos da Igreja e com os meios de comunicação social.

Entre seus assinantes encontram-se Bispos, dirigentes de comissões diocesanas (liturgia, reforma do Direito Canônico, relações entre o Clero e o laicato, etc.), professores de Teologia, de Sagrada Escritura, de Direito Canônico, de Sociologia, de Psicologia, de História da Igreja, etc., e estudantes adiantados de seminários católicos, protestantes e judeus, diretores de publicações católicas, protestantes e judaicas, e encarregados das secções religiosas de grandes jornais e revistas de informação geral”.

Um boletim similar, editado em francês, informa o seguinte:

“IDO-C (Centro Internacional de Informação e Documentação relativa à Igreja Conciliar) procura continuar a nova comunicação “horizontal”, posta a lume pelo Concílio, entre Bispos e teólogos, entre diferentes povos e continentes, entre católicos e outros

cristãos, e entre a Igreja institucional e a opinião pública, pondo assim em contato as opiniões e as idéias de todos os membros do Povo de Deus.

Para garantir esta comunicação, o IDO-C estabeleceu um comitê composto por 120 teólogos, membros de institutos de pesquisa e correspondentes religiosos, pertencentes a cerca de trinta países. Ele deve parte do que é atualmente a dois dos centros mais importantes estabelecidos durante o Vaticano II: o CCCC (Centro de Coordenação das Comunicações sobre o Concílio), que atendia à imprensa, e DO-C (Centro Holandês de Documentação, que fornecia documentação sobretudo aos Bispos e teólogos) e continua a tarefa deles”.

O boletim em língua francesa informa-nos igualmente que “o Comitê Internacional do IDO-C está representado por um Comitê Executivo cujos membros são as seguintes pessoas: Prof. R. Van Kets, O.P. (presidente, Bélgica-Roma/ Dr. L.G.M. Alting von Geusau (secretário-geral), Holanda-Roma/ Dr. G. Bigazzi (administrador), Roma / Dr. B. Tonna (conselheiro), SEDOS-FERES, Malta-Roma / Prof. Alberigo “Centro di Documentazione”, Bolonha, Itália / J. Álvarez Icaza, “Movimento Familiar”, México ; J. P. Dubois-Dumée, “Informations Catholiques Internationales”, França / Dr. R. Lynch, S.J., Rádio Vaticana, EUA-Roma / Prof. J. Mejia, “Criterio”, Buenos Aires / N. Middleton, “Sheed and Ward”, Londres / Dr. A. Montero, “Ecclesia”, Espanha / Donald Quinn, “St. Louis Review”, Saint Louis, EUA / Mlle. Ch. De Schryver, DIA, África-Bélgica / Dr. J. Seeber, “Herder Korrespondenz”, Alemanha / Dr. J. Turowicz, “Znak”, Cracóvia, Polónia.

II . História do IDO-C

Ainda que breve, a história do IDO-C é sumamente interessante. Em dezembro de 1963 surgiu um centro de informação para os Bispos holandeses, que publicava boletins em holandês. Pouco depois, e como consequência da procura de outros grupos, o centro começou a divulgar boletins de informação em francês, inglês, alemão, espanhol e italiano. Este centro de informação, que desde o início

adotou o título de DO-C, incluía especialistas em informação religiosa não holandeses.

Por aquela mesma época, e com o fito de promover entre jornalistas progressistas um intercâmbio de informações referentes ao Concílio, fundou-se o CCCC (Centro di Coordinazione delle Comunicazione sul Concilio).

Ao encerrar-se o Concílio, o trabalho deste escritório de imprensa terminou, já que havia sido concebido como uma organização temporária. Não obstante, e com o fim de manter as relações que haviam sido estabelecidas durante o Concílio, os correspondentes religiosos que o compunham uniram-se à agência holandesa, e assim nasceu, em dezembro de 1965, o IDO-C.

Seus principais animadores foram o **Pe. Leo Alting von Geusau**, Sacerdote holandês residente em Roma, e o **Pe. Rafael van Kets**, professor do Angelicum, em Roma. O primeiro, secretário-geral do IDO-C, fez, imediatamente antes da fundação, uma visita aos Estados Unidos, com a presumível intenção de obter suficientes recursos para lançar o novo empreendimento. O secretário-geral parece ser também o “missionário”-chefe do IDO-C, pois, segundo o boletim publicitário da Secção Administrativa do Reino Unido, “*percorreu recentemente a América Latina e organizou centros no México, Colômbia, Chile, Uruguai e Brasil, com os quais esperamos iniciar em breve uma distribuição em larga escala na América Latina. Centros similares funcionam já nos Estados Unidos, França, Holanda, Espanha e Irlanda. A documentação é distribuída atualmente em inglês, francês, italiano, alemão e espanhol. Desejamos acrescentar, pelo menos, o português, o árabe, o hindi, o chinês e o japonês, com o intuito de alcançar as principais culturas do mundo. Ainda que o seu conteúdo se refira principalmente a atualização da Igreja Católica, cada vez mais e mais se orienta em um sentido ecumênico, pois, como os problemas de nossos dias não mais ficam circunscritos a uma ou outra Igreja, nosso serviço não se destina exclusivamente aos católicos”.*

A Secção Administrativa do IDO-C do Reino-Unido é recente. Isto não quer dizer que até agora não tenha ele tido influência sobre a imprensa britânica. Já desde dezembro de 1966 “The Tablet” reconhecia o IDO-C como fonte de informação. Do material de procedência desconhecida, que aparece nas publicações britânicas, é, naturalmente, impossível saber quanto vem do IDO-C. Sabemos, não obstante, que o **Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Informação e Documentação Religiosa**, que pertence ao IDO-C, incluiu desde o início representantes seus nos periódicos “Guardian” (Manchester), “The Tablet”, “The Month” e “Slant”, assim como nas editoras “Burns and Oates” e “Shed and Ward”, cujo diretor-gerente de então, **Neil Middleton** (associado também ativamente a “Slant”), era membro do primeiro Comitê Executivo Internacional do IDO-C.

Ainda que o IDO-C tenha sido em seus primórdios inspirado largamente pelos teólogos e intelectuais holandeses **de vanguarda**, expandiu-se desde então, para transformar-se efetivamente no progressista Centro de Documentação e Informação do **“International Catholic Establishment”**. Como assinala o boletim de propaganda da Secção Administrativa do Reino-Unido do IDO-C.

“Por causa das circunstâncias históricas de sua fundação (fusão do centro DO-C holandês com o CCCC), O IDO-C foi de início considerado principalmente como um centro holandês. De fato, havia de começo uma justificativa para isso, tanto por causa do pessoal e dos contatos havidos, quanto porque a Igreja da Holanda se mostrava particularmente ativa para responder às iniciativas do Vaticano II. Hoje, no entanto, o IDO-C pode afirmar sua real internacionalidade, tanto por sua composição, como por seus objetivos. Dos 36 membros de seu escritório internacional de redação, apenas cinco são holandeses. Das quinze pessoas que trabalham habitualmente no escritório de Roma, sete são italianos, dois espanhóis; um brasileiro; um inglês; dois holandeses; um australiano; e um belga”.

Na verdade, o IDO-C está solidamente implantado no Reino-Unido, onde seu ende-

reço é o da prestigiosa editora **“Burns and Oates”**, que não somente edita a publicação oficial “Catholic Directory”, mas se jacta do título de “Editores da Santa Sé”. Este título de “Editores da Santa Sé” foi-lhe arrebatado há pouco mais de um ano pela editora internacional progressista **Herder e Herder**, que está representada no Comitê Executivo Internacional do IDO-C pelo Dr. J. Seeber, da Alemanha, e no Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Documentação e Informação Religiosa pelo mesmo Dr. Seeber e ainda pelo Prof. N. Greitemann, de Viena (e agora também por Paul Burns, de “Burns and Oates”), com o que Herder e Herder tem nada menos do que quatro votos nestes dois comitês internacionais chaves do IDO-C.

III – O IDO-C no Reino Unido

1 . Seu estado-maior

O pessoal dirigente da Secção do IDO-C no Reino-Unido é o seguinte: Pe. **Laurence Bright, O.P.**, presidente (do corpo redatorial de “Slant”) / **Paul Burns** (de “Burns and Oates”, isto é, de Herder e Herder) / Mrs. Pauline Clough (dirigente do grupo “Slant”, Southampton) / Adrian Cunningham, do corpo redatorial de “Slant” / Jack Dunman (do Partido Comunista da Grã-Bretanha, dirigente especialista em ecumenismo) / Pe. John Foster / Pe. Nicholas Lash / Dra. Monica Lawlor (secretária honorária da “Newman Association”) / rev. Paul Oestreicher (igreja anglicana) / Martin Redfern (diretor de redação de “Slant”) / Anthony Spencer (“Newman Association”) / rev. John Weller (não católico) / Theo Westow / Hugh Wilcox / Austin Winckley.

2 . Papel de “Slant”

Antes de passarmos a considerar outros aspectos da composição “realmente internacional” do IDO-C, façamos notar, de passagem, que além de estar representado no Comitê Executivo Internacional do IDO-C pelo seu diretor e distribuidor (Neil Middleton), “Slant” faz-se representar na Secção do IDO-C do Reino-Unido pelo seu diretor de redação (Martin Redfern), por dois membros de seu quadro redatorial (o Pe. Laurence Bright e Adrian Cunningham) e por um de seus mais

ativos dirigentes (Mrs. Pauline Clough). Entretanto, ainda mais significativo, como veremos, é o fato de que o presidente da Secção do IDO-C do Reino-Unido não é outro que o Padre Laurence Bright, O.P.

Para bem apreciar o significado da grande influência de “Slant” na Secção do IDO-C no Reino-Unido (quatro membros em quinze), é necessário relacioná-la com os seguintes fatos:

1 . que na conferência de Edimburgo, a 26 de novembro de 1966, Terry Eagleton admitiu que “Slant” estava nas melhores relações com a agência de polícia secreta polonesa “Pax”;

2 . que em qualquer comissão de um organismo de “fachada”, um núcleo-chave compacto de quatro pessoas é mais do que suficiente para, em um conjunto de quinze, conseguir com toda a segurança manter na linha os demais.

Isto seria verdade mesmo se **Jack Dunman** não fosse igualmente membro do grupo. No entanto, como ele o é, a “fração” “Slant” pode, dentro da Secção do IDO-C no Reino-Unido, contar com ele não apenas como um voto a mais, mas também para se beneficiar de sua considerável experiência neste gênero de trabalhos, com o que aumenta imensamente a influência efetiva de “Slant” no seio do IDO-C.

Em conseqüência, a presença de Dunman nesse grupo não deve ser estimada ou avaliada simplesmente em função da circunstância de que ela significa que nada menos de um terço do pessoal dirigente do IDO-C é declaradamente comunista ou é “católico”-marxista. Seu significado autêntico só pode ser completamente apreciado quando se tem diante dos olhos o que quer dizer o fato de que a “fração” marxista da Secção do IDO-C no Reino-Unido, composta de cinco pessoas, é orientada por um dos “cadres” dirigentes do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

3 . Quem é Dunman?

Isto será negado calorosamente, sem dúvida, pelos “slantistas”, que provavelmente se dirão a si mesmos (e quiçá acreditem nisso) que eles se submetem à experiência de Dunman apenas em assuntos de organização e tática. Mas poderiam Dunman e o Partido Comunista britânico desejar mais do que isso?

Para que não se pense que Dunman não é um comunista tão importante como o apresentamos, convém oferecer um rápido esboço de sua carreira dentro do Partido. Este resumo revelará, fora de qualquer dúvida, que ele é algo mais do que um soldado raso, um intelectual comum, que foi parar no IDO-C à falta de algo melhor para fazer.

Dunman foi um dos organizadores do Partido Comunista inglês já em 1939. Dez anos mais tarde encontramos-lo candidato comunista por Berkshire, para voltar a sê-lo em 1950, desta vez por Abingdon; dois anos depois representa novamente a mesma agremiação como candidato por Harwell. Tudo isto é, contudo, puramente acidental em relação ao trabalho regular de Dunman para o Partido, pois em 1950 passou a secretário da Comissão Agrícola deste, e desde então é considerado o dirigente comunista perito no setor agrícola. É também o diretor do “Country Standard”, órgão do Partido Comunista para questões agrícolas. Um aspecto de seu trabalho neste terreno é o interesse que tem dedicado, desde há muitos anos, aos assuntos da União Nacional de Trabalhadores do Campo. O “Daily Worker” de 10 de janeiro de 1948 informava que ele era, naquela época, membro da Comissão do Condado de Berkshire da citada União Nacional.

Como sua especialidade é inapreciável para o Partido, pertenceu também à Comissão Executiva Nacional e em 1965 dirigiu o Congresso Nacional do Partido Comunista para problemas agrícolas (com particular referência aos despejos de arrendatários e às propriedades rurais não cultivadas). E, naturalmente, é ainda diretor de “The Country Standard”, que – diga-se de passagem – é anunciado em “Slant”.

Ultimamente, contudo, Dunman deu mostras de uma versatilidade tardia e se con-

verteu em especialista no diálogo com os cristãos. E assim encontramos-lo como membro da equipe comunista de quinze “ecumenistas” que recentemente dialogaram com uma curiosa mistura de cristãos³, sob os auspícios de “Marxism Today” (órgão do Partido Comunista) e do departamento internacional do Conselho Britânico de Igrejas, cujo secretário-adjunto, o rev. Paul Oestreicher, é também, curiosamente, dirigente da Secção do IDO-C no Reino-Unido.

É verdade que Dunman é classificado tão somente como membro da equipe “ecumênica” comunistas. Este auto-eclipsar-se de sua parte não nos deve desorientar. O fato de que ele seja o único dirigente comunista conhecido como membro de um suposto organismo “católico” (o IDO-C), e diretor do único órgão comunista que publica anúncios em “Slant”, basta para nos indicar que ele é agora a figura-chave nas atividades “ecumênicas” empreendidas pelo Partido. Em suma, Dunman se apresentaria como a réplica, deste lado do Canal, do celebrado e talentoso Roger Garaudy.

4 . Outros dirigentes do IDO-C britânico

O que consta a respeito dos outros dez membros da equipe britânica do IDO-C?

Como já vimos, o rev. **Paul Oestreicher** é especialista em organizar, de modo peculiar, agradáveis diálogos com o Partido Comunista. Ele o faz graças à sua condição de secretário internacional adjunto do Conselho Britânico de Igrejas, com responsabilidade especial no que diz respeito às relações Leste-Oeste e ao diálogo da igreja anglicana com o comunismo. Parece considerar também de seu dever manter relações íntimas com o grupo “Slant”, pois encontramos-lo como orador (juntamente com o Dominicano “slantista” Pe. Boxer) na conferência anual do Grupo (“Slant”) em Spode House em 1966. É tam-

bém um ardente teillardista e, como tal, dirigiu em 1967 a conferência da Associação Teillard de Chardin. A julgar pela notícia de seu discurso publicada em “The Tablet”, parece ter ele aproveitado a ocasião para manifestar publicamente sua calorosa admiração por Martin Luther King e pelo ultra-progressista Jesuíta Daniel Berrigan, cujo extremismo o levou a sofrer sanções temporárias até na latitudinária América do Norte de nossos dias. Em consequência, parece sumamente improvável que o rev. Paul Oestreicher deseje seriamente fazer frente ao estilo da “fração” marxista e guiada pelo comunismo, da equipe do IDO-C no Reino-Unido.

Restam-nos nove. Dois deles, pelo menos, são conhecidos como pertencentes ao que, no característico vezo inglês de subestimar as coisas, poderia ser considerado como bem à esquerda do centro. São eles: **Anthony Spencer** e a Dra. **Monica Lawlor**.

Foi a Dra. Monica Lawlor quem, como secretária da “Newman Association”, montou a defesa do Pe. Herbert McCabe, O.P., quando este foi justificadamente deposto de seu cargo como editor da revista “New Blackfriars” (a qual ele admitiu – na conferência de Edimburgo, acima mencionada – que, como “Slant”, estava nas melhores relações com a agência de polícia secreta polonesa “Pax”).

Esta ação defensiva complementava uma petição dirigida a Roma (sob o patrocínio, entre outros, de Anthony Spencer) durante a celebração de uma “sessão de doutrinação interna” [“Teache-in”] (na qual um dos principais oradores foi o mesmo Anthony Spencer) – precedida por uma “oração interna” [“Pray-in”] – a favor dos que, como Charles Davis e o Pe. McCabe, haviam sido “perseguido” pela Autoridade Eclesiástica. Poder-se-ia considerar mais caridosamente essa “oração interna” se os “newmanistas” que a organizaram tivessem mostrado pelo menos igual indignação para com a perseguição real de nossos irmãos em Cristo atrás das cortinas de ferro e de bambu. Nem se pode alegar em favor da Dra. Monica Lawlor que, como secretária da “Newman Association”, tenha sido arrastada a lançar essa campanha, pois é ela

³ Pode-se ter uma idéia da espécie de “defesa” da posição cristã que terá sido apresentada nesse “diálogo” se se levar em conta que a equipe cristã incluía dois elementos-chave do quadro redatorial de “Slant” (Neil Middleton e Adrian Cunningham, já citados como membros do IDO-C do Reino-Unido), além de duas outras figuras da equipe inglesa do IDO-C (Theo Westow e o rev. Oestreicher) e o Dr. Oliver Pratt, um dos que patrocinaram a petição em favor do Pe. Herbert McCabe. Exceção feita destes, nenhum dos restantes leigos católicos era até então conhecido.

co-autora de “O Caso McCabe”, livro recentemente publicado (desnecessário dizer que por “Sheed and Ward”), obviamente com o propósito de fazê-lo servir de testemunho permanente da “injustiça” eclesiástica na Grã-Bretanha pós-consiliar.

Sobram sete. Destes, o Rev. **John Weller** não parece ser católico, pois é certo que não existe nenhum Sacerdote com esse nome no “Catholic Directory” de 1967.

Ficamos assim com seis. Apenas dois quintos do IDO-C do Reino-Unido. Destes, não se sabe quantos serão passageiros de distinção que, provavelmente, não seriam capazes de fazer balançar a nave do IDO-C. Nesta categoria entra quase com certeza **Paul Burns**, de “Burns and Oates” (ou melhor, de Herder e Herder). Uma vez que cederam ao IDO-C o prestigioso endereço de “Editores da Santa Sé”, têm os Srs. Herder e Herder claros títulos para fazer jus à representação. E como Burns é empregado deles, pode-se presumivelmente confiar nele como eco fiel dos pontos de vista de seus patrões.

Dos cinco restantes, é possível que alguns não passem de uns “joões-ninguém” do campo progressista, que hajam sido chamados a colaborar precisamente porque ninguém sabe nada a seu respeito⁴.(2)

Não obstante seu anonimato, aqui está, em falta de melhor, o que sabemos a respeito deles: o próprio fato de que o **Pe. Laurence Bright, O.P.**, seja o presidente do grupo nos autoriza a deduzir que nenhum deles se mostra excessivamente oposto ao ponto de vista da “fração marxista”. Porque é completamente impensável que esta última, que tem à sua disposição o “savoir faire” político de um dos dirigentes do Partido Comunista da Grã-Bretanha, tivesse sido tão tola a ponto de fazer presidente o Pe. Bright se ocorresse a menor possibilidade de sua designação ser inaceitável para qualquer dos outros (pois não há nada que o Partido ignore quanto à maneira

de fazer com que seus passageiros se sintam felizes).

Portanto, não há exagero em dizer que a **Secção do IDO-C do Reino-Unido é totalmente composta de progressistas e que o grupo é controlado internamente por uma “fração” marxista que atua sob a direção de um dos líderes mais experimentados do PC da Grã-Bretanha.**

Nada disto impede o IDO-C de se jactar – em um boletim em nosso poder – de ser “**um centro a serviço da Igreja**”.

IV . O IDO-C na França

1 . I.C.I. e o IDO-C

A lista do Comitê Executivo Internacional do IDO-C inclui **J.P. Dubois-Dumée** como representante de “**Informations Catholiques Internationales**”. Contudo, Dubois-Dumée é muito mais do que um mero representante de I.C.I.; é ele figura-chave no progressista “**Catholic Establishment**” francês. Representa este uma potência digna de nota. Através do completo domínio que exerce sobre as diversas publicações “católicas” que controla direta ou indiretamente, tem sido capaz de reduzir ao completo silêncio qualquer oposição a seus desígnios, não só nos diferentes setores de Ação Católica, mas até dentro das igrejas, nas quais só por exceção se encontra à venda algum periódico que seja irredutivelmente leal ao ao Magistério. Jornais como “L’Homme Nouveau”, “France Catholique” e “Itinéraires” estão colocados no “Index Librorum Prohibitorum” do “Establishment”, enquanto que órgão dele como “**Informations Catholiques Internationales**” e “**Témoignage Chrétien**” parecem ter o “imprimatur” oficial.

O “Catholic Establishment” francês não depende apenas de sua influência sobre as publicações que controla diretamente. Graças às suas ligações com o “Establishment” laico (maçônico e comunista) – que, nem é necessário dizê-lo, nunca foi por ele combatido ativamente – seu ponto de vista está espelhado fielmente em “**Le Monde**” (por **Henri Fesquet**), em “**Le Figaro**” (pelo **Pe. Lauren-**

⁴ Obtivemos, depois, alguns dados sobre dois deles: **Theo Westow** e o **Pe. Nicholas Lash**. Este último parece ter sido o autor da introdução a um livro progressista do primeiro, cuja resenha foi feita no “Tablet” de 11 de novembro pelo progressista **Pe. Henry St. John, O.P.**. Mais recentemente ainda, o **Pe. Lash** fez a resenha de “*A Question of Conscience*”, de **Charles Davis**, em “*The Universe*” (17 de novembro de 1967), dizendo entre outras coisas: “... lucidez e candura... **Charles Davis** nos teria feito a todos, seus devedores”.

tin), e até em “L’Humanité” (órgão do Partido Comunista francês).

2 . A ação do IDO-C na imprensa francesa

Do mesmo modo que “The Guardian” veio a ser o voluntário porta-voz da opinião de “Slant” – “Newman” quando do caso McCabe na Inglaterra, assim a imprensa leiga francesa (e até, ai!, mais vezes sim do que não, “La Croix”) tende a amplificar a voz do progressismo católico, ao mesmo tempo que silencia a oposição, leal ao Magistério. E isto apesar do fato de que os católicos leais ao Magistério da Santa Igreja na França contemporânea são capazes de organizar reuniões e congressos que atraem público maior do que o que a esquerda, com todo o poder da imprensa à sua disposição, consegue atrair.

Estes atos, entretanto, não são notícia. Notícias são, por definição, os acontecimentos que vão ao encontro do desejo dos poderes ocultos que controlam a “mass media”. No mundo real, a sombra não é senão a prova da existência de uma substância, cuja verdadeira natureza ela pode alterar além de toda medida; mas no mundo do “faz-de-conta” da notícia impressa e da televisão, onde não se vêem senão as sombras, e onde as sombras podem ser livremente manipuladas de acordo com a fantasia e o capricho do autor, as realidades de carne e osso ficam quase invariavelmente transformadas em caricaturas. Enquanto no mundo real dizemos que não há fumaça sem fogo, sabemos muito bem que é perfeitamente possível haver fogo sem fumaça. No mundo dos jornais diários e das telas de televisão, porém, os homens foram cuidadosamente condicionados para acreditar somente no que vêem e no que ouvem. Em suma, a menos que apareça na televisão ou nas manchetes dos jornais, nada aconteceu.

Exemplo de como isso funciona na prática temos na maneira como foi tratado o Congresso de Lausanne, de 1967, organizado pelo Ofício Internacional de Associações para a Educação Cívica e a Ação Cultural segundo os Princípios Cristãos e a Lei Natural. Reuniram-se nele umas 2200 pessoas, na maioria jovens, cada uma das quais teve que fazer o

sacrifício de pelo menos 20 libras, assim como de três dias de férias, com o fim de manifestar sua fidelidade à doutrina social do Magistério Romano. Se um congresso semelhante houvesse sido organizado por “Informations Catholiques Internationales”, “Témoignage Chrétien” ou IDO-C, para dar testemunho da determinação progressista de desafiar o Magistério Pontifício, teria recebido a mais generosa publicidade, não somente em “Le Monde” e “Le Figaro”, mas também em “La Croix”, e quiçá com algum editorial sobre o assunto. E dado que Roger Garaudy, o teorizante líder do Partido Comunista francês, teria estado presente com toda a certeza (pois raramente está ausente de qualquer reunião realmente importante dos católicos progressistas, onde quer que se realize, hoje em dia), pode-se estar seguro de que um congresso progressista que tivesse o porte do de Lausanne teria recebido uma publicidade igualmente generosa em “L’Humanité”.

Na realidade, porém, o Congresso de Lausanne não teve praticamente publicidade alguma na imprensa francesa. Uma vez que os congressistas eram católicos leais a Roma, foram automaticamente transformados em não-pessoas e o Congresso em não-acontecimento.

O poder de que os modernos meios de comunicação dispõem para condicionar o pensamento humano nunca se manifesta melhor do que quando aqueles que os controlam decidem que não haja comunicação. Em comparação com o lápis vermelho do diretor, a varinha mágica era um instrumento absurdamente rudimentar. A grande importância do desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação só pode ser bem entendida quando se verifica que hoje é possível, não fazendo simplesmente nada, formular um conjuro que deixe sem existência realidades de carne e osso. Considerado nesta perspectiva, o existencialismo oferece pontos de vista não sonhados sequer pela nova Teologia, com exceção, talvez, daqueles de seus expoentes que já tenham decretado que a transubstanciação somente pode ter sentido para o homem moderno quando apresentada como uma ficção de sua própria imaginação.

Uma vez que já vimos a imprensa católica de língua inglesa dominada quase completamente pelo progressismo em ambos os lados do Atlântico, e a maneira como a imprensa católica progressista é amplificada milhões e milhões de vezes pelos meios leigos de comunicação de massas, fica fácil para nós entender o que se passa de semelhante na França. Antes, porém, do Vaticano II a situação naquele país teria parecido incompreensível para os católicos ingleses e norte-americanos. Acreditariam eles, então, estar vivendo em um mundo totalmente diferente do de nossos correligionários franceses. E verdadeiramente assim era. Pois mesmo no tempo de Pio XII existia já na França – como hoje existe quase no mundo inteiro – o mesmo estado de coisas que prevalece atualmente na Inglaterra e, em grau ainda mais acentuado, nos Estados Unidos.

Em meados da década de 1950 era quase impossível para um católico inglês ou norte-americano comum dar crédito inteiro às revelações de Jean Madiran (em “Ils ne savent pas ce qu’ils font” e “Ils ne savent pas de qu’ils disent”), relativas às ramificações da conspiração progressista na França. Teria parecido para eles que o pobre homem estava tendo um pesadelo. A verdade é, infelizmente, que estava apenas descrevendo um pesadelo. A verdade é que o que ele estava descrevendo em um informe objetivo sobre a França, era simplesmente o pesadelo da subversão progressista, que depois se tornou universal.

Isso nos leva novamente a **J.-P. Dubois-Dumée**, porque ele foi um dos autores principais do pesadelo progressista tão bem retratado por Jean Madiran.

Como já fizemos notar, o papel de Dubois-Dumée no Comitê Executivo Internacional do IDO-C é representar “Informations Catholiques Internationales”. Mas ele ali está igualmente em representação do totalmente progressista “**Catholic Establishment**” da França, incluindo o Apostolado Leigo Francês, do qual foi um dos principais oradores no III Congresso Mundial do Apostolado Leigo (cujos “carrefours” dirigiu). Como membro do Comitê Executivo Internacional do IDO-C, Dubois-Dumée tem, portanto, dois papéis dis-

tintos: representante plenipotenciário do “Establishment” católico francês do IDO-C, e representante plenipotenciário do IDO-C na França (este papel é simbolizado pelo fato de que o primitivo endereço do IDO-C na França foi “a/c Informations Catholiques Internationales”). So recentemente se decidiu (em benefício, sem dúvida, das aparências do IDO-C) nomear o Sr. **Galviati** para atuar como representante do IDO-C na França, dando-lhe poderes (segundo palavras da I.C.I.) para “assegurar a ligação entre Roma e o público francês”, a partir de seu escritório à Rua Anatole France, 23, 92 – Chaville.

3. O IDO-C e o movimento “Pax” da polícia comunista

Não há exagero, portanto, em identificar a ideologia do IDO-C francês com a de “Informations Catholiques Internationales”, ou, inversamente, dizer que o IDO-C vem a ser a expressão internacional dos pontos de vista de I.C.I. E o sejam esta publicação e seus pontos de vista, pode-se deduzir e extrair do **Documento “Pax”**, que foi enviado pela Secretaria de Estado do Vaticano ao Secretariado do Episcopado Francês, e que este distribuiu a todos os Bispos e Superiores Religiosos Maiores da França (acompanhado de uma carta datada de 6 de junho de 1963). Nesse documento se apresenta com as seguintes palavras a influência que tem na França a agência de polícia secreta polonesa “**Pax**”:

“Os agentes de Pax estão na França em permanente contato com determinados grupos católicos “progressistas”, que se unem para defendê-los sempre que suspeitam ou acreditam que algo os ameaça. Pax conduziu-se, sobretudo, de modo a implantar em determinados círculos católicos franceses a crença de que sofre perseguição por parte do Cardeal Wyszynski e do Episcopado Polonês por causa das tendências “progressistas” que tem.

Esta atitude manifestou-se de modo surpreendente quando uma série de artigos sobre a posição da Igreja na Polônia apareceu em “La Croix” em fevereiro de 1962. O Revmo. Pe. Wenger, redator-chefe, foi refutado imediatamente por Sacerdotes e leigos que

negaram veementemente o conteúdo de tais artigos, baseando-se em suas viagens ou excursões à Polônia.

Procediam estas reclamações, na maior parte de amigos de Pax. Pertencentes ao círculo de “Informations Catholiques Internationales” (I.C.I.).

Dizendo que o Cardeal Wyszynski havia confirmado a exatidão dos fatos relatados nos artigos de “La Croix”, e não se atrevendo a atacá-lo direta e abertamente, de Broucker, redator-chefe de I.C.I. revelou seus sentimentos em uma de suas “Cartas aos amigos de I.C.I.”, que foi distribuída tão só no círculo íntimo de seus seguidores e na qual diz haver-se inteirado de que o Cardeal Wyszynski deveria, durante o Concílio, prestar contas de sua atuação aos Cardeais da Igreja Romana, “seus juizes e seus pares”.

*Quando os artigos de “La Croix” estavam a ponto de serem publicados em forma de livro, o censor eclesiástico de Paris fez saber ao autor que, “não tendo encontrado erros doutrinários no texto, não podia recusar o **imprimatur**, mas esperava que o autor teria a coragem (palavras textuais) de suprimir o capítulo concernente a Pax”.*

Uma vez publicado, esse livro (Pierre Lenert, “L’Eglise Catholique en Pologne”) foi objeto de uma feroz campanha por parte de Pax e de seus amigos franceses.

*É curioso que Pax, em seus boletins, expressa surpresa por haver sido concedido o **imprimatur** a esse trabalho.*

Nem um só fato foi desmentido. Pax admitiu que o livro de Lenert havia “circulado” durante a primeira sessão do Concílio, mas esqueceu-se de dizer que os Bispos poloneses, consultados sobre o assunto, tinham sido unânimes em reconhecer a exatidão dos fatos descritos. É óbvio que Pax teia ver-se desmascarado na França.

Sim, sua própria existência está comprometida. Se Pax fosse reconhecido, e uma vez por todas, pelos católicos do Ocidente, como nada mais do que uma agência da rede

policia encarregada da penetração na Igreja e da sujeição desta, perderia seus seguidores e, se isso ocorresse, perderia sua justificativa aos olhos dos que o sustentam economicamente.

“Não é aos comunistas que tememos – disse um Bispo polonês. Quem nos enche de angústia são os falsos irmãos” [...]

V . O IDO-C na Polônia

Examinado o papel da subversão comunista desenvolvida na França por intermédio de “Informations Catholiques Internationales”, que dá cobertura ao IDO-C diante do público francês, convém investigar “**Znak**”, agente principal do IDO-C na Polônia.

Cumpra esclarecer, primeiramente, que “**Znak**” não se apresenta, ao contrário de “**Pax**”, como uma agência de polícia. E isto é tudo o que se pode dizer em seu favor, porque seu aspecto é muito semelhante ao de “**Slant**”, o qual, como “Informations Catholiques Internationales”, prefere considerar “**Pax**” (em que pese a autorizada opinião do Primaz da Polônia, de que se trata de uma agência da polícia secreta) como a expressão legítima da opinião católica progressista. Das muitas investigações que levamos a cabo se depreendem, acerca de “**Znak**”, os seguintes fatos:

1 – “Znak” é um “círculo” ligado à Frente da Unidade Nacional, dominada pelos comunistas.

2 – “Znak” aceita a estrutura econômica marxista de Estado.

Em outras palavras, “**Znak**” rejeita categoricamente a doutrina social do Magistério da Santa Igreja.

3 – “Znak” aceita também o apoio geral da Polônia à política exterior da Rússia.

E como a política exterior russa não é mais nem menos do que um instrumento da influência subversiva de Moscou pelo mundo inteiro, é de se presumir que “**Znak**” aceita igualmente isso.

4 – “Znak” opõe-se ao Cardeal Wysynski, a quem acusa de “intransigência política”. [...]

5 – “Znak” parece considerar o materialismo do regime de Gomulka como puramente “nominal”.

Este inestimável eufemismo faz com que mesmo a linguagem dúplice pareça deliciosamente não ambígua.

Até que ponto é “nominal” o materialismo do Estado polonês, pode-se ver através dos seguintes excertos de uma Carta Pastoral Coletiva do Episcopado Polonês, de 21 de março de 1963:

“a) Desde o princípio de 1963 houve uma multiplicação constante das disposições, legais visando o ensino religioso;

b) O Escritório de Assuntos Religiosos proíbe os Sacerdotes filiados a Ordens Religiosas, mesmo que pertençam a uma paróquia ou sejam Párocos, as Religiosas e até muitos catequistas leigos, de ensinarem o catecismo;

c) A instrução religiosa está proibida nas casas particulares, nos alôes paroquiais, nas capelas e até em determinadas igrejas;

d) Alguns inspetores da Educação Pública exigem dos Sacerdotes das paróquias relatórios pormenorizados sobre a instrução religiosa que se dá em suas igrejas, e multiplicam as inspeções;

e) Os Sacerdotes das paróquias que se negam a fornecer estes relatórios são punidos com multas esmagadoras, que podem chegar até a dez mil zlotys, ou mais. Os que não podem pagar estas somas exorbitantes são ameaçados com prisão ou seqüestro de bens, e amiúde sofrem efetivamente essas punições;

f) Faz-se uso de toda espécie de intimidação, verdadeiras ameaças, para evitar que as crianças acorram ao catecismo. Os pais cujos filhos não querem ceder são vítimas de duras sanções. Algumas categorias sociais (funcionários civis, agentes a UB,

etc.) estão oficialmente proibidas de enviar seus filhos ao catecismo, sob pena de demissão;

g) Todos os anos, os acampamentos de férias reúnem milhares de crianças às quais, sob mil pretextos, se impede a assistência à Missa aos domingos. Em alguns casos foram encerradas atrás de uma cerca de arame farpado durante a celebração da Missa paroquial;

k) Nenhum Sacerdote tem direito de entrar, sob nenhum pretexto, dentro dos limites desses acampamentos de férias;

l) As crianças que conseguem escapar para ir à Missa são castigadas;

m) Os jovens que saem em excursão com algum Padre são vigiados pela polícia – frequentemente em helicópteros – com o intuito de verificar se, escondidos no bosque ou na montanha, assistem à Missa. Os estudantes apanhados em “flagrante delito” são amiúde privados do direito de continuar seus estudos”.

Se os exemplos anteriores são prova do “materialismo nominal” que professa o governo de Gomulka, livre-nos Deus do que chegaria a suceder se ele tomasse o materialismo a sério.

6 – “Znak” não considera que o materialismo do regime de Gomulka seja “o inimigo real da Fé”.

Em certo sentido – por exemplo: no sentido de que o sangue dos mártires é a semente da Igreja; no sentido de que a perseguição tende a confirmar, mais do que debilitar, a fé dos perseguidos – a frase anterior é, de fato, indubitavelmente verdadeira [...]

Nesse sentido, nem Nero, por um lado, nem Stalin, Hitler e Mao Tsé-tung, de outro, poderiam ser descritos como “inimigos reais da Fé”, apesar da determinação selvagem com que se aplicaram a suprimi-la.

Mas se a Igreja é perseguida com bestial selvageria – como é o caso dos tiranos que

acabamos de mencionar – ou mais subtilmente, mas de maneira não menos implacável, pelos Gomulkas deste mundo (ou pelos polidos, sofisticados, altamente cultivados humanitários que constituem a “British Humanist Association”), nenhum cristão digno desse nome se colocará jamais do lado do perseguidor.

É verdade que, em época de perseguição, não são os perseguidores do momento que constituem “o real inimigo da Fé”. O nome de “real inimigo da Fé” cabe à infidelidade católica. Segundo palavras do Bispo polonês recolhidas pelo Cardeal Wyszynski no Documento “Pax”, “não são os comunistas que nos fazem medo: quem nos enche de angústia são os falsos irmãos”. [...]

7 – Diz-se que “Znak” conta com o apoio de muitos Sacerdotes, que é tolerado pela maioria dos Bispos e alentado por alguns.

[...] Embora [na realidade, segundo quanta informação pudemos obter,] “Znak” não tenha conseguido persuadir senão um ou dois Bispos e um punhado de Padres a tomarem o partido dele contra o Cardeal Wyszynski, nem por isso se deve considerá-lo menos perigoso potencialmente. Porque, como o Documento “Pax” deixa bem claro, a técnica de subversão comunista na Igreja da Polónia atua conforme as seguintes diretrizes:

“A técnica consiste em atuar como um solvente, formando células de desunião entre os fiéis, mas especialmente nas fileiras dos Sacerdotes e Religiosos.

Cindir os Bispos em dois blocos: os “integristas” e os “progressistas”.

Alinhar os Sacerdotes contra seus Bispos, mediante um sem número de pretextos.

Cravar uma cunha subtil nas massas por meio de distinções habilmente urdidas entre “reacionários” e “progressistas”.

Nunca atacar a Igreja diretamente, mas apenas, “para seu próprio bem”, atacar “suas formas antiquadas” e “os abusos que a

desfiguram”. Se necessário, fazer-se mais católico do que o Papa.

Trabalhando insistente e astutamente, formar bolsões de “descontentes” nas fileiras eclesiásticas, até levá-los, passo a passo, a “um clima favorável à luta de classes”. [...].

Resumindo, os fatos essenciais são os seguintes:

1 – “Znak” é a voz da Polónia no seio do IDO-C;

2 – “Znak” é uma organização de companheiros de viagem comparável às inspiradas por “Slant” e por “Informations Catholiques Internationales”.

Em conseqüência, tudo quanto sabemos dos amigos poloneses do IDO-C corrobora a impressão obtida ao estudá-lo na Grã-Bretanha e na França.

VI . O IDO-C no Canadá e nos Estados Unidos

Ter-se-á podido observar que os dois membros norte-americanos do Comitê Executivo Internacional do IDO-C são o **Pe. Edward Lynch**, da Rádio Vaticana, e o representante da “Saint Louis Review”, **Donald Quinn**, que foi descrito nos Estados Unidos como o polêmico ex-redator do ainda mais polêmico “Oklahoma Courier”. Isto, no entanto, não faz justiça ao papel dos Estados Unidos no IDO-C nem, reciprocamente, ao papel do IDO-C nos Estados Unidos. Um quadro muito mais real (embora ainda incompleto) oferecem-nos os nomes dos americanos dos Estados Unidos e do Canadá que são membros do **Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Documentação e Informação Religiosa**, do IDO-C. estas pessoas-chave, que totalizam nada menos que 21 entre jornalistas, teólogos e representantes de diversas organizações, bastam para difundir diretamente as notícias do IDO-C e seus pontos de vista, em publicações de tanta influência no mundo leigo como o “**New Uork Times**”, a revista “**Time**” e o “**Chicago Sunday Times**”, assim como em diários “católicos” tais como o “**Long Island Catholic**”, o “**National**

Catholic Reporter” e a **“St. Louis Review”**, e também na influente editora **“Paulista Press”**, em centros de informação como a **“Catholic Press Union”**, a **NCWC**, o **“National Catholic Communications Centre”**, de Toronto, e dois outros centros similares de Ottawa e Montreal, na **“Religious News-writers Association”**, e por último, mas de modo algum de menor importância, na **Rádio Vaticana** e na **Rádio Canadá**.

Isto, entretanto, não foi senão a organização inicial. Mais tarde o **IDO-C-America** (como se chama a si mesmo) abriu um centro de promoção e distribuição em Nova York (endereço: Box 265, Baldwin, NY) que fornece regularmente documentação e informações às chancelarias, centros de informação religiosa e empresas editoriais, por todo o subcontinente.

Além de organizar-se perfeitamente nos Estados Unidos, o **IDO-C-America** deu também os passos necessários, para colocar o “know-how” e o dinamismo norte-americano à disposição do centro do **IDO-C**, em Roma. Assim, depois de estabelecer o **IDO-C-America** em bases firmes, o antigo colunista do **“Pittsburgh Catholic”**, Dr. **Gary McEoin**, foi para Roma a fim de ocupar o posto de diretor-executivo do escritório central do **IDO-C**, e de reorganizá-lo, segundo fazia constar um boletim do **IDO-C-America**, “em preparação para o Sínodo dos Bispos”.

À vista do modo eficaz com que foi violada a reserva do Sínodo e difundidos seus segredos (depois de previamente distorcidos) antes de que ele mesmo fosse apresentado ao público e remanejado pelos dóceis “mestres em Teologia” do **IDO-C**, não se pode dizer, certamente, que a “preparação” do Dr. McEoin tenha deixado algo a desejar. Isto não significa, contudo, que ele tenha desalojado de seu posto o primitivo chefe do **IDO-C**, o Pe. Leo Alting von Geusau, que continua como secretário-geral. Agora que o Dr. McEoin retirou dos ombros do Pe. Leo um trabalho “administrativo” tão delicado (como, por exemplo, dar cabo de tarefas tais como a do Sínodo), o infatigável secretário-geral poderá, sem dúvida, dedicar uma parte maior de seu tempo a suas atividades missionárias.

Mas não foi simplesmente o dinamismo e a experiência norte-americana (pode-se supor que também os dólares) que levaram o Dr. McEoin a Roma. Sua presença ali confirma a importância crescente do papel que o **“American Catholic Establishment”** desempenha agora no **“International Catholic Establishment”**. Antes de nos aprofundarmos nesse ponto, **é necessário deixar claramente exposto o significado do termo “Catholic Establishment”** e pedir desculpas por haver aplicado tal denominação à conspiração progressista, em outro lugar deste trabalho, sem antes haver explicado nem a origem do termo nem seu significado preciso.

É preciso, primeiramente, deixar bem assentado que o termo não é nosso. **“The Catholic Establishment” é como a conspiração progressista norte-americana se chama a si mesma.**

O termo **“Establishment”** tem sido empregado desde há longo tempo como sinônimo de camarilha influente que impões sua ideologia, suas formas e, sobretudo, sua vontade, a uma sociedade determinada. Assim, por exemplo, enquanto o antigo **“British Establishment”** representava uma expressão protestante de ambições maçônicas, o novo **“British Establishment”**, que dá forma a todas as instituições e partidos políticos do Reino Unido, é uma expressão, em termos de humanismo laico e progressista, do ecumenismo maçônico do século XX (de maneira semelhante o novo **“American Establishment”** informa a **“american way of life”**).

Se até o momento não era costume falar de um **“Catholic Establishment”**, isto se devia à excelente razão de que até há relativamente pouco tempo, apesar de a moral católica vir sendo condicionada consideravelmente pela influência do mundo exterior, no seio da comunidade católica como tal não havia concorrente para a influência da Hierarquia Eclesiástica (que era o único **“Catholic Establishment”**, o único “grupo de influência”, concebível pelos fiéis) e não tinha sentido inventar algo que representasse uma alternativa em face da Igreja institucional.

Antes do Vaticano II, a única exceção notável a esta regra era a França, onde a Igreja se encontrava há quase um século em estado de guerra civil latente, mas mesmo ali – até que a influência progressista começasse de fato a constituir um “Establishment” rival da Hierarquia Eclesiástica – o termo “Establishment” foi empregado apenas por aqueles que buscavam com esta designação indicar que tal desenvolvimento representava de fato o aparecimento de uma “Hierarquia paralela” e era, em consequência, totalmente intolerável.

Foi somente nos Estados Unidos – e mesmo ali, muito recentemente: em dezembro de 1966, para sermos mais exatos – que a conspiração progressista se intitulou descaradamente a si mesma “The Catholic Establishment”.

Não há medida mais assustadora das dimensões da crise no seio da Igreja em nossos dias, do que o reconhecimento, às escâncaras, de algo que, até ontem, teria parecido um estado de coisas incrível: a afirmação explícita, pela conspiração progressista, de ambições que, anteriormente, tinham sido ao menos negadas calorosamente, mesmo pelos mais subversivos liberais, sempre que se afirmava terem eles tais pretensões. Entretanto, como veremos, o que se auto-intitula “Catholic Establishment” nos Estados Unidos jacta-se abertamente de que quem governa hoje em dia o pensamento da comunidade católica é ele mais que o Magistério Eclesiástico.

Precisamente porque o emprego do termo “Catholic Establishment” põe em evidência quais são, por toda parte, as últimas ambições do progressismo, é que nós o escolhemos – a bem da clareza – para designar a conspiração progressista espalhada por toda a terra. Mas é ele particularmente apropriado para descrever o progressismo europeu, uma vez que o “Catholic Establishment” nos Estados Unidos não é mais do que a extensão para o outro lado do Oceano, da conspiração progressista européia, cuja vanguarda francesa foi desmascarada com tanta precisão por Jean Madiran, em meados da década de 1950.

Desnecessário é dizer que os progressistas franceses, por serem franceses, ocupa-

ram-se antes de estabelecer sua influência do que de vangloriar-se dela. E embora seja certo que o “Catholic Establishment” dos Estados Unidos tem muito de que se orgulhar, também o é que o fértil cérebro francês continua sendo a verdadeira mola intelectual do “Establishment” internacional católico [...]. Por todas estas razões devemos ser gratos ao IDO-C dos Estados Unidos pela sua tolice infantil de descobrir abertamente não só seus objetivos, mas também sua maneira de atuar, e até seus personagens-chefe, permitindo que não nos enganemos a respeito das pretensões norteamericanas. [...].

VII . Anatomia do “Catholic Establishment”

Isso posto, voltemos ao exame do “Catholic Establishment” dos Estados Unidos e vejamos o que ele diz de si mesmo.

É característico que ele nunca discute **explicitamente** o Magistério da Igreja. Para liquidar a influência efetiva deste, prefere simplesmente ignorá-lo, determinando por si mesmo o que a Igreja e os fiéis devem pensar e fazer.

Como diz **John Leo** – jactando-se descaradamente, não apenas da existência do “Catholic Establishment”, mas também de seu poder, em famoso artigo intitulado “The Catholic Establishment” (“The Critic”, dezembro de 1966-janeiro de 1967): “O “Establishment” é que decide o que os católicos devem discutir, não somente por meio das publicações que lhe pertencem, mas, de certo tempo para cá, por meio de quase todos os jornais e círculos de estudo católicos, de uma a outra costa”. Depois de acrescentar significativamente: “A discussão nos Estados Unidos sobre o controle da natalidade, por exemplo, foi inteiramente uma produção do “Establishment”, passa John Leo a explicar pormenorizadamente como isso foi feito entre 1963 e fins de 1964, pela utilização do que se chamou na Holanda de “terrorismo progressista sobre a opinião pública católica”.

Como este “redator do **Establishment**”, segundo ele se chama a si mesmo, também reconhece, não hesitando em citar o

Pe. John Hugo no mesmo artigo de “The Critic”, revista sabidamente do “Establishment”: este último “é uma pequena camarilha de elogios mútuos, ainda que às vezes pareçamos em desacordo cortês no primeiro momento”, a qual “apoderou-se de todos os microfones em sua determinação de falar pela Igreja...”. E põe-se então a dizer-nos quem são estes “**raptos de microfones**”:

“os raptos de microfones constituem uma fraternidade não rígida, mas exclusiva, de várias dúzias de eruditos, jornalistas, ativas e editores. Escrevem para os periódicos católicos mais influentes e editam... Publicam os manuscritos uns dos outros, fazem recíprocas e calorosas recensões de seus respectivos livros, citam-se mutuamente nas conferências que se convidam uns aos outros a dar, reúnem essas conferências e artigos em livros para um novo turno de discussões favoráveis”.

O “Establishment” é liberal, progressista, muito polido, desconfia das instituições, é antibelicista (mas em grande parte não pacifista), semi-clerical e semi-laico; dedica-se principalmente aos problemas internos do Catolicismo. Seus membros não são necessariamente os católicos mais brilhantes ou mais conhecidos de sua terra, e muitos poucos ocupam posições oficiais na Igreja. Isso não lhes interessa, eles são o “Establishment”.

O trabalho principal do “Establishment” é a preparação e edição das publicações que deverão dominar a vida católica norte-americana. Isto se obtém principalmente por meio dos seis periódicos do “Establishment”, todos eles, editados por leigos: “National Catholic Reporter”, “Cross Currents”, “Jubilee”, “Commonweal”, “Continuum” e “The Critic”. Fornecem eles contatos com as editoras, os ambientes universitários, os jornais leigos e o mundo protestante, assim como com publicistas e publicações periódicas de níveis mais modestos, que aceitam as sugestões do “Establishment” e funcionam como correias de transmissão de suas idéias.

No papel, o “Establishment” assemelha-se a uma diretoria coesa e bem sincronizada...”.

Leo oferece-nos então numerosos exemplos de como essa “diretoria coesa e bem sincronizada” opera para impor sua vontade à opinião pública católica e, por meio dela, à Igreja. Faz-nos saber, por exemplo, que os diretores de “Cross Currents” e The Critic” (Joseph Cuneen e Dan Herr, respectivamente) pertencem ambos ao quadro de direção do “National Catholic Reporter”; que outro dos diretores de “Cross Currents” (William Birmingham) dirige “Mentor-Omega”, que publica livros de bolso, ao mesmo tempo que trabalha durante meio expediente em “Commonweal”; que Justus George Lawlor, redator de “Continuum”, que escreve igualmente para “Commonweal”, é redator-chefe da editora partidária do “Establishment”, Herder e Herder, e escreve ainda para “New Blackfriars”; que a editora americana “Sheed and Ward” é dirigida pelo antigo redator de “Commonweal” e colunista de “Critic”, Philip Sharper; que o mesmo Wilfried Sheed que está agora em “Commonweal” estava anteriormente em “Jubilee”; e que a figura-chave do “Establishment”, Michael Novak, tem acesso a todos os periódicos e editoras do “Establishment”.

Oferece-nos ainda Leo diversos exemplos de como os membros do “Establishment” se elogiam mutuamente, fabricando para si mesmos reputações “sintéticas” (menciona em particular o caso do teólogo canadense Bernard Lonergan, transformado em um colosso mediante uma operação combinada de Justus George Lawlor e Michael Novak, apesar do fato de que praticamente ninguém leu Lonergan); e de como o “Establishment” se lança em defesa dos “perseguidos” (por exemplo, heróis do “Establishment” que incorreram em penas eclesiais, como o extremista jesuíta Pe. Daniel Berrigan), da mesma maneira que se montou a operação inglesa “Slant” – “Newman” para defender o Pe. Herbert McCabe, O.P., na primavera de 1967.

Entretanto, até o próprio Leo admite que as operações do “Establishment” são difíceis de precisar, e isso porque, “como a maioria dos grupos congêneres”, o “Catholic Establishment” “progrediu imperceptivelmente pela atuação pessoal de seus membros que compartilham aspirações comuns”. E acrescenta significativamente: “Embora seja difícil inti-

tulá-lo de conspiração no sentido político moderno da palavra, ele o é no sentido dado por John Courtney Murray, de “respirar junto”. No “Establishment” todos respiram junto”.

Lê-se mais adiante que “o “Establishment” é essencialmente uma equipe”. E, a julgar pelo que diz John Leo, não é difícil deduzir que a equipe de trabalho do “Establishment” nunca se revela com mais clareza do que quando organiza controvérsias simuladas, sobre questões secundárias, entre os porta-vozes do próprio “Establishment”, os quais “atacam normalmente as mesmas coisas e se defendem mutuamente”, dando assim a sensação da existência de um debate livre em jornais que são rudemente intolerantes para com as opiniões conservadoras, qualquer que seja a forma destas.

Um dos aspectos essenciais da capacidade do “Establishment” de influir sobre a opinião pública católica é o controle que exerce sobre “a maioria das grandes séries de conferências”; controle esse que, diz-nos Leo, está reforçado substancialmente por duas agências do “Establishment” destinadas a organizar conferências: a “**University Speakers**” e o “**National Lecture Service**”. Não obstante, o “Establishment” deu vida ultimamente, de modo quase mágico, a uma iniciativa totalmente nova que vem reforçar sua influência: o “**Institute for Freedom in the Church**”. Não é preciso dizer que a “liberdade” de que se trata é a liberdade do “Establishment”. Ademais, adquiriu este recentemente o controle da importantíssima “**Catholic Press Association**”.

VIII . Dirigentes e Agências do “Catholic Establishment”

Apresentamos abaixo a relação das pessoas e das instituições que, segundo Leo, pertencem ao “Establishment”:

Publicações: “Commonweal”; “Continuum”; “The Critic”; “Cross Currents”; “Jubilees”; e “National Catholic Reporter”.

Editoras: “Helicon”; “Herder e Herder”; “MacMillan” (quando dirigida por Eli-

sabeth Bartelme); “Mentor-Omega” (novelas de bolso); “Sheed and Ward”.

Agências de conferências: “University Speakers” e “National Lecture Services”.

Ala de Sagrada Escritura: Pe. Barnabas Ahern, C.P.⁵; Pe. Raymond Brown; Pe. John McKenzie; Pe. Roland Murphy; Madre Kathryn Sullivan; e Pe. Bruce Vawter.

Articelistas: Dan Herr, editor de “The Critic”, membro do quadro de redação do “National Catholic Reporter”; John Leo, do “National Catholic Reporter” e de “The Critic”; Philip Sharper, diretor de “Sheed and Ward”, atualmente redator de “The Critic”, ex-diretor de “Commonweal”; Gary Wills, do “National Catholic Reporter”.

Ideólogos: Daniel Callahan (sua mulher é Sidney Cornelia Callahan, escritora e membro de “Establishment”); Justus George Lawlor, redator-chefe de Herder e Herder, redator de “Continuum”, escreve também para “Commonweal”.

Auxiliares femininas: Elisabeth Bartelme, diretora de “MacMillan”, Irmã Carlos Borromeu, Freira do “Establishment”; Sidney Cornelia Callahan, escritora e esposa de Daniel Callahan; Irmã Corrita, ativista do “Establishment”; Mary Daly, teóloga leiga; Irmã Jacqueline, Freira dirigente do “Establishment”; Rosemary Lauer, filósofa; Irmã Luke, Freira do “Establishment”; Nancy Rambush, dirigente de Montessori e esposa de Robert Rambush; Rosemary Ruether, especialista em controle da natalidade.

Ala acadêmica e personalidades diversas: Pe. William Clancy, Preboste do Oratório de Pittsburgh; John Cogley, do “New York Times” e do Centro de Estudos sobre as Instituições Democráticas, peça-chave do “Establishment”; James Collins, filósofo; Leslie Dewart, filósofo pacifista da Universidade de Toronto; Robert Drinan; Pe. Edward Duff; Pe. John Dunne; Louis Dupré, especia-

⁵ O Pe. Barnabas Ahern foi perito do Vaticano II. Fez numerosas conferências pelo mundo inteiro – muitas vezes na Inglaterra – e é, sem dúvida, um dos mais valiosos missionários do “Establishment”.

lista em controle da natalidade e casamento; Mons. John Tracy Ellis; Pe. Joseph Fichter, sociólogo; James Finn, diretor da “World Riew”; Pe. Roberto Francoeur, destacado teíhardista; Pe. Dexter Hanley; Richard Korscheler, da Conferência Nacional para os Cristão e Judeus; Pe. Robert Johann, filósofo; Pe. William Lynch, especialista do “Establishment” em arte e comunicações; Ernán McMullin, filósofo; Bernard Murchland, filósofo; John Noonan, autoridade em contracepção; Michael Novak, autor de “The Open Church”, personagem-chave do “Establishment”; George Schuster, da Universidade Notre-Dame; Wilfried Sheed, de “Sheed and Ward” e “Commonweal”, anteriormente de “Jubilee”; Dan Sullivan, especialista em casamento e controle da natalidade; Gordon Azhn, pacifista, ligado a “Ramparts”.

Os heróis: Dorothy Day, fundadora de “The Catholic Worker”; Pe. H. A. Reinhold, patrocinador da reforma litúrgica.

O favorito: Arcebispo Roberts, S.J. [antigo Arcebispo de Bombaim].

Contencioso: Pe. William Dubay, advogado de um sindicato de Padres.

Ala ativista: Matthew Ahmann; Pe. Daniel Berrigan, S.J.; Pe. Philip Berrigan; Pe. Henry Browne; Dennis Clark; Mons. John Egan; James Forest; Pe. Walter Imborski; Religiosas do Imaculado Coração; Pe. Daniel Mallette.

Ala litúrgica: Pe. Godfrey Diekmann; Pe. Frederick McManus; Jack Mannion; Robert Rambush (marido de Nancy Rambush).

Teólogos, filósofos e ecumenistas: Pe. Gregory Baum; Pe. Bernard Cooke, S.J.; Pe. John Courtney-Murray, S.J. (recentemente falecido); Pe. Bernard Lonergan (cuja reputação foi fabricada por Michael Novak e Justus George Lawlor); James McCue, teólogo leigo; Pe. Daniel O’Hanlon, S.J.; Pe. Thomas Stransky, do Secretariado para a Unidade, Roma, Leonard Swidler, fundador do “Journal of Oecumenical Studies”; Pe. George Tavard.

Ex-membros: Pe. Andrew Greeley e Mons. George Higgins, expulsos por insuficiente “liberalismo” (o Pe. Greeley é ainda muito apreciado); Donald McDonald (posteriormente “promovido” para o “Centro de Estudos das Instituições Democráticas”); Pe. Thomas Merton (muito apreciado ainda, embora considerado muito estridente); a revista “Ramparts” (ainda apreciada, é tida porém por pouco ponderada); o Bispo Thomas Wright.

Aquisições recentes do “Establishment”: “Lamp”; “Catholic Press Association”.

Criação recente: “Institute for Freedom in the Church).

É necessário compreender bem que as pessoas, os editores e as instituições relacionadas por John Leo permitem apenas vislumbrar o verdadeiro poder manejado pelo “Establishment”. A fonte real de seu poder de condicionar as mentes do fiéis deriva das ligações com o que John Leo chama de “publicistas e publicações de menor importância que se inspiram no “Establishment” e funcionam como correias de transmissão de suas idéias”. Como conseqüência desse influxo indireto do “Establishment”, são muito poucos os periódicos católicos dos Estados Unidos que hoje não servem para em larga medida fazer eco aos pontos de vista do “Establishment” e para amplificá-los. E como estes periódicos são ainda razoavelmente ortodoxos, sentem a constante e crescente pressão que sobre eles se exerce para que se “atualizem” e se tornem progressistas. Quanto aos jornais de âmbito nacional e revistas (não incluímos nesta categoria os boletins), os que ainda militam contra o “Establishment” são apenas dois: “The Wanderer”, o semanário católico nacional que se publica em Saint Paul, Minnesota, e “Triumph”, a revista mensal recentemente fundada e publicada por Brent Bozell.

Este quase completo domínio da imprensa católica pelo “Establishment” não teria sido possível se ele tivesse encontrado apoio unicamente em suas ligações com a própria imprensa católica. Se esta sucumbiu tão facilmente aos afagos do “Establishment”, foi

em grande parte graças aos contatos deste com jornais leigos, com o mundo protestante e com os setores mais “progressistas” (leia-se sionistas) da comunidade judaica. Como consequência de tais ligações, o “Catholic Establishment” pode atrelar a seu carro a força incriavelmente persuasiva da “mass media” leiga da América do Norte contemporânea.

A seu tempo examinaremos os contatos e as ligações do “Catholic Establishment” em todo o mundo. Antes de o fazer, contudo, convém deixar perfeitamente esclarecido o que o “Catholic Establishment” é e o que não é.

IX – A verdadeira natureza do “Catholic Establishment”

Digamos em primeiro lugar o que ele não é. Ainda que, com toda a certeza, se trate de uma liga de dispareos (John Leo não vacila em descrevê-la como um tipo de “conspiração”), combativos sem dúvida, e que não são senão progressistas, descrever o “Establishment” simplesmente como uma liga de militantes progressistas seria falhar por completo na hora de indicar sua natureza essencial. O “Establishment” é essencialmente **exclusivista**. Exclui sem hesitação pessoas como Mons. Higgins e o Pe. Greeley apesar do prestígio que possam ter, pelo fato de estarem comprometidos com a “burocracia” eclesiástica “não iluminada”, e também se dissocia do ultra-progressista Pe. Dubay e do ultravanguardista “Ramparts” (admirando embora a ambos, de certa maneira). Faz isto assim como o Partido Comunista expulsa os “revisionistas” da ala direita e os intransigentes da esquerda, e no fundo pela mesma razão: a necessidade de conservar intato um rijo núcleo de iniciados, com cuja absoluta fidelidade à causa se possa contar, e que ao mesmo tempo saiba ser infinitamente flexível.

O “Establishment” é exclusivista não somente porque sabe avaliar a imensa diferença que há entre ser progressista e ser eficazmente progressista, mas sobretudo por que está decidido a ser eficaz ou não ser nada. Precisamente mediante esse exclusivismo, e insistindo em determinado tipo de disciplina para os iniciados, é que o “Establishment”

tem podido explorar em benefício de sua causa o oportunismo, a indiscrição e o insensato desejo de aventuras dos oportunistas de esquerda e de direita do progressismo, os quais, abandonados a seus próprios impulsos, não teriam conseguido senão destruir-se mutuamente e desacreditar o progressismo como tal. Do modo como estão as coisas, no entanto, ambas as alas levam água para o moinho do “Establishment”: os irresponsáveis com sintomas de lunáticos, fazendo com que, comparativamente, o “Establishment” pareça sensato e quase como um bastião da ortodoxia ante os olhos da Autoridade (particularmente se se leva em conta a completa insensatez de alguns ultra-“tradicionalistas”); enquanto os que estão comprometidos dentro do campo progressista permitem ao “Establishment” mostrar até que ponto é substancial a diferença entre um flexível serviço à causa e a traição à mesma.

Em suma, o “Establishment” se compõe dos iniciados, os iluminados, os “illuminati” do campo progressista, e é o núcleo que orienta a este tanto dentro da Igreja quanto em suas relações com o mundo exterior.

X . “Catholic Establishment” e “Secular Establishment”

No que concerne às relações do “Establishment” católico com o mundo exterior, existem cinco nomes de significação especial: **Richard Horchler**, que é o representante do “Establishment” na Conferência Nacional de Cristãos e Judeus; **John Cogley**, anteriormente em “Commonweal” e agora no “New York Times”; o falecido **Pe. John Courtney Murray, S.J.**, arquiépiscopo do Vaticano II; **Donald McDonald**, que escreve em numerosas publicações diocesanas e foi decano da Escola de Jornalismo da “Marquette University”; e **George N. Shuster**, que também pertencia anteriormente a “Commonweal” e é atualmente presidente-adjunto da “Notre Dame University”. Cogley, Murray, McDonald e Shuster estão envolvidos ativamente nos assuntos do Centro de Estudo das Intituições Democráticas, que melhor se pode descrever como sendo o máximo pilar do “**Secular Establishment**”.

O “Centre for the Study of Democratic Institutions” é um rebento do **Fund for the Republic**, e o presidente de ambos é o polemista **Robert M. Hutchins**. O Centro é, sob as ordens de Hutchins, um claro exemplo do que às vezes se chama de “sinarquismo”; representa um amontoado de humanistas laicos de todos os matizes (incluindo representantes-chave do Partido Comunista), católicos progressistas, protestantes modernistas, maçons, judeus, tecnólogos liberais, angustiados peritos em demografia, ardorosos planificadores da família, senhores ultra-humanitários, pacifistas irredutíveis (cuja ênfase, não é preciso dizer está toda posta sobre o Vietnã), coexistencialistas frenéticos – todos sumamente “intelectuais”, e dados a olhar para o amanhã – e todos eles apresentando o denominador comum de uma perspectiva que de um lado considera a paz de nosso planeta com independência de Deus, e de outro, com generosa condescendência, aprova sem a religião na medida em que (segundo palavras de uma publicação do Centro) ela é concebida como algo “útil” e “para o serviço da comunidade”. O Centro aceita, sem discussão e como um inevitável fato da vida, o que seu presidente descreve como uma existência – a nossa – “integrada no sistema técnico como as engrenagens na máquina e como uma claqué automática”. O Centro deplora a educação religiosa na escola (embora magnanimamente a tolere nas paróquias), e assim, por exemplo, diz que as escolas católicas “podem ser toleradas enquanto não cheguem a constituir uma ameaça” para o bem estar comum; procura eventualmente promover uma fusão do comunismo e do capitalismo sob os auspícios de “algum sistema de governo mundial”, mas no momento se contenta em apoiar objetivos “práticos”, - tais como o ingresso da China Vermelha na ONU, o afastamento dos Estados Unidos do Sudeste asiático, e, naturalmente, a revisão, em todos seus aspectos, da política exterior do Ocidente, que parece muito recalcitrantemente anticomunista. Tal é o fundamento do “Secular Establishment” com o qual o “Catholic Establishment” procura estabelecer ligação por meio de quatro – nada menos do que quatro! – de seus mais expressivos representantes.

Esta ligação com o “Secular Establishment” lhe é totalmente indispensável para alcançar os objetivos propostos. Porque, em virtude dessa ligação com o Centro – auxiliada, naturalmente, pelo posto-chave que John Cogley ocupa no “New York Times”, para o qual atuou como redator religioso durante o período crítico do Vaticano II – o “Catholic Establishment” conseguiu que sua voz ecoasse e fosse difundida por meio da atualmente quase onipotente “mass media” leiga. E, em conseqüência, foi-lhe possível criar a impressão de que, enquanto a Igreja “pré-conciliar” era um “ghetto”, fechado, afastado por completo dos assuntos da sociedade humana, a nova, a que olha para o amanhã, a Igreja encabeçada e dirigida pelo “Establishment”, é capaz de dizer uma palavra decisiva nos conselhos e assembléias da sociedade humana, e quem quer que se interponha no caminho da sua marcha para a frente não pode ser amigo de Deus.

Naturalmente, se a imprensa católica tivesse conservado incorrupto seu sal, teria destruído com suma facilidade tais pretensões; bastaria fazer ver que, longe de ser o eco da voz da Igreja no seio da sociedade leiga, o “Establishment” é simplesmente o prestativo porta-voz do mundo no seio da Igreja. Assim se configurava a situação, até que a imprensa católica foi amplamente colonizada pelo “Establishment”, até que o conformismo mais uma vez mostrou ser a primeira lei da famosa “american way of life”, e muito antes que eclesiásticos e editores diocesanos, sôfregos de publicidade, se encarapitassem uns sobre os outros para ver quem conseguia trepar mais espetacularmente na carroça da banda que lhes parecia tão atraente.

Dada esta atmosfera, que condicionou desde então, e durante estes últimos anos, a vida católica dos Estados Unidos, dada igualmente a repugnância da Igreja institucional a ver-se envolvida em assuntos políticos, o “Establishment” tem dado prosseguimento à sujeição da Hierarquia Eclesiástica ao que é virtualmente uma chantagem. Assim, enquanto qualquer Bispo que ouse mostrar-se abertamente oposto a qualquer dos objetivos dele – como sucedeu com o Cardeal Spellman na questão do Vietnã – logo é atacado e perde

sua reputação (procedimento efficacíssimo para dissuadir todos os seus colegas de fazer algo semelhante), os poucos que parecem estar no mesmo comprimento de onda do “Establishment” em determinadas questões, recebemos mais copiosos louvores e da noite para o dia se vêem convertidos em figuras populares.

Dividindo assim a Hierarquia em Prelados “belicistas” (“Prelado” é uma palavra inequivocamente odiosa, que cheira a “juridicismo”) e “homens de Deus, amantes da paz”, o “Establishment” procura “dialetrizar” o Magistério e, por este sistema, reduzi-lo ao silêncio, de tal maneira que reste apenas a voz do “Establishment” como guia infalível tanto dos cristãos como dos não crentes.

Como o “Establishment” conseguiu já, em grande parte, seu objetivo de minar a autoridade do Magistério, está agora começando a pensar no modo de conservar a autoridade de seu próprio magistério, e para isso começa a falar da necessidade de que na Igreja não haja menos, senão mais autoridade (diremos de passagem que este foi o estribilho principal do discurso do Pe. Herbert McCabe no “teach-in” reunido em Londres para protestar contra a “perseguição” que lhe movia a Autoridade Eclesiástica). Desta maneira, e nem é preciso que se diga, os porta-vozes do “Establishment” não reivindicam maior autoridade para o atual Magistério da Igreja, mas sim para o magistério de uma Igreja dominada hipoteticamente pelo próprio “Establishment”, que imponha autoritariamente as idéias dele, tais como o abandono do Vietnã, a irrestrita regulação dos nascimentos, o aborto legalizado, a reforma sexual (com a aceitação até da homossexualidade), a liquidação da educação católica e, por último, mas não como coisa de menor monta, a completa democratização da Igreja. O que eles no momento estão fazendo e simplesmente pleitear um maior respeito para com sua própria autoridade, porque **dão por coisa sabida que eles – os do “Establishment” – são já o Magistério.**

XI – Porque o IDO-C é indispensável ao “Establishment”

É claro que não pode haver Magistério **católico** que não seja ao mesmo tempo uni-

versal e romano. O “Establishment” se dá conta disso tão bem como seus adversários. Em conseqüência, o IDO-C é absolutamente indispensável como meio de reforçar as pretensões magisteriais do “Establishment”. Com efeito, uma vez que o IDO-C tem seu centro em Roma e está em vias de se tornar universal, a nova Igreja cismática do “Establishment” tem à sua disposição os meios adequados para poder aparecer como a única verdadeira Igreja Católica Apostólica, de maneira semelhante ao que está escrito a respeito do Anticristo, que deverá parecer quase impossível distinguí-lo do Salvador do gênero humano.

Mas para que o próprio IDO-C tivesse crédito era preciso ter-se plena segurança de que apenas uma minoria do seu pessoal parecesse abertamente identificada com o “Establishment”. Para esse fim procurou-se por todos os meios disfarçar a nova criação, envolvendo nela pessoas e periódicos conhecidos e respeitáveis. Neste ponto o “Establishment” norte-americano foi muito mais discreto do que seu homólogo do Reino Unido, pois enquanto este último está representado no Comitê Executivo Internacional do IDO-C unicamente pelo notório e certamente pró-comunista Neil Middleton – do famoso “Slant” – nenhum dos representantes dos Estados Unidos naquele organismo (o Pe. R. Lynch, S.J., e Donald Quinn) é membro conhecido do “Establishment” da América do Norte. E mesmo no Comitê Internacional para o Desenvolvimento da Documentação e Informação Religiosa, do IDO-C, o “Establishment” norte-americano retraiu-se sabiamente, de tal modo que dos 21 norte-americanos e canadenses que participam desse Comitê, a força conhecida do “Establishment” limita-se a apenas cinco pessoas: John Cogley, Mons. Dexter Hanley, Pe. Daniel O’Hanlon, S.J., Prof. Gregory Baum (todos figuras-chave do “Establishment”) e R.G. Hoyt, que representa o “National Catholic Reporter”, publicação pertencente ao “Establishment”. Não imaginemos contudo que essa pequena participação conhecida faça do IDO-C um órgão de menor importância ou menos essencial, pois não devemos esquecer que o IDO-C norte-americano nada mais é do que a expressão na

América do “Ecclesia” europeu, o qual engendrou os precursores do IDO-C quando a voz de dissensão quase não se fazia ouvir no outro lado do Atlântico.

XII – Outras vantagens que apresenta o IDO-C

O IDO-C não se limita a trazer maior crédito para as pretensões do “Establishment”, assegurando-lhes a aparente corroboração de tudo o que se vem dizendo através de uma nova associação internacional com aparências de independente, a qual oferece ao público uma fachada de erudição maciça e dá a entender que representa o consenso universal da opinião católica “educada” ou “formada”. Ele também torna possível a infiltração dos conceitos do “Establishment” em certas zonas da comunidade católica que até então se haviam mostrado impermeáveis à pressão deste último.

E o IDO-C da América do Norte tem um significado muito específico na economia da subversão, pois permitiu ao “Catholic Establishment” internacional entabular relações diretas, quase institucionais, com o poderoso “Establishment” leigo dos Estados Unidos. Com referência a essa conexão, é completamente impossível ignorar a presença no Comitê Internacional Para o Desenvolvimento da Documentação e Informação Religiosa, do IDO-C, não somente de **John Cogley** (representante do Centro de Estudo das Instituições Democráticas, assim como do “New York Times”, órgão-chave do “Secular Establishment”), mas também de **Israel Shenker**, o “manager” judeu do escritório da revista “Time” em Roma, de **David Mead**, do “Chicago Sunday Times”, e de **Gerard Lemieux**, da Rádio Canadá. É digno de nota ademais que o “Secular Establishment” da Grã-Bretanha está representado nesse mesmo comitê por um elemento do prestigioso jornal “Guardian”, que desempenha um papel essencial na tarefa de amplificar a voz do “Catholic Establishment” britânico.

Ao mesmo tempo, incluindo os nomes de outros escritores progressistas que não pertencem ao “Establishment” (mas que experimentam uma simpatia generalizada por ele,

em razão de sua aparência progressista, e se sentem atraídos pelo IDO-C como fonte de informação), e emprestando assim os nomes dos periódicos mais ou menos prestigiosos que tais publicistas representam, o IDO-C vem a ser uma inapreciável organização de “fachada” para o “Catholic Establishment” intencional.

De tudo quanto foi dito resulta que dizer – como o faz John Leo no já citado artigo de “The Critic” – que o “Establishment” está ganhando terreno rapidamente é um modo magistral, não norte-americano, de dizer as coisas apenas pela metade.

XIII – O IDO-C em outros lugares

Tendo descrito o que é o IDO-C na Grã-Bretanha, França, Polônia e Estados Unidos, daremos a conhecer breve e sumariamente os seus tentáculos em outros países a respeito dos quais ainda não temos documentação adequada. E isto pode ser feito muito autoritadamente pela simples enumeração dos **membros do já tantas vezes citado “International Committee for The Development of Religious Documentation and Information”**, do IDO-C. São os seguintes:

África

Ver. J. Ceuppens – DIA – 3.e Boite Postal 2598 – Kinshasa – República Democrática do Congo.

Ver. Derks – “Die Brug” – 8.e Andreus Road 32 Houghton – Joanesburgo – África do Sul.

Pe. L. Matthys – Bishop’s House, P.O. Box, 17054, Hillborw – Joanesburgo – África do Sul.

Pe.A. Plesters – Ursuline Convent, 30 Kitchener Av. – Joanesburgo – África do Sul.

Pe. N. Scholten, O.P. – Dpt. Vir Eku-meniese Aangeleenthede – Postbus 5902 – Joanesburgo – África do Sul.

Ver. A.H. Schwarer – 62 Orient Road, Primrose – Germinston, TVL, - África do Sul.

Pe. Y. Tourigny, P.B. – CIPA – Vai Aurelia, 269 – Roma

Alemanha

Pe. A. Ahlbrecht – “Uma Sancta” – 8351 – Abtei Nieder – Altaich, NBD.

Prof. H. Haas – KDSA – Rheinweg, 34 – Bonn.

Pastor J. Chr. Hampe – Evang. Pressedienst – 8021, Hohenschäftlarn bei München – Forststrasse, 53.

Dr. E. Kellner – Paulus-Gesellschaft – 8828 Freilassung Postschliessfach, 66.

Dr. Kleine – “Frankfurter Allgemeine” – Frankfurt 1 Postfach 3463.

Dr. J. Seeber – “Herder” – Freiburg i. Br.

Pe. Seibel, S.J. – “Stimmen der Zeit” – Munique – Succalistrasse, 16.

Argentina

Juan M. Soler – “Aqui Concilio” – Calle 55, no. 578 ½ - La Plata

Carlos F. P. Lohlé – Editora – Via monte, 795 – Buenos Aires.

Pe. J. Luzzi S.J. – Colegio Máximo abajo San Miguel (FCNSM).

Pe. Jorge Mejia – “Critério” – Alsina, 845 – Buenos Aires.

Austrália

Ver. Michael Parer – “The Advocate” – P.O.Box 1256 L. – Melbourne.

Desmond O’Grady – jornalista – Via Bartelomeo Gosio, 77 - Roma

Áustria

Prof. N. Greitman – Herder & Cia. – Postfach, 248A., 1011 – Viena

Prof. Klostermann – Universidade de Viena – Waldeggghofgass, 3/5 – Viena, 17.

Prof. O. Mauer – “Wort und Wahrheit” – Wäringgerstrasse, 2 – Viena, 1.

Dr. E. Meditz – “Linzer Quartalschr.” – Goethestrasse, 54 – Linz.

Bélgica

P. Bouman – FAO – Via Vincenzo Starella, 64 – Roma

Dr. J. Grootaers – “De Maand” – Lieveheersbeestjeslaan, 49 – Bruxelas, 17.

Cônego François Houtart – FERES – 116, rue de Flamands – Louvain.

J. Kerkhofs – “Pro Mundi Vita” – 6, rue de la Limite – Bruxelas, 3.

Pe. R. Van Kets, O.P. – professor no Angelicum – Largo Angelico 1, Roma.

Dom C. Rousseau, O.S.B., “Irenikon” – Monastère Bénédictin de Chévetogne – Poste Haversin (endereço temporário: Via del Babuino, 149 – Roma).

Mlle. Ch. De Schrijver – DIA – 40, ave. G. Gezelle – St. Nicholaes-Waes.

Brasil

Marina Bandeira – MEB – Rua São Clemente, 385 – Rio de Janeiro (ac-02).

M. Sampaio Pinto – Asapress – Al. Ribeirão Preto, 267, apto. 56 – São Paulo.

Pe. A. Guglielmi – Av. Paulo de Frontin – Rio de Janeiro.

J. Abreu Vale - IDO-C – Via S. Maria Dell’Anima, 30 – Roma.

Canadá

Pe. Gregory Baum – St. Michael’s College – Toronto, 5.

Miss B. Brennan – Nat. Cath. Comm. Centre – 830, Bathurst Street – Toronto-Ontário.

M. Chabot – Office Catholique National des Techniques de Diffusion – 4635, rue de Lorimier – Montreal 34 – P.Q.

Bernard Daly – Inf. Bureau Can. Of Catholic Conferences – 90, ave. Parent – Ottawa 2.

Gérard Lemieux – Rádio Canadá – Via Archimede, 25 – Roma.

Checoslováquia

Prof. Jiri Nemeč – Academia Científica – Benesovska, 42 – Praga 10.

Chile

Pe. Juan Ohegavia, S.J. – “Mensaje” – Casilla, 10.445 – Santiago.

Pe. J. Poblete, S.J. – Centro Pastoral – Casilla 10.445 – Santiago.

Colômbia

L. Revollo Bravo – ULAPC – Apto. Aereo 12333 – Bogotá.

Pe. Gustavo Pérez – ICODES – Apto. Aereo 11966 – Bogotá.

Escandinávia

Dr. H. Selieer – Katolsk Informationstjanst. – St. Johannesgatan 5 B Uppsala – Finlândia

Mlle. G. Vallquist – Brahegatan 40 – Stocolmno – Suécia.

Pe. Edward Vogt – Sentrum vor Kulturog Religionsforskning – Cristiesgate, 16 – Bergen – Noruega.

Espanha

Pe. Arias – “Pueblo” – Via Asmara, 11 – Roma.

Pe. Cipriano Calderón – “Ecclesia” – Via di Torre Rossa, 2 – Roma.

Pe. Dr. R. Doucastella – ISPA – Buenavista, 6 – Barcelona.

Pe. Dr. J. M. González Ruiz – “Siglo XX” – Galileo 20 Bajo A – Madri.

Mons. J. Irribaren – “Yá” – Plaza S. Juan de la Cruz, 6 – Madri.

Pe. A. Montero – PPC – Levante, 16 – Madri

Dr. E. Miret Magdalena – “Triunfo” – Héros del 10 de Agosto, 12 – Madri 1.

Prof. J. Ruiz-Giménez – “Cuadernos para el Diálogo” – Héros del 10 de Agosto, 4 – Madri.

Estados Unidos

John Cogley – “New York Times” – Times Square – Nova York.

Mons. D. Hanley – “Long Island Catholic” – 53 N. Park Ave. – Rockville Centre, NY.

R.G. Hoyt – “National Catholic Reporter” – P.O.Box 281 – Kansas City (Miss. 64141).

James Johnson – “National Catholic Reporter” – 8th Grand Ave. – Kansas City, Mo.

Pe. E. Lynch, S.J. – Radio Vaticana – Via Carmeluccie 180 - Roma.

Gary McEoin – “Catholic Press Union – 17 Dodd Street – Nutley NJ (atualmente em Roma, a/c IDO-C).

David Meade – “Chicago Sunday Times” – 401 N. Wabash Ave. – Chicago 111.60611.

R. Kaiser – 19906 Pacific Coast Highway – Malibu (Califórnia).

Pe. R. Quinn, C.S.P. – 5, Park St. – Boston (mass).

Donald Quinn – “St. Louis Review – 462 Taylor Street – St. Louis (Mo).

Harold Schackern – Religious News-writers Association – Detroit Free Press – Detroit (Mich. 48231).

Pe. Sheerin, C.S.P. – Paulist Press, Editor, “The Catholic World” – 304, West 58th. Street – Nova York (NY).

Israel Shenker – “Time” – Via Sardegna, 14 – Roma.

Mons. V. Yzermans – NCWC – 1512, Massachusetts Ave. NW Washington (DC).

Martin Work – National Council of Catholic Men – 1312, Massachusetts Ave. NW Washington (DC).

Pe. Prof. D. O’Hanlon, S.J. – Alma College – Los Gatos (Califórnia).

França

G. Blerdone – Centre Jeunes Nations – 19, rue du Plat – Lyon 2.

J.-P. Dubois-Dumée – “Informations Catholiques Internationales” – 163, Boulevard Malesherbes – Paris.

Pe. Ch. Ehlinger – Editions du Centurion – 17, rue Babylone – Paris – VIIe.

Henri Fesquet – “Le Monde” – 5, rue des Italiens – Paris.

Pe. E. Gabel – “Le Journaliste Catholique” – 43, rue Sait-Augustin – Paris.

Pe. René Laurentin – “Le Figaro” – Grand Bourg, Evry-Petit-Bourg (Seine-et-Oise).

Pe. Rouquette, S.J. – “Etudes” – 15, rue Monsieur – Paris – VIIe.

Holanda

Pe. Dr. L. Alting von Geusau - IDO-C – 30, Via S. Maria Dell’Anima – Roma.

L. Baas – EUROS – Kon. Wilhelminalaan, 17 – Amersfoort.

Pe. Dr. W Goddijn, O.F.M. – Pastoraal Instituut – ‘s-Gravendijkawal, 61 – Rotterdam.

Prof. Dr. J. C. Groot – Willibrord-Verg – Den Eikenhorst, Esch, post Boxtel.

Pe. Dr. E. van Montfoort, A.A. – By-santijns Instituut – Sofialaan, 4 – Nimega.

Dr. H. J. van Santvoort – “Katholiek Archief” – Kon. Wilhelminalaan, 17 – Amersfoort.

Mej. A.E. van Tol - IDO-C – Pompweg, 22 – Ubbergen.

D. de Vree – KRO – Emmastraat – Hilversum.

W. Kusters – KASKI – Paul Gabrielstraat, 28-30 – ‘s-Gravenhage.

Hungria

Prof. Vid. Mholics – “Vigilia” – Kosuth Lajos V 1 – Budapest.

Pe. R. Bacsvary, S.J. – Dr. Ignas Seipel-Platz, 1 – Viena.

Índia

Ver. B. Aguiar – “Bombay Examiner” – 5 Convent Street – Bombaim.

Dr. R. Panikkar – Hanumanghat, b4/34 – Varanasi.

Inglaterra

G. Armstrong – “Manchester Guardian” – Via della Purificazione, 8/9 – Roma.

Pe. L. Bright, O.P. – “Slant” – St. Dominic’s Priory – Londres N.W. 5.

P. Burns – Burns and Oates – 25, Ashley Place – Londres, S.W. 1.

Mr. And Mrs. Glough – 2 Greenband Crescent – Southampton.

Pe. Hebblethwaite, S.J., “The Month”, revista dos PP. Jesuítas) – 31, Farm Street – Londres W. 1.

N. Middleton – Sheed and Ward Ltd. – 33, Maiden Lane – Londres W.C. 2.

Pe. W.A.Purdy – “The Tablet” – Collegio Beda, Viale di S. Paolo, 18 – Roma.

Irlanda

Pe. A. Flannery, O.P. – “Doctrine and Life” – St. Saviours, Upper Dorset Street – Dublin.

M. Gill – Gill and Son Ltd. – 50, Upper O’Connell Street – Dublin, 1

John Horgan – “Irish Times” – 67, Wellington Road – Dublin, 4.

S. McReamoinn – Rádio Eireann – R. T. E. Donnybrook – Dublin, 4.

Itália

Prof. G. Alberigo – Centro di Documentazione – Via S. Vitale, 114 – Bolonha

Pe. Balducci – “Testimonianze” – Piazza Monte Gandio, 8 – Roma.

Dott. G. Bigazzi – “Nuovo Osservatore” – P. Irnerio, 57 – Roma.

Dott. S. Burgalassi – Istituto di Sociologia – Via delle Belle Torri, 44 – Pisa.

Pe. P. Cabra – Ed. Quiriniana – Via Piamarta, 6 – Brescia.

Dott. Vitt. Citterich – “Avv. D’Italia” – Via Trasone, 39 – Roma.

Ver. V. Comelli – “Il Regno” – Via Nosadella, 6 – Bolonha.

V. d’Agostino – Rocca – Pro Civitate Christiana – Assis.

N. Fabro – “Il Gallo” – Cas. Post. 1242 – Genova.

R. La Valle – “Avv. D’Italia” – Via C. Boldroni, 11 – Bolonha.

Dott. R. Scarpati – SEDOS – 1ra. Transversal 2da., Avda., Los Palos Grandes, Ed. Kariba, ap. 22 – Caracas (Venezuela).

Pe. R. Tucci, S.J., “Civiltà Cattolica” – Via de Porte Pinciano 1 – Roma.

Iugoslávia

Prof. Sagi-Buniò – Borska, 35 – Zagreb.

Líbano

Pe. Mounghed Hachem – Boite Postale 2221 – Beirut.

Malta

Dr. B. Tonna – CCCC – 65 Old Mint Street – Valleta.

Pe. J. Ghigo, S.J. – “Problemi Tallom” – Xavier House, St. Paul St. 226 – Valleta.

México

J. Álvarez Icaza – Mov. Familiar – Tacuba, 26 – México, 1 DF.

J. Chaivez Gonzalez – “Revista Señal” – Hamburgo 31 – México, 22 DF.

Srta. B. Hollants – Grupo Cuernavaca – Apto. 479 – Cuernavaca.

Sr. e Sra. Xavier Wiechers – Mov. Familiar – Aristóteles, 239 – México, 5 DF.

Peru

Pe. G. Gutiérrez Merino – Universidad de Lima – Apto. 3234 – Lima.

Polónia

Julius Eska – “Wież” – U. Kopernika, 34 – Varsóvia

Jerzy Turowica – Znak – Lenartowizca, 3/10 – Cracóvia.

Portugal

A. Alcada – “Tempo e Modos” – Av. 5 de Outubro 297, 1 Dto. – Lisboa 1.

Sra. H. Gentil Vaz da Silva – “Concilium” – idem.

Ver. Luiz Moita – “Tempos e Modos” – idem

Pe. M. Reuvers, O. Carm. – CITOC – Casa Beato Nuno – Fátima.

Suíça

Pe. J. Bréchet, S.J. – “Choisir” – C.P. 140 – Genebra.

Pe. M. von Galli, S.J. – “Orientierung” – Scheidegstrasse, 45, Zürich.

Pe. Kaufman, S.J. – “Orientierung” – idem.

Dr. W. Ledergerber – Walter Verlag – Amtshausquai, 21 – Oiten.

Mme. M. Pompe – Pax Romana – 42, route de Berne – Friburgo.

G. Strasser – Pax Romana – route Jura 1 – Friburgo.

Uruguai

L. A. Verissimo – Pedro F. Berreo 871 – Montividéo.

Como se vê nesta lista, poucos lugares restam no globo terrestre em que o IDO-C não exerça, neste momento, uma poderosa influência sobre os meios de comunicação. Esta imensamente poderosa “Congregação de Propaganda Fide” paralela, à disposição da “Hierarquia paralela”, conta com meios os mais formidáveis para a “lavagem cerebral” dos fiéis e para conformá-los com a vontade do “Establishment”. Os poucos lugares ainda não atingidos, sem dúvida receberão em breve a

visita do peripatético secretário-geral do IDO-C, Pe. Leo Alting von Geusau, uma vez que, segundo nos informa o boletim do IDO-C inglês, “desejaríamos acrescentar à nossa lista de boletins, ao menos publicações em português, árabe, hindi, chinês e japonês, para abarcar desta maneira as maiores culturas do mundo”.

Ao publicar a lista de nomes que se vê acima – a qual não é nossa, mas do IDO-C – **não queremos insinuar que todas as pessoas que nela figuram procurem conscientemente subverter a Santa Igreja.** Como tampouco poderia talvez ajustar-se à verdade a afirmação de que todos aqueles que permitem que seus nomes sejam utilizados pelas organizações comunistas de fachada sejam comunistas ou, ao menos, e por esta razão, pró-comunistas.

O objetivo fundamental de qualquer organização de fachada é criar uma aparência de respeitabilidade que permita ao núcleo dos ativistas iniciados introduzir-se em círculos de onde teriam sido, de outro modo, escorraçados. O fato positivo de ser o IDO-C uma organização de fachada (entre outras coisas) quer dizer que algumas das pessoas acima relacionadas podem, ainda que sejam de certa forma progressistas, ignorar completamente os fins para os quais estão sendo utilizadas.

Não queremos insinuar tampouco que o IDO-C, pelo fato de lembrar de certo modo uma organização comunista de fachada, seja em todos os sentidos uma organização tal. É absolutamente inegável que ele envolve um número considerável de pró-comunistas; que

poucos dentre eles não são, pelo menos, anti-comunistas; que o IDO-C procura dialetizar a Igreja tal como o fazem os comunistas; que há comunistas (como por exemplo Roger Garaudy) que encontram no IDO-C o ambiente mais favorável para seus desígnios; que, se pudessem, tratariam de o “noyauter” [“nucleate”] e fazer dele um instrumento de seus propósitos (o que provavelmente não está longe de ocorrer na Grã-Bretanha e na Polônia). Mas isso tudo, que é perfeitamente inegável, não faz do IDO-C uma organização comunista de fachada mais do que influências análogas no seio dos sindicatos e das associações profissionais fazem do comum delas organizações de fachada do comunismo.

O IDO-C é uma fachada, não para o comunismo, mas para o neomodernismo. E as pessoas-chave que manipulam esta máquina de propaganda tremendamente poderosa e bem lubrificada, não são comunistas, mas simplesmente neomodernistas obcecados e contumazes, implacavelmente hostis à autoridade docente da Igreja. São isto, e nada mais que isto.

Isto, porém, é, em si mesmo, suficientemente alarmante. Se em 1910, três anos depois do anátema lançado contra o modernismo na Encíclica “Pascendi”, julgou São Pio X necessário pôr de sobreaviso contra a existência de uma sociedade secreta modernista na Igreja, hoje os neomodernistas não têm mais necessidade de segredo. O que foi naquela ocasião uma mera sociedade secreta, tornou-se desde há algum tempo um escândalo público, uma pedra de tropeço para todo o povo de Deus. [...].

O texto de “Ecclesia”

Os pequenos grupos e a “corrente profética”

O trabalho cuja tradução publicamos aqui apareceu na revista “Ecclesia”, de Madrid, órgão oficial da Ação Católica espanhola, no. 1423, de 11 de janeiro deste ano, pp. 19-33.

Na apresentação do trabalho assim escreve a revista: “Chegou à nossa Redação, com todas as garantias de seriedade e de procedência idônea, o extenso estudo que a seguir oferecemos aos nossos leitores sobre o pensamento e a atuação de certos grupos chamados “proféticos”, que vão pululando nos diversos ambientes de fora e de dentro de nossas fronteiras, no seio da comunidade cristã. Julgamos prestar um bom serviço a nossos leitores com a sua publicação. Isso porque, além do valor informativo das páginas que se seguem, podem elas evitar em muitos espíritos um pernicioso confucionismo e prevenir contra possíveis erros aos quais poderiam ser arrastados de boa-fé não poucos de nossos fiéis”.

Para não sobrecarregar a presente edição, deixamos para o número de junho a publicação do tópico final desta matéria, relativo ao desenvolvimento e às manifestações concretas dos “grupos proféticos” em vários países do mundo.

Advertência Preliminar

Este estudo não pretende dar uma visão exaustiva e total da “ideologia profética”, mas apenas assinalar os aspectos que nos pareceram mais relevantes e fáceis de verificar, e que, por sua vez, podem proporcionar uma pequena ajuda para análises e estudos mais completos e profundos. Trata-se, pois, de uma modesta contribuição para um possível estudo sobre as correntes ideológicas, de caráter religioso, mais freqüentes ou espalhadas no mundo, e de cuja influência e presença a Espanha não se encontra isenta.

Para a exposição dos dados que no presente trabalho se transcrevem, tomados como principal referência as seguintes fontes: o **centro IDO-C** e a revista “**Informations Catholiques Internationales**” (que no texto apresentaremos, para abreviar, sob a sigla I.C.I.), ambos considerados como os princi-

pais sustentáculos do “movimento profético”. O primeiro, enquanto fornece o conteúdo ideológico e elabora as linhas a seguir; e a segunda, enquanto, por sua extraordinária penetração nos meios católicos, difunde e propõe como exemplo as manifestações concretas desse “movimento profético”.

Examinamos em primeiro lugar alguns aspectos da “corrente profética” que se assemelham notavelmente ao pensamento dos “teólogos da morte de Deus”. Damos, a seguir, uma breve informação sobre os “grupos proféticos”; sua missão, natureza, etc., e seu desenvolvimento e manifestações concretas.

Resta-nos apenas tornar público o nosso agradecimento a todas as pessoas que colaboraram na preparação deste trabalho, cujo valor revela, por si mesmo, a competência delas e manifesta o ingente esforço que realizaram. Cremos, sinceramente, que prestaram um excelente serviço à Igreja, o que, ainda

que fosse só isto, já seria merecedor do nosso mais sincero reconhecimento.

Conteúdo, estrutura e manifestações

I. Introdução

1. Os pequenos grupos

Ao observar o panorama do apostolado leigo encontramos um fenómeno: o aparecimento e proliferação de pequenos grupos independentes, desligados de toda organização apostólica concreta⁶.

Este fato pode obedecer, entre outras causas, à aspiração natural do homem moderno – inserto em uma sociedade de massas, em que amiúde e de infinitas formas se sente despersonalizado, diluído – de integrar-se em pequenas comunidades onde, em um clima de cálida amizade, sua individualidade, sua personalidade, seja reconhecida e valorizada, e encontre um meio de expressão através de uma participação responsável.

Junto a esta aspiração, é preciso assinalar também a tendência – bastante saliente em alguns setores – a repelir toda estrutura que implique numa organização complexa.

Deste ponto de vista, trata-se de tendências legítimas e respeitáveis, próprias de nossa época, que têm sua repercussão dentro da Igreja. Nela, e concretamente no campo do apostolado leigo, há uma multiplicidade de vocações, de opções, de formas, que são perfeitamente legítimas.

Por isso, os pequenos grupos podem ter sua razão de ser hoje em dia, e sua dinâmica pode até oferecer um meio de canalizar setores da Igreja até agora passivos, que não participariam de outro modo nas tarefas da evangelização.

É bem de ver que esta estrutura tem também seus riscos, que podem ser, entre outros:

- desmembrar-se horizontalmente da comunidade e transformar-se num “ghetto” com complexo de elite;
- viver e atuar à margem das necessidades da comunidade eclesial, constituindo um fator de desagregação na unidade da Igreja;
- desvincular-se da Hierarquia, de uma forma mais ou menos consciente.

Se estes riscos forem superados – através de uma conexão com as comunidades básicas da Igreja (paróquia, etc.), e de uma vigilante atenção e docilidade às orientações do Magistério (Papa, Bispos) – a fórmula será perfeitamente válida e enriquecedora, e não cremos que ofereça motivo algum de inquietação. Simplesmente coincide com tendências naturais que se inserem nos novos caminhos abertos pelo Vaticano II: o apostolado leigo.

Contudo, esta nova forma de inserção do apostolado leigo na Igreja apresenta – em um número crescente de casos – certas características realmente alarmantes, que merecem séria reflexão e estudo.

Com efeito, dentro da estrutura flexível dos pequenos grupos há alguns que se caracterizam por determinadas constantes, que os tornam inconfundíveis e os situam na órbita de uma “corrente”, que corresponde a um sistema de pensamento e a certas atitudes concretas. Esta corrente se autodefine como “corrente profética”⁷.

Dela – tanto em suas idéias, como em suas atitudes – participam, em maior ou menor grau e de maneira mais ou menos consciente, todos os membros destes grupos.

Isto se deve a que – apesar de sua aparente dispersão e variada fisionomia no âmbito da Igreja Universal – os grupos estão ligados entre si, tanto através de pessoas como de

⁶ I.C.I., no. 303, p. 6, **François Houtart**: “É necessário descobrir, como fenómeno recente e em vias de aceleração, o aparecimento de pequenos grupos de leigos que às vezes tomam verdadeira importância, e se estabelecem fora dos quadros oficiais, sem vínculo orgânico com a Hierarquia, se bem que permanecendo dentro da Igreja”.

J. Grottaers: “Estruturas e comunidades vivas na Igreja pós-conciliar”, IDO-C, 15 de maio de 1967, p. 14: “Desde há vinte anos assistimos ao nascimento espontâneo de inumeráveis grupos de leigos que representam uma das formas do futuro do apostolado leigo em uma sociedade secularizada”.

⁷ J. Grottaers: conferência citada, pp. 14 e ss.

idéias e técnicas comuns. Ligações que, na maioria dos casos, não costumam ser percebidas por seus membros.

Entretanto, não quer isso dizer que a “**corrente profética**” se reduza apenas a esses grupos. São principalmente eles que a difundem, porém a corrente em si os ultrapassa amplamente, e chega a invadir setores cada vez mais dilatados da Igreja Universal.

Assim, graças ao dinamismo e às eficazes técnicas de difusão que caracterizam seus membros, logram estes introduzir-se nos seminários, organizações apostólicas, Ordens Religiosas, centros de pastoral, imprensa e editoras católicas, congressos, onde pessoalmente, ou através de figuras representativas do Clero e do laicato católico, realizam uma disseminação de idéias que são maravilhosamente aceitas no clima de “aggiornamento” pós-conciliar.

2. Suas características

Entre as características mais salientes dos “grupos proféticos” encontram-se as seguintes:

1. Nascem esses grupos, de ordinário, não tanto por impulsos de uma vocação apostólica específica, quanto de uma confrontação mais ou menos visível com a Hierarquia Eclesiástica, que os leva a separar-se das organizações.
2. Constituem-se não como uma forma a mais de apostolado, mas como a única forma válida para dar testemunho e apresentar “a verdadeira face da Igreja”.
3. Consideram-se especialmente assistidos pelos carismas do Espírito Santo – ao que atribuem sua assombrosa e “espontânea” proliferação em todos os continentes – para cumprir uma missão profética. Missão que consiste em denunciar a corrupção das estruturas da sociedade e da Igreja e em apresentar uma nova Igreja, adaptada

às exigências de um mundo secularizado e de um laicato adulto⁸.

4. Por isso consideram absolutamente necessário:
 - a) uma reforma radical, realizada pela “Igreja carismática” (laical), dos aspectos fundamentais da “Igreja-instituição”: Magistério, teologia, moral, Sacramentos, liturgia, etc.;
 - b) a aceitação de que o único testemunho cristão válido diante dos homens é o “compromisso temporal encarnado”, quer dizer, a colaboração com marxistas e membros de outras confissões cristãs para a “libertação dos oprimidos e explorados”, recorrendo a toda classe de meios, inclusive a violência.
5. Distinguem-se por uma crítica acerba:
 - de todo apostolado vinculado à Hierarquia, o qual consideram defasado, superado e incapaz de sintonizar com o mundo para dar uma resposta adequada às necessidades de nosso tempo;
 - do Magistério. O fundamento destas críticas, que dirigem principalmente aos Bispos, e mesmo ao Papa e ao Concílio, se funda na resistência – segundo eles – do Episcopado da Igreja Universal a aceitar as novas idéias sobre a missão da Igreja no mundo e o compromisso temporal.

Estas características emprestam luz para se compreender o mais profundo de algumas situações que se estão produzindo hoje na Igreja.

Por exemplo, muitos pensam que as tensões, as “crises” que ocorrem atualmente no interior da Ação Católica de diferentes países (França, Itália, Bélgica, Espanha, etc.) se devem simplesmente a discrepâncias entre o

⁸ I.C.I., no. 303, p. 8. **Gunnel Valquist**: “Le réveil du prophétisme”: “Por toda parte tenho encontrado a mesma coisa: de um lado, a “jovem Igreja” ou a “nova Igreja”, representada por uma grande parcela de jovens, estudantes, operários e Sacerdotes. E, por outro lado, a “Igreja estabelecida”, com sua Hierarquia à testa, com muito poucas exceções, salvo o caso da Holanda, onde o Episcopado teve a coragem de assumir também a responsabilidade da jovem Igreja”.

Episcopado e os dirigentes mais “dinâmicos” a respeito da forma concreta de adaptação dos princípios fundamentais do apostolado leigo, formulados pelo Concílio, a diversas situações e países.

A realidade é bem diferente. O que é objeto de polémica são esses mesmos princípios fundamentais. O que está em jogo é a essência mesma do apostolado leigo em seu conjunto. Não se trata de fazer um rigoroso reajuste das estruturas da Ação Católica, nem do acesso de outros movimentos a um nível de diálogo institucionalizado, nem do reconhecimento de outras formas de apostolado mais flexíveis.

Decididamente, trata-se da vinculação ou separação com referência à Hierarquia Eclesiástica, segundo esta aceite ou não determinados compromissos temporais. E isto afeta todos os setores do apostolado leigo, organizado ou não.

Esta separação é uma das características da “corrente profética”. Seu objetivo a curto prazo é “a libertação de estruturas demasiado pesadas”, a qual consiste em repelir o mandato hierárquico e criar “grupos proféticos” comprometidos na ação temporal.

Por trás desta fórmula inicial – que pretende aparecer como uma reforma necessária das estruturas do apostolado leigo organizado, na linha conciliar, para seu melhor enquadramento numa sociedade secularizada – está latente, entretanto, uma nova concepção da Igreja que opõe, de fato, a “Igreja comunidade de homens” à “Igreja instituição”, e o “profetismo leigo” ao Magistério eclesiástico.

II – Conteúdo Ideológico da corrente profética

1 . Visão do Mundo

Em primeiro lugar, dedica-se um especial interesse ao descobrimento da realidade do mundo atual, como pressuposto indispensável para a desejada adaptação da Igreja a estas realidades.

Para descobrir “os sinais dos tempos” utilizam as modernas técnicas de investigação social: **sociologia e estatística**. Esta utilização, que é necessária, padece, neste caso, de alguns **vícios** fundamentais:

Por um lado, **prescinde-se de qualquer outro tipo de realidades que não possam ser captadas ou explicadas através destas técnicas**. O resultado é que, exorbitando de um realismo necessário, utilizam-se exclusivamente critérios sócio-políticos ao focalizar as realidades da própria Igreja, o que desemboca fatalmente em um relativismo.

Com a agravante de que **muitos dos inquiridos que promovem não se limitam a sondar e recolher uma opinião, mas estão claramente dirigidos a CRIÁ-LA em um determinado sentido** que interessa ao pesquisador. As perguntas costumam ser elaboradas de tal forma que põem o entrevistado na alternativa de decidir-se por algo de arcaico e superado ou pela resposta exata que os pesquisadores querem obter e que sempre se apresenta como “a atraente”. O resultado é óbvio: diante de algo que se faz de forma apresada e sem tempo para refletir, ou versando temas que não se conhecem a fundo, preferimos todos hoje em dia passar por “avançados” e não como “retrógrados”.

Por outra parte, **dá-se a estas ciências um valor tão absoluto, que de indicativas se convertem em normativas**. Ao apontar certos fatos, sublinham “o que é”, e diante disto não cabe sequer cogitar “o que deveria ser”; simplesmente, “o que é” é igual a “o que deveria ser”.

Já não se trata de que estas ciências possam indicar-nos, entre outras coisas, “os sinais dos tempos”, senão que indefectivelmente **tudo** o que elas indicam são “os sinais dos tempos” (no sentido de um “sinal” que deve ser recolhido e aceito pela Igreja).

Em conseqüência, tudo o que elas indicam são “processos inelutáveis”, que não admitem oposição nem reajuste, mas que, pelo contrário, impõem uma mudança e uma adaptação. À vista disso, como veremos mais adiante, não se deve tentar, por exemplo,

“ressacralizar o mundo”, mas “dessacralizar a religião”⁹.

O ateísmo e secularização

Como resultado deste estudo do mundo, encontram-se eles diante de um fato evidente: **o fenômeno maciço do ateísmo**. Esta realidade inegável se generaliza e radicaliza de tal forma, que chegam à conclusão de que o homem é hoje essencialmente ateu, repele toda religião e só admite ajuda para promover-se cultural e socialmente. Aprofundando as causas do ateísmo, resumem-nas dizendo que se trata de um **fenômeno coerente** e lógico e que corresponde em sua totalidade ao “contra-testemunho” dado pelos cristãos, tanto individual, como comunitariamente.

- “O mundo não é ateu por sua culpa, mas por nossa culpa”.
- “Fizemos de nosso Deus e de nossa Igreja um espantinho, o qual é lógico que desprezem aqueles que amam a sinceridade, a liberdade, a responsabilidade, e ao qual contu-dopermanecemos fiéis, para vergonha nossa”.
- “Desfiguramos de tal modo a face da Igreja, que Ela não pode ser aceita pelos homens”.
- “Em lugar de apresentar um Deus vivo, encarnado, realista, nós cristãos alimentamos com tanta frequência de lendas e mitos religiosos, que temos sido incapazes de convencer”¹⁰.

Por outro lado, afirmam que o ateísmo pode tornar-se um fato positivo: mais do que de “perda de fé”, dever-se-ia falar de um processo de **purificação** e de **maturidade**. O homem de hoje, liberado pelo progresso científico de um estado ancestral de mitificação, substitui os mitos religiosos por algo mais racional, portanto mais em consonância com sua natureza.

A figura do ateu adquire aos olhos deles uma nova dimensão. Não se trata de uma pessoa diminuída e incompleta, como se nos fez crer repetidamente. Pelo contrário, aparece amiúde como um homem “de elevada estatura” que “caminha na vanguarda”, que tem a coragem de viver encarando seus problemas e os do mundo, sem a ajuda de “Um Deus suporte” ou “um Deus explicação”.

Esta admiração leva-os a se perguntarem em que se diferencia um cristão de um ateu. Sua resposta é desconcertante: - “Várias vezes temos tocado neste ponto, nas discussões, sem haver obtido respostas satisfatórias”¹¹.

A valorização do ateu estende-se também ao ideal moderno e ateu do mundo; um ideal que consideram ter alcançado metas diante das quais os cristãos temos fracassado estrepitosamente, e que cedo ou tarde acabará por se impor.

Essa sensação de frustração, junto com a valorização da eficácia imediata, é a causa do deslumbramento deles diante do marxismo, que os leva a aceitar uma colaboração estável nas tarefas de transformação da sociedade, especialmente no campo sindical e político.

A conclusão desta análise é que o ateísmo não é, afinal, senão **um processo de secularização**.

Seu conceito de secularização **não se limita a:**

- reconhecimento da autonomia das leis naturais;
- valorização, em justa medida, das realidades temporais, sem referências ou explicações pseudo-sagradas ou pseudo-religiosas;
- supressão dos abusos em que o homem e o cristão tenham podido cair em determinadas épocas ou situações; **mas entendem a secularização** como uma supressão radi-

⁹ O Pe. Congar assinalou e refutou esta idéia em sua conferência “O apelo de Deus” dirigida ao III Congresso Mundial do Apostolado Leigo, celebrado em Roma em outubro de 1967. O texto integral desta conferência foi transcrito na obra de Congar “A mês frères”, Editions du Cerf, 1968, capítulo III, pp. 77-104.

¹⁰ L. Evelyn: “Uma religião para nosso tempo”, pp. 27-28.

¹¹ L. Evelyn: obra cit., p. 31.

cal, por defasagem, de tudo o que signifique sinal ou presença, no mundo, de outras realidade de ordem superior às puramente humanas, naturais, comuns a todos os homens e aceitáveis por todos¹². Neste mundo secularizado, a única possibilidade de aproximação da Igreja ao homem encontrar-se-á na realização de um humanismo coincidente com o que praticam outros grupos de diferente sinal. A consequência da análise deles é, portanto, que a Igreja tem que ser objeto de uma reforma drástica, para estar em condições de adaptar-se ao mundo atual que dela exige:

- novos compromissos;
- novas estruturas;
- um novo conceito de evangelização¹³.

2. Crítica da Igreja

O **pressuposto indispensável** para a edificação da “nova Igreja” é a **crítica**, porque:

1. traz a convicção de que **a corrupção atual da Igreja exige uma mudança radical**;
2. evidencia que a **reforma tem que partir dos leigos**, porque nada há que esperar da Hierarchy.

Esta crítica – acompanhada, em certas ocasiões, por atos clamorosos de “contestação” (protesto global) – desperta com frequência certo receio pelo seu radicalismo¹⁴.

Por isso tratam de justificá-la

1. **enquadrando-a em um clima de profunda inquietação pela sobrevivência da Igreja**, à beira – segundo eles – do fracasso “por haver traído sua missão”;
2. **considerando-a sinal inequívoco de vitalidade**, em uma Igreja de adultos que superou a fase de “passividade bovina” dos leigos¹⁵.

Por outra parte, como se **baseia algumas vezes em fatos certos ou meias-verdades**, essa crítica é aceita facilmente, chegando a ser assimilada até em seus aspectos mais corrosivos.

Longe de impelir a quem a escuta à edificação da “nova Igreja”, esta crítica **conduz em muitos casos a uma situação de amargura, frustração e ressentimento, que termina na ruptura total com a comunidade eclesial**¹⁶.

Os promotores da “corrente profética” dão-se conta desta realidade, porém não se abalam. Segundo eles, os que não são capazes de superar este choque e depurar sua fé, pertencem às “massas alienadas” que cedo ou tarde se irão afastando, ficando assim a Igreja reduzida a uma pequena minoria sem triunfalismos nem manifestações de poder¹⁷.

Todo o **passado** da Igreja, **analisado com critérios sócio-políticos**, é julgado de maneira desapiedada e negativa.

Para eles a Igreja começa a corromper-se a partir de Constantino, e todo o seu desenvolvimento posterior foi condicionado por esse fato.

Assim, uma Igreja escondida, de catacumbas, se converte em:

¹² Uma manifestação concreta e expressiva disto é, talvez, junto com o esquecimento ou desprestígio dos mártires cristãos, a exaltação dos “santos laicos”: homens sem fé, mas com uma “mística laica”, que os leva a entregar a vida por uma causa humana.

Alceu Amoroso [Lima], membro da Comissão Pontifícia Justiça e Paz, escreve em um artigo intitulado “A propósito das vítimas da violência: Camilo Torres, Che Guevara e Régis Debray (I.C.I., no. 301, p. 21): “Posso louvar sem receio o heroísmo destes três homens pouco comuns: um Sacerdote, um filósofo e um médico... Não posso negar que estas três vítimas da violência representam, em nossa época de pragmatismo tecnológico, não somente um exemplo do que há de mais puro na natureza humana, a saber: a capacidade de sacrifício por uma causa justa, mas também um protesto desesperado da dignidade humana contra o pessimismo, a falsa felicidade e a injustiça da civilização; contra a prosperidade fundada sobre a justiça”.

¹³ J. Grotaers: *conf. Cit.*, pp. 14-16.

¹⁴ I.C.I., no. 321, pp. 11, 12, 13: “Os jovens irrompem no Katholikentag”. *Ibid.*, no. 321, p. 13: “Ocupação da Catedral de Parma”, *Ibid.*, no. 319, p. 7: “Ocupação da Catedral do Chile”. *Ibid.*, no. 315, pp. 36 e ss.: “Les agitations de l’Eglise “contestatrice” à Lille”. Textos transcritos na Parte III – 4, deste estudo, “Desenvolvimento e manifestações concretas”.

¹⁵ I.C.I., no. 319, p. 1, editorial: “A autoridade do Magistério pontifício é hoje objeto de veementes debates. Em vários países ouve-se falar de “crise de autoridade”. Nós não somos indiferentes nem alheios a esse debate. Parece-nos inevitável e sadio em uma Igreja viva”.

¹⁶ I.C.I., n.º. 313-314, p. 15: “Vêem-se até grupos destes cristãos que abandonam a Igreja, separam-se praticamente dela. Há movimentos de jovens cristãos comprometidos, nos quais já não se fala da Igreja, nos quais não se sente nenhuma angústia ante a situação da Igreja: estes cristãos se mantêm fora dela; conservando ainda a fé cristã, não vêem nenhuma razão para permanecer nas comunidades cristãs”.

¹⁷ G. Casalis, em I.C.I., no. 303, p. 8, cita a teoria de Robinson segundo a qual a Igreja deve aceitar a morte como realidade social “para participar do aniquilamento de Cristo”.

- uma Igreja **enfeudada ao Estado e triunfalista**: o Cristianismo ocidental, mantido unicamente por sustentáculos oficiais e externos, conduziu a uma religião mitificada. A cristandade foi um produto, não da fé, mas da alienação política;
- uma Igreja **dominada**: - por um paternalismo providencialista; - por um paternalismo clerical, que foi a causa do infantilismo dos leigos;
- uma Igreja **regida por um Magistério cheio de abusos e contradições**, que não só não respeitou a autonomia da consciência individual, mas também “constrangeu o mundo” obrigando-o a caminhar conforme a “nossa verdade”¹⁸;
- uma Igreja **desumanizada**. Ao fundamentar o amor aos homens no amor a Deus, traiu o amor ao homem por si mesmo. “Para amar o homem era preciso romper com a Igreja”;
- uma Igreja **rígida e inflexível**, que nos momentos cruciais de sua história antepôs suas estruturas ao “espírito”. “Na Reforma os protestantes levaram consigo o Espírito Santo e a palavra. Nós ficamos com a hierarquia e o rito”;
- uma Igreja **estabelecida**, com toda uma rede de instituições e organizações “confessionais” que impedem hoje o desenvolvimento de um compromisso missionário comprometido;
- uma Igreja, enfim, que em toda a sua história **não pôde trazer quase nada de positivo** à humanidade:

“Há séculos que não fazemos mais do que fracassar, e não pensamos senão em pre-

sumir. Fracassamos na virada republicana democrática; fracassamos na questão social; fracassamos na questão bíblica... “. “O fracasso das missões católicas é tragicamente evidente”.

“A questão da ciência moderna, da filosofia moderna, das técnicas modernas, é coisa que temos ignorado ou menoscabado a ponto de parecer que não estamos no mundo”.

“A história deste dois últimos séculos não é antes de tudo, como pensam muitos historiadores católicos, a revolução do homem contra Deus, mas a resistência empedernida que alguns cristãos conservadores, preguiçosos e tirânicos, retardatários em política, em economia, sociologia, ciência, filosofia, e mesmo em teologia, exegese, liturgia e Deus sabe quanta coisa mais, opuseram a todos os que queriam avançar”¹⁹.

As censuras recaem de modo especial sobre **os Bispos**, já que, segundo os “proféticos”, são os responsáveis pelo emperramento da Igreja, porque “longe de comprometer-se com os problemas de nosso tempo constituem o maior obstáculo para a renovação”.

Formulam suas acusações do seguinte modo:

- 1- a maioria e o dinamismo atual dos leigos dá-lhes uma nova visão do testemunho e do compromisso temporal;
- 2- em uma sociedade secularizada é utópico tentar a conquista dos ambientes por dentro, tal como propugnou Cardijn. Hoje o cristão deve aceitar a sociedade secularizada tal como é, mesclar-se com todos os homens, sem distinguir-se deles em nada. Em consequência, é preciso rejeitar inteiramente as ações ou grupos confessionais, isto é, que levem a etiqueta de cristãos;
- 3- por conseguinte, o único compromisso temporal válido, o único testemunho, é o engajamento com

¹⁸ Nicolás Boulte, presidente da JUC francesa, em “Le Monde”, 3 de novembro de 1965 (ver anexo nos. 1-2)

¹⁹ L. Evelyn: obra cit. Pp. 27-29.

qualquer grupo que pretenda elevar a condição dos oprimidos. O compromisso tem que ser tão radical, que não vacile em chegar a uma revolução violenta²⁰;

- 4- a Hierarquia deveria apoiar esta nova concepção do compromisso temporal, e impulsionar as organizações e adotá-lo, para não servir de obstáculo à marcha da História. Mas não o faz: - porque está defasada; - ancorada em posições superadas; - atada por compromissos constantinianos.

Sua atitude apolítica não é, no fundo, senão “uma forma larvada de conservadorismo”. Seu quietismo pode ser interpretado como “a aceitação da desordem estabelecida”. Ao aferrar-se a estruturas arcaicas, como o mandato hierárquico, se opõe, de fato, à renovação do apostolado leigo²¹. O ideal desta situação é libertar as organizações do controle da Hierarquia. Mas amiúde isto não é possível, pelo que se impõe a necessidade de abandoná-las para constituir grupos flexíveis, com plena liberdade de movimento à hora de assumir compromissos temporais²². Ver anexo 1 sobre “a crise da Ação Católica” francesa e o nascimento da JUC.

Sobre o **Concílio** opinam que foi uma esperança, mas ficou de tal modo a meio caminho, que já está superado:

- a Igreja não chegou a Se comprometer. Insinuaram-se soluções, mas sem aprofundar para chegar a suas últimas conseqüências. De fato, a Hierarquia não saiu de seu tradicional imobilismo, salvo raras exceções, e não se deu aos leigos a ocasião de se expressarem amplamente;
- isso obriga os cristãos adultos a manterem-se em tensão e preparar um novo Concílio, no qual uma ampla e dinâmica representação leiga qualificada faça saltar a barreira que separa a Igreja do mundo²³.

As críticas ao Concílio se dirigem especialmente ao **Decreto sobre o Apostolado dos Leigos**, que consideram “um documento conciliar de segunda ordem que não terá grande futuro”, e que deve sua existência à cobertura de Episcopados que queriam a todo custo conservar as estruturas existentes (Alemanha, França, Espanha).

Atribuem ao Decreto duas falhas importantes:

- a ratificação do mandato hierárquico;
- o estabelecimento de uma dualidade temporal-espiritual hoje superada.

Os juízos que eles fazem a respeito do **mandato** são os seguintes:

- prejudica a noção de responsabilidade do leigo na Igreja;
- o laicato a ele sujeito está destinado a ser um “interlocutor submisso” de uma Hierarquia que, em lugar de chegar a um diálogo, prossegue seu monólogo;
- se há alguns dirigentes que o admitem, é “pelo prestígio e vantagens morais que proporciona a

²⁰ Revista “Croissance des Jeunes Nations”, no. 67, p. 24.

Em um artigo de **Georges Hourdin** (diretor de I.C.I.) sobre “A justa violência dos oprimidos”, cita-se Arlino Souza (ex-coordenador de juventudes católicas).

Este, na revista “Tiempos Modernos” (abril de 1967), afirma: “Cristianismo e revolução são conciliáveis... Dever-se-ia poder ser comunista e cristão... Cristão e guerrilheiro? Por que não, se não há outro remédio?....”

No Uruguai a revista “Vispera” (janeiro de 1968), dos estudantes de “Pax Romana”, dedica quase dois terços de suas páginas a Che Guevara, à revolução e à guerrilha, e não para colocar-se contra isso”. (I.C.I., no. 306, p. 6).

“Carta aberta ao Papa”, da Confederação Latino-Americana de Sindicatos Cristão (CLASC): “Quanto à revolução, o ponto mais importante não é o da violência ou não violência; o que cumpre fazer, simplesmente, é a revolução, até suas últimas conseqüências”. (I.C.I., no. 321, p. 8).

Carta de oitocentos Sacerdotes do continente latino-americano ao Episcopado, pedindo “uma ampla margem de liberdade na eleição dos meios mais aptos para libertar os povos da violência passiva” (I.C.I., no. 321, p. 8).

Ver também Parte III – 3, deste estudo, “Manifestações concretas”: “França: A Igreja e a revolução. A revolução na Igreja”.

²¹ J. Grotaers: conf. Cit., pp. 8, 11, 13.

²² Exemplo disso é o caso da JEC/F francesa na crise de 1965. Os dirigentes que se demitiram para manter seus compromissos com a UNEF (União Nacional de Estudantes Franceses, integrada na Internacional marxista UIE) fundaram um movimento – a JUC – que se autodefiniu como “profético”. (Ver anexo no. 1).

²³ I.C.I., no. 315, pp. 36 e ss. (transcrito na Parte III – 3). O movimento “Bíblia e Revolução” pede que “um próximo Concílio se efetue contando com a base”.

submissão à Hierarquia”. (Ver nota 19)²⁴.

A respeito do **dualismo temporal-espiritual**²⁵:

- negam que a ação temporal tenha que ser inspirado por princípios cristãos;
- negam que o apostolado leigo tenha uma missão direta e propriamente evangelizadora. Quando muito, esta ação diretamente evangelizadora só terá lugar quando os problemas mais urgentes da humanidade (fome, justiça, desenvolvimento) estiverem solucionados;
- identificam história da salvação e história cósmica, reino de Deus e progresso da civilização. Aham que o crescimento da humanidade – segundo seu próprio movimento – é o crescimento do Corpo Místico de Cristo.

3. **Igreja-Nova**

O exame da situação e a **crítica** põem da manifesto um fato evidente: que a Igreja, tal como está, não é válida em um mundo novo. Portanto, se quer servir ao homem de hoje, não tem Ela outro remédio senão “romper suas estruturas e entrar na via da secularização”.

Sentem-se eles chamados, portanto, a uma apaixonante tarefa: reformar a Igreja, dar-lhe “uma nova face”. Esta reforma implica em: - um novo conceito de Igreja; - com certos novos conteúdos; - uma radical revisão de alguns aspectos concretos; - e uma democratização, como único meio de realizar tal reforma.

A) Novo conceito de Igreja

“As críticas, os apelos, as exigências dos ateus, traçam-nos um autêntico programa ao mostrar os traços que deveriam caracteri-

zar e caracterizam a verdadeira Igreja do verdadeiro Deus”²⁶.

Para responder a estas críticas e seguir este programa, e para poder subsistir em um mundo secularizado – ateizado – a única possibilidade que tem a igreja é a “forma profética”.

Esta forma implica em um conceito revolucionário de Igreja:

- o **requisito fundamental** para pertencer a ela é amar o homem e comprometer-se na luta sócio-política por sua libertação. “O principal para nós é nosso compromisso militante revolucionário”;

- o **conceito que se tenha da religião** (valor supremo ou alienação, **a relação com Deus** (negação indiferente ou ataque direto), **a atitude perante o crente** (respeito ou proselitismo ateu), **são questões secundárias**;

- o que uma pessoa pense de Deus não tem importância, desde que ela se preocupe com seus semelhantes. Na realidade, quem ama o homem está amando a Deus, ainda que creia estar lutando contra Ele;

- por isso, um ateu, um comunista que está lutando pelo homem, forma parte da Igreja profética com maior plenitude do que um batizado que não se compromete na luta revolucionária.

B) **Novos conteúdos**

Uma Igreja pobre, uma Igreja dos pobres

1 – **A primeira riqueza de que deve ser despojada a Igreja é “a insuportável suficiência de possuir a Verdade”**²⁷.

Durante séculos temos fabricado para nós mesmos “um Deus explicação” de tudo quanto existe, “um Deus suporte” da debilidade humana. Temos utilizado a religião co-

²⁴ J. Grotaers: *conf. Cit. Pp. 13 e ss.*

²⁵ J. Grotaers: *conf. Cit., p. 9.*

²⁶ L. Evelyn: *obra cit., p. 28.*

²⁷ L. Evelyn: *obra cit., p. 28.*

mo morfina. Temos apresentado a Verdade como um bloco monolítico e granítico.

Temos feito da educação religiosa uma couraça de proteção que nos tem colocado em uma atitude “ofensiva”: evitar de sermos seduzidos, conservando porém a capacidade de seduzir.

Em face desta suficiência superada – que encobre um infantilismo larvado – impõe-se hoje **um novo tipo de cristão maduro e adulto**:

- que sabe que não existe a Veredade, mas “minha verdade e a sua verdade”;

- que aceita a dúvida, a insegurança, a obscuridade, a vacilação;

- que caminha desarmado, vulnerável, nu, aberto, estendendo sua mão amiga a todos os homens;

- que não provoca os demais com a riqueza de sua fé e sua segurança.

Em uma palavra, um verdadeiro “pobre”. Pobre é aquele com o qual todos se encontram à vontade, porque considera que não tem riqueza alguma para comunicar e está sempre disposto a receber.

2 – Do mesmo modo, a **Igreja não será pobre**, não estará preparada para entrar pela via da secularização, **enquanto não se desprender de “suas catedrais”, de suas instituições, de suas obras; enquanto não abandonar toda manifestação externa, maíça, organizada.**

a) Em conseqüência, a Igreja deve desprender-se de suas **instituições docentes** em todos os níveis²⁸:

“a **Universidade católica** é um obstáculo para a evangelização”;

“a **escola confessional** é um germe de divisão que se opõe à fraternidade universal”;

“o **ensino, em geral**, deve ser laico, neutro. As Ordens Religiosas que até agora se têm consagrado a este trabalho limitar-se-ão a exercer uma função puramente cultural, adotando um gênero de vida laico”.

b) As **obras assistenciais** da Igreja (beneficentes, culturais, formativas, etc.) devem limitar-se a atuar na linha de um simples humanismo no qual se pratique a ajuda ao homem pelo homem, sem nenhuma referência de tipo religioso²⁹.

c) As **organizações apostólicas** encontram-se diante de uma alternativa:

- ou substituir uma ação evangelizadora defasada, por um compromisso temporal totalmente desconfessionalizado, isto é, por um compromisso temporal revolucionário,

- ou desaparecer³⁰.

d) Os cristãos devem abandonar toda **ação política ou social** que implique na defesa de uma concepção de sociedade conforme os princípios cristãos.

Por conseguinte, deve ser repellido qualquer tipo de partido político ou sindicato confessional que impeça ou dificulte a união dos cristãos com os demais homens, especialmente com os marxistas³¹.

Igreja encarnada, dessacralizada, desmitificada, antropologizada

Reduzida a pequenas comunidades, sem manifestações de poder, sem idealismos nem triunfalismos.

Comprometida na luta pelos pobres, dando seus membros, exclusivamente, uma

²⁸ I.C.I., no. 321, pp. 31-32. I.C.I., no. 319, p. 18. “La Vie Catholique Illustrée”, no. 1156, pp. 34 e ss.: “Ponho meu filho na escola leiga para que sua fé seja mais verdadeira. A constatação de outras confissões religiosas e do ateísmo em professores e alunos obriga-o constantemente a pensar na sua fé e depurá-la, reduzindo-a ao essencial”.

²⁹ “Fêtes et Saison”, agosto-setembro de 1967, no. 217 (dedicado integralmente à preparação do III Congresso Mundial do Apostolado Leigo), p. 9.

³⁰ J. Grotaers: conf. Cit., pp. 14-16.

³¹ J. Grotaers: conf. Cit., pp. 14-16.

resposta aos problemas da fome, da justiça, do desenvolvimento.

Afastada da filosofia do passado. Dando testemunho, não pela palavra e pelo culto, mas pela ação e pelo compromisso temporal: “justiça social e amor aos demais, e nada de cultos idolátricos”.

Igreja livre, sem compromissos constantinianos. Isto é, desvinculada totalmente do poder temporal, de tal maneira que prescindia não só de concordatas, mas de qualquer tipo de relação de caráter estável.

A colaboração e participação dos cristãos nos governos dos países capitalistas (ocidentais) considera-se como um compromisso com a “desordem estabelecida”, e deve ser substituída por uma ação de oposição e guerrilha, procedente de uma Igreja “nas catacumbas”.

Essa norma só é válida nos países ocidentais. Nos socialistas, pelo contrário, a Igreja enquanto Igreja, e os cristãos enquanto cristãos, devem colaborar com o regime de sua nação e ocupar postos no governo.

Especialmente os alemães têm uma missão histórica providencial: servir de ponte entre o Leste e o Oeste, reconciliar as duas Alemanhas através da reconciliação de cristãos e comunistas dentro da “Igreja profética”.³²

Igreja carismática

Conduzida e dirigida, não pelo Magistério hierárquico, mas pelos “carismas” que se manifestam preferentemente na Igreja laical.

Pelo fato de ser batizado, o leigo recebe do Espírito Santo certos carismas que escapam por si mesmos ao julgamento e à avaliação da Igreja hierárquica.

Esta independência foi posta de lado e sufocada na Igreja, especialmente a partir da Reforma protestante e como reação conta ela.

Somente depois de quatro séculos, no Vaticano II, a Igreja reconheceu seu erro.

Contudo, o Magistério continua opondo resistência à aceitação do “profetismo leigo” com todas as suas conseqüências.

Isto torna necessário que os leigos unidos reivindiquem, perante a Igreja institucional, seu autêntico direito de fiscalizar as decisões últimas do Magistério; de tal maneira que este não possa adotar nenhuma atitude que vá contra o sentir geral dos leigos³³.

C) Revisão radical de alguns aspectos concretos

Uma nova moral³⁴

A moral tradicional do passado, casuística, impregnada de “tabus” e de sentido do pecado, delimitada em normas concretas, deve ser superada por uma nova moral, mais ampla e geral, para homens maduros, livres.

O Cristianismo é apenas uma atitude vital, uma ética que emana da consideração e apresentação de Jesus Cristo como homem perfeito, uma antropologia, uma moral social.

A consciência individual, segundo a situação concreta de cada homem, tem primazia absoluta sobre qualquer norma objetiva. A Igreja não deve intrometer-se ditando normas ou princípios gerais sobre problemas concretos.

O Direito Canônico não deve ser reformado, mas eliminado.

A moral cristã deve ser reformada pelo leigo, não pela Hierarquia (Papa, Bispos, Sacerdotes), que por causa do celibato e de seu afastamento dos problemas do mundo não es-

³³ I.C.I., no. 303, p. 8 **Marietta Peitz**: “O problema das “duas Igrejas” se põe talvez mais na América Latina do que na Europa... No Peru encontrei um abismo trágico entre a Igreja hierárquica oficial, onipotente, e uma juventude que luta só e está só. Encontrei apenas dez Sacerdotes que compreenderam o que é a Igreja dos pobres: estão em oposição ao Nuncio”.

Esta idéia esteve muito presente em determinados setores do III Congresso Mundial do Apostolado Leigo (Roma, outubro de 1968).

Em apoio desta teoria um dos textos mais utilizados é a recente obra de **Hans Kung**, “A Igreja”, especialmente o capítulo dedicado ao estudo da “Igreja carismática”.

³⁴ “Fêtes et Saisons”, agosto-setembro de 1967, no. 217, pp. 12 e ss.: “O essencial é amar, e ordenar o comportamento do amor. A moral conjugal não tem sentido para um casal que se ame verdadeiramente... O pecado é não amar”. I.C.I., no. 319, p. 25.

³² Ver parte III – 3, “Manifestações concretas”: “Alemanha Federal. Alemanha Oriental”.

tão capacitados a enfrentar algumas das questões mais candentes.

Os sacramentos

A Criação e a Encarnação são os dois fatos fundamentais da história da salvação. Através deles Deus purificou, dignificou e realçou de tal modo a matéria (o mundo) e o homem, que estes são os dois únicos “sacramentos” importantes.

Tudo o que importe em acrescentar, superpor algo a esta elevação do mundo e do homem, é sacralizar, mitificar, diminuir a autonomia da ordem do criado.

Em conseqüência, os Sacramentos cristãos não acrescentam nada de novo, ou acrescentam muito pouco. E assim não se pode dizer que o primeiro ato religioso do homem seja o batismo, mas, simplesmente, o seu nascimento³⁵.

A administração do **Batismo** às crianças representa um desrespeito à dignidade e à liberdade da pessoa humana. Cada qual deve decidir a respeito do batismo quando tiver maturidade para entender os compromissos que este Sacramento encerra.

A **Penitência** é posta em questão pelo cristão, já que, tal como se pratica, ela é algo de estranho e intolerável para o homem de hoje. Deve ser substituída por liturgias penitenciais coletivas. A única coisa que importa é que o homem se reconheça pecador e adote uma atitude de pecador. A acusação dos pecados ao Sacerdote é um acréscimo, algo que inventamos por masoquismo, por afã de incorporar à nossa religião tudo o que seja desagradável³⁶.

A **Missa** purifica, justifica por si mesma o homem que se acha em pecado mortal, sem necessidade de confissão.

As **homilias coletivas** são a melhor maneira de levar à Igreja, na livre confronta-

ção e discussão dos leigos, todos os problemas que atualmente se suscitam no mundo e na Igreja (doutrinários, teológicos, políticos, sociais, etc.)³⁷.

O **vínculo matrimonial** fica automaticamente rompido com o desaparecimento do amor.

Em caso de separação, o cônjuge inocente deve ser autorizado pela Igreja a contrair novas núpcias³⁸.

Os **votos religiosos** supõem uma “consagração” hoje superada, que separa do mundo os que a realizam, alienando assim grandes massas da Igreja. Eles despersonalizam e desumanizam, criando o tipo de Religioso fechado às realidades temporais. Sobre tudo, são as Freiras uma nota anacrônica na sociedade secularizada do século XX.

O **celibato** cria um tipo de pessoa tarada, assexual, realmente repelente. Deve ser abolido e os Padres devem casar-se para evitar, desta forma, a consideração da sexualidade e do matrimônio como algo de imperfeito.

As causas do abandono maciço do sacerdócio, que hoje presenciamos, são:

- o desalento ante a lentidão das reformas sociais e eclesiais, por parte da Igreja;
- o molde asfixiante de Padre que o Concílio ratificou: “Recrutar homens jovens e generosos para metê-los no molde do Padre como o define o Concílio Vaticano II acabará sendo uma ofensa à moral pública”.

O termo “consagração” está superado; deve ser substituído pelo de “ordenação” e pela consideração do Sacerdote como funcionário ao serviço do povo de Deus e de todos os homens.

³⁵ Citado por Congar em sua conferência ao III Congresso Mundial do Apostolado Leigo (Roma, outubro de 1967).

³⁶ “Fêtes et Saisons”, no. 217, pp. 14-18, e no. 218, p. 10. Inquérito: “Por que não querem confessar-se?”

³⁷ I.C.I., no. 305, pp. 32 e ss. Alemanha Federal: “Como nos é impossível dialogar com nosso Bispo, não nos resta mais do que uma solução: provocar a instituição. Como? Pronunciando-nos a favor do Vietnã ou fazendo entrar a política na Missa”.

³⁸ “Fêtes et Saisons”, no. 217, p. 35: “A Igreja tem falado demasiado à mulher resignação e sacrifício. O que supõe às vezes fugir ao esforço... Outros mestres aconselham hoje a esta que repudie a fé cristã, ligada a esses valores mais ou menos deformados”. A Igreja deve admitir uma solução para o problema dos casais separados, aceitando a possibilidade de que tornem a casar-se as mulheres abandonadas por seus maridos”.

As diferenças entre Sacerdote e leigo devem ser superadas, dessacralizando-se assim a figura do Sacerdote ao considerá-lo como “leigo ordenado”.

O Sacerdote dedicará somente meia jornada ao seu ministério, empregando o resto do dia em algum trabalho manual ou atividade profissional. Isto por razões econômicas e de eficácia pastoral³⁹.

O aspirante ao sacerdócio deve ser formado nos “grupos proféticos”. Começará assistindo como membro, para exercitar-se mais tarde no diaconato e chegar por fim ao sacerdócio, depois de fazer estudos de teologia em regime de externato.

Portanto, os Seminários devem ser suprimidos⁴⁰.

O culto e a paróquia⁴¹

A paróquia deve prescindir de todas as atividades organizadas sob sua tutela: escola, patronatos, obras de caridade, bibliotecas, clubes esportivos, etc.

Isto não quer dizer que os cristãos devam desinteressar-se de todas estas atividades e formas de ação. O que antes faziam como membros da paróquia, eles o farão depois em instituições estatais, em colaboração com os não crentes.

A paróquia se fraciona em pequenos grupos, cujos membros se integram livremente, segundo suas afinidades e compromissos temporais: “Eu não experimento o sentimento de ser Igreja senão quando tomo parte em uma reunião restrita de amigos, na qual rezamos e trabalhamos juntos, unidos por um mínimo de opções comuns”.

Os grupos se reúnem em casas particulares, onde celebram a Eucaristia sentados ao redor de uma mesa, depois de uma ceia frugal.

Celebram-se estas Missas em um clima de manifesta “dessacralização”: o Sacerdote prescinde de seus paramentos, consagra pedaços de pão comum, do qual todos comem, e vinho comum em uma taça grande, da qual todos bebem.

A liturgia está sujeita à livre criação, segundo a inspiração de cada um.

O templo não é necessário. Encontra-se a Deus nos homens, e não no templo.

A igreja não deve ser considerada como um lugar sagrado, como “casa de Deus”. Por ser “casa do povo de Deus”, o templo deve ser utilizado, a serviço do povo, para outros usos profanos (sala de leitura, conferências, reuniões...), e estar aberto a todos os homens, sem discriminações ideológicas.

D) A democratização⁴²

O único meio para que a Igreja adquira esta “nova face” é “a democratização radical”, já que, diante de uma Hierarquia sempre remissa, só a pressão dos leigos pode tornar realidade as mudanças necessárias.

Esta democratização da Igreja supõe:

1 – que o “sensus fidelium” condicione de maneira efetiva as decisões da Hierarquia;

2 – a criação de “órgãos institucionalizados” de leigos que: - sejam os únicos portavozes do “sensus fidelium”; - tornem possível a existência de um autêntico “co-governo”, elaborando, paralelamente à Hierarquia, as decisões e orientações pastorais de toda a Igreja. Isto será possível quando se constituir uma **organização mundial de leigos**, com força suficiente para colocar-se diante da Hierarquia em pé de igualdade. As minorias proféticas é que, por seus carismas, seu dinamismo e sua situação nos postos-chave dos órgãos de captação da opinião pública da Igreja, são chamadas a ocupar os postos representativos nos órgãos de diálogo institucionalizados,

³⁹ Roger Serrou: “Paris-Match”, no. 992, 13 de julho de 1968, pp. 88 e ss., “O Sacerdote de amanhã já está entre nós”. I.C.L., no. 315, p. 11.

⁴⁰ “Fêtes et Saisons”, agosto-setembro de 1967, no. 217, pp. 24-25.

⁴¹ “Fêtes et Saisons”, agosto-setembro de 1967, no. 217, pp. 8 e 19, Roger Serrou: “Blanco y Negro”, no. 2946, 19 de outubro de 1968, pp. 36-56.

⁴² I.C.L., no. 315, pp. 11, 38 e 39. Ver proposta da delegação filipina no III Congresso Mundial do Apostolado Leigo (Roma, outubro de 1968).

como porta-vozes das aspirações do povo de Deus;

3 – a participação dos leigos na eleição de cargos, especialmente dos Bispos. Se os privilégios estatais neste terreno representam uma ingerência inaceitável, tampouco é conveniente deixar esta questão nas mãos das Conferências Episcopais, que poderiam ser igualmente sectárias;

4 – acesso dos leigos à vida interna da Igreja, no que se refere à informação, mesmo nas questões até agora reservadas às mais altas esferas hierárquicas. A informação deve ser acessível em todos os níveis, mediante uma publicidade total.

III . Os Grupos Proféticos

1 . Sua missão histórica segundo a corrente profética

“O apostolado leigo organizado chegou hoje ao momento de sua libertação de estruturas demasiado pesadas, ao momento da desencarnação temporal, para encontrar uma forma profética com vistas a novos compromissos”.

Por conseguinte, a evolução do apostolado leigo no sentido da formação de grupos proféticos é um fenômeno que se enquadra no processo de avanço inelutável da História, e que seria inútil querer deter.

Nesta evolução, a primeira etapa – antes da segunda Guerra Mundial – foi a etapa das “obras católicas”, que pretendiam preservar o mundo cristão do processo de secularização. Nesta etapa se desenvolve a Ação Católica unitária.

Em um segundo momento, a Igreja pretende passar à ofensiva, reconquistando os ambientes por dentro. Para isso nascem os movimentos especializados. Estes movimentos, porém – que alcançaram seu zênite de dinamismo pouco antes da segunda Guerra Mundial – iniciam depois desta sua curva descendente e começa-se a falar da crise da Ação Católica”.

O pós-guerra é a hora dos movimentos proféticos, que não tratam de conquistar os ambientes, mas de aceitar a sociedade secularizada, adaptando-se a ela ⁴³.

Esta evolução natural explica sociologicamente a assombrosa proliferação dos grupos proféticos não só na Europa (Alemanha Federal e do Leste, Bélgica, França, Itália, Espanha, Holanda, etc.) como também na América do Norte e do Sul e nos países do terceiro-mundo.

Nestes, o movimento profético está muito desenvolvido graças ao impulso dado aos grupos “Ad Lucem”, com sede na França, pelo seu dirigente internacional **Louis Evely**.

Estes grupos orientam sua ação para os países asiáticos e africanos e contam, há vinte anos de seu nascimento, com membros em mais de vinte nações ⁴⁴.

Atualmente são muitos os movimentos de Ação Católica que evoluíram rumo ao profetismo; e espera-se que outros tantos, entre os quais se contam os da Espanha, sigam seu exemplo muito em breve ⁴⁵.

2 . Natureza e estrutura

São grupos muito flexíveis, criados pela influência de um leigo, um Sacerdote “profeta” ou uma revista, e fortemente apoiados em nível internacional por organismos tão potentes como o IDO-C.

(A revista IDO-C publicou em maio de 1967 um número dedicado a uma conferência de seu co-fundador, **Jean Grotaers**, na qual este assinalava como a tarefa primordial dos participantes do III Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos: libertar o apostolado leigo de “estruturas demasiado pesadas”, desvinculando-se da Hierarquia “para constituir grupos proféticos”).

Nos “grupos proféticos” integram-se indistintamente católicos, protestantes e mar-

⁴³ J. Grotaers: *conf. Cit.*, p. 14.

⁴⁴ L. Evely: *obra cit.*, pp. 11 e 14.

⁴⁵ J. Grotaers: *conf. Cit.*, pp. 8 e 16.

xistas, unidos por um compromisso temporal “encarnado” de interesse comum.

Os membros dos “grupos proféticos” são homens e mulheres, solteiros ou casados, de todas as idades e condições sociais; em sua maioria são técnicos de grande competência que se dedicam a diferentes profissões e carreiras. Entre eles há Sacerdotes, mas estes trabalham como os leigos; são, segundo eles, “leigos ordenados”.

Caracterizam-se por relações, não de paternalismo, mas de fraternidade, animados por uma equipe profética na qual a distinção entre o Clero e o laicato acha-se superada.

Não são grupos isolados. Na conferência aludida, Grotaers falava de uma reunião de fim de semana na Bélgica flamenga., na qual tomara parte; nela, os grupos de intelectuais participantes (vinte) ficaram ligados entre si.

Tampouco se acham sempre à margem do apostolado organizado. Podem surgir e constituir-se no seio das próprias organizações apostólicas. Neste caso sua missão consiste em ascender aos órgãos diretivos para imprimir à organização o “sinal profético”.

3 . Reuniões e técnicos

a) Cada grupo se constitui por meio de um “profeta” – leigo ou “leigo ordenado” – com três ou quatro pessoas, de preferência operários e estudantes. Também casais, etc.

b) Numa primeira etapa busca-se com grande interesse a “confessionalidade”, isto é, a cobertura real ou aparente da paróquia ou de qualquer outra organização ou edifício religioso ou apostólico. Inclusive, em certas ocasiões, convida-se o Bispo para uma reunião, a fim de que abençoe a “obra”, permitindo que ela se estabeleça na Diocese. Isto é necessário para não “espantar” os simpatizantes. “Ainda temos pouca força e é preciso contar com o apoio do Bispo e do Pároco para dar os primeiros passos, porém mais tarde se prescindirá disto”. “Ninguém suspeita de nada, ninguém receia nada, porque isto nasce dentro da Igreja”.

c) As primeiras reuniões são orientadas no sentido de atrair possíveis membros. Adotam, em geral, a forma de uma “liturgia da palavra” realizada em um clima de amizade, na qual tratam de temas tão atraentes como a caridade, a paz, etc., tendo por base leituras bíblicas, cânticos e a recitação de Salmos, acompanhados de um colóquio final.

d) Depois se organiza e se propõe uma **convivência**, para a qual se convidam as pessoas mais “inquieta” e “impressionadas”. Nesta convivência procura-se obter a “conversão”, isto é:

- o reconhecer-se pecador por não ter vivido a caridade e ter uma falsa religião;
- não basta um reconhecimento individual, é necessário tomar também consciência dos pecados da Igreja;
- é preciso humilhar-se e tomar uma atitude pobre. Adquirir a consciência de ser um pobre em uma Igreja de pobres;
- pedir perdão. Ao ser aceito na comunidade pelos irmãos e começar a mar, tudo fica perdoado.

e) Há também um **catecumenato**. Para assistir a ele é necessário ir “em branco”. Esquecer todo vestígio dessa falsa religião superada. Isto é imprescindível para abrir-se aos demais e amá-los na nova Igreja. Se falta esta plasticidade receptiva, o novo membro é convidado de uma ou outra forma a abandonar o grupo.

f) Com relação ao Magistério e à Hierarquia, a atitude é evolutiva, de acordo com um processo de radicalização:

- em um primeiro momento se omite toda referência a ela. A “caridade”, a “paz”, etc., ocupam todo o tempo, esgotam toda a matéria;
- depois passa-se do uso de ridicularizar, através de brincadeiras ou chistes mais ou menos espaçados, a uma crítica totalmente negativa;

- para terminar em um autêntico clima de confrontação, desvinculamento e oposição.

g) Nos primeiros contatos do grupo insiste-se em que as reuniões não obedecem a preparação alguma, nem existem praticamente técnicas de ação. “Tudo é espontâneo, porque unicamente atuam os carismas do Espírito Santo”. Contudo, as reuniões litúrgicas são preparadas com antecedência, de tal maneira que se algum dos assistentes pergunta ou propõe algum tema não previsto, silencia-se ou passa-se por alto.

h) Ocultam a vinculação de uns grupos com outros, e negam a existência de dirigentes nesta corrente que atribuem unicamente ao Espírito Santo, de quem procede também sua enorme difusão em toda a Igreja.

i) Unicamente os dirigentes dos grupos conhecem o conteúdo total da ideologia profética que vão deixando cair suavemente e com muita precaução, sobretudo nas primeiras etapas. Eles mesmos reconhecem que seus pontos de vista sobre a “nova Igreja” (o Batismo, a Confissão, e suas relações com o Magistério, o Papa, etc.) não são conhecidos senão por uma pequena parte dos membros de seus grupos.

4. Desenvolvimento e manifestações concretas

Holanda

O Centro “De Horstink”, que foi até 1965 Centro Nacional da Ação Católica, abandonou o “mandato” para converter-se em um “Centro de Comunicações entre a Igreja e o Mundo”, que realiza seu trabalho em colaboração com protestantes e ateus (Grotaers, conferência citada, p. 11).

Itália

O “clericalismo político” – que dá à república um matiz confessional em virtude da concordata – freia a ação missionária. Nesta situação as vocações mais dinâmicas do

apostolado leigo desvincularam-se da Ação Católica, derivando para grupos de estrutura mais flexível, sem mandato, que proliferam de modo incrível (Grotraers, conferência citada, p. 12).

Alemanha Oriental

As experiências são particularmente interessantes.

Existem em primeiro lugar os “**Cristãos do Diálogo**”. São pequenos grupos de católicos que, abandonando a posição da Igreja institucional, e opondo-se à maioria dos católicos, assumem “a grande missão” de ocupar postos no governo e colaborar com o regime, numa tentativa de tornar compatíveis com o Cristianismo os pressupostos da sociedade comunista. Ao atuar deste modo, crêem cumprir uma missão histórica providencial.

Junto a eles, os **grupos da “Gossner Mission”**, fortemente influenciados por Bonhoffer e pelos Padres-operários franceses da primeira hora, que pretendem demonstrar que se pode ser cristão e viver em uma sociedade socialista, e mesmo tornar-se comunista sem deixar de ser cristão. Negam que o comunismo tenha que ser necessariamente ateu. Combatem duramente o abstencionismo dos católicos fiéis ao magistério. O estilo de vida destes grupos está na linha de muitos outros do Ocidente. Celebram também a Eucaristia em casas particulares, por considerar superado o culto no templo.

Também os **grupos “Studentengemeinden”**, formados por protestantes e católicos, dão prova de um grande “dinamismo” no mundo estudantil. Reúnem estudantes, futuros professores, humanistas e teólogos. Encontram-se, “como é natural”, numa certa oposição à Igreja oficial. Seu compromisso implica em uma reforma teológica, especialmente nas relações Igreja-mundo, assim como na busca de novos caminhos na celebração litúrgica.

Paralelamente a estes grupos, as “**Academias Evangélicas**” põem em questão a tradição eclesiástica, em nome da “Igreja do amanhã”. Em suas jornadas de estudo tratam de todos os problemas possíveis e imaginá-

veis que tenham relação com o compromisso “com a nova sociedade”.

Tanto estas academias como alguns centros católicos de pastoral tentam chegar a novas criações teológicas, partindo de considerações tais como “o Sacerdote como leigo e o leigo como teólogo” (I.C.I., 15 de fevereiro de 1968, pp. 30 e ss.).

Alemanha Federal

Diante de uma Igreja “afogada e enredada no contexto sócio-político em que está comprometida”, surgem pequenos grupos que se esforçam em renovar as estruturas eclesiais e tirar os católicos de seu “comodismo espiritual e moral”.

O movimento “**Catolicismo crítico**” (chamado também “Kapo”, oposição católica extraparlamentar) nasce em 1968 do reagrupamento de várias associações, entre as quais “Pax Christi”. Propõe-se como fim renovar e democratizar a Igreja. Seu pensamento se diz inspirado nas teorias do teólogo de Münster J. B. Metz, segundo as quais a Igreja deve desempenhar um papel crítico ante a sociedade.

Seus membros intervieram no 82º “Katholikentag”, celebrado em Essem de 4 a 8 de setembro de 1968. Nele, sua crítica e sua ação – como a dos “grupúsculos” franceses do mês de maio nos meios estudantis - encontraram um terreno favorável. Unidos aos representantes da BDJ (Federação de Associações Católicas de Jovens, “antes conhecida por sua docilidade”), pediram:

- a crítica em face da autoridade;
- a dissolução das relações Igreja-Estado;
- democratização do ensino e supressão do ensino confessional;
- contatos com o Leste;
- uma revisão fundamental, por parte do Papa, da doutrina sobre o controle de nascimentos, isto é, sobre a “*Humanae Vitae*”;
- supressão do “*imprimatur*”;
- supressão da regulamentação sobre os matrimônios mistos;

- mais democracia e publicidade na questão financeira das Dioceses;

- democratização da imprensa eclesial;

- substituição do “Katholikentag” por um Concílio nacional como o da Holanda;

- e criação de um “Kirchentag”, organizado em comum com as igrejas protestantes.

O “**Grupo 55**” e o “**Grupo de Munique**” trabalham em silêncio mas publicam a revista mensal mais esquerdista do catolicismo alemão. É a “Werkhefte”, “revista para os problemas da sociedade e do Catolicismo”. Em agosto de 1968 organizou um colóquio com os marxistas.

Outro grupo é o dos “**Universitários do Ruhr**”. A paróquia de estudantes católicos de Bochum está muito unida aos protestantes. Um estudante de teologia diz: “Como nos é impossível dialogar com nosso Bispo, não resta mais do que uma solução: provocar a Instituição. Como? Pronunciando-nos a favor do Vietnã ou fazendo entrar a política na Missa”.

Em outubro de 1967 fundou-se um “**Grupo de trabalho democrático e católico**” sob a presidência de um professor, um jornalista e um estudante. Este círculo propõe-se a democratização do pensamento e das estruturas da Igreja Católica, ou, ao menos – como diz Hans Friemund, que trabalha na rádio Berlim – “fazer ver a urgência desta democratização” (I.C.I., nº 325, pp. 11-13).

França

A Igreja e a revolução

(I.C.I., nº 315, pp. 36-40).

Com base nos acontecimentos de maio os cristãos de esquerda acusam a Igreja institucional:

- de não se comprometer realmente com os acontecimentos;

- de não ser revolucionária, em virtude do fato de que “as Igrejas estabelecidas dão objetivamente apoio aos regimes capitalistas”; “sua estrutura é alienante”.

Os “**grupúsculos**” organizam numerosos debates públicos sobre “os cristãos e a revolução”. Um destes foi organizado em 8 de junho na “Sorbonne livre” pela Irmã Maria Edmon, auxiliar e diretora da revista “Echanges”, a pedido do CRAC (Comitê Revolucionário de Agitação Cultural), sobre o tema: “De Che Guevara a Jesus Cristo”.

A revolução na Igreja

(I.C.I., ibidem).

Os cristãos de esquerda “contestam” (protesto global) as estruturas eclesásticas; esta “contestação” reveste formas variadas, desde as extremamente revolucionárias até as mais “dialogantes”:

1 – O movimento “Bíblia e Revolução”:

- quer suscitar assembléias populares fora das horas de culto;

- pede “que um próximo Concílio se realize contando com a base”;

2 – A federação dos grupos “Temoignage Chrétien”:

Esta federação “alegra-se” de que haja “contestação” também na Igreja, e faz uma proposta concreta: a criação por eleição, em todos os níveis da comunidade cristã, de **conselhos de leigos** dotados de grandes poderes de organização e orientação.

3 – Assembléia celebrada na Igreja de São Pedro e São Paulo de Lille:

Formou-se uma equipe de trabalho com o fim de procurar novas estruturas que permitam descobrir as causas do mal-estar reinante na comunidade eclesial.

Uma vintena de cristãos, homens e mulheres, médicos, engenheiros, economistas, sociólogos, estudantes, catedráticos, convocaram uma assembléia tão heterogênea como numerosa para propor uma questão: - a Igreja é em Si mesma um obstáculo para o cumprimento de sua missão? Por que? De que modo?

O Pároco, apesar da oposição de uma parte do Clero paroquial, deu seu consentimento e o Bispo sua autorização.

O assistente da cadeira de Geografia da Faculdade de letras, Sr. Jean Pierre Angrand, abriu o debate e expôs o porquê e o como da assembléia. Partindo dos pontos que passamos a enunciar:

- “desde há trinta anos, e particularmente graças ao desenvolvimento dos movimentos de Ação Católica, nós, cristãos, estamos presentes no mundo, participando da vida social, econômica e política da nação”;

- “esta presença permite-nos viver em contato com pessoas não crentes e com cristãos “marginalizados”, que não praticam”;

- “nós nos perguntamos: por que estes cristãos se acham nos limites ou fora da Igreja? Não haverá alguma causa dentro da própria Igreja (administração, mentalidades, estruturas, de leigos e clérigos)?”;

- “consideramos um dever vir hoje aqui para pôr a nós mesmos esta questão. Todos podereis intervir..., mas sem acusações ou pedido de justificação. Pedimos aos Padres que ouçam pacientemente sem dar resposta alguma, em nome próprio ou da Igreja. Nesta noite não vamos responder nada”;

- “apresentaremos um dossier para refletirmos todos juntos. Vamos iniciar um trabalho de busca – que não se deve bloquear com perguntas prematuras – para ver a causa de nossas dificuldades”;

- pouco a pouco foi-se analisando tudo: o quadro, já superado, da paróquia; os movimentos de Ação Católica dirigidos pela Hierarquia, cujas estruturas é preciso modificar para dar maior responsabilidade a seus membros; o compromisso temporal-político do cristão e da igreja como tal;

- “pode um cristão comprometer-se com um movimento político de extrema esquerda?” A isto se respondeu que “a Igreja deve comprometer-se muito mais”;

- “põe-se em questão a estrutura piramidal da Igreja. Pedê-se a participação dos leigos “na base”, mas também nos postos mais elevados: Bispos e – por que não? – Papa”;

- as opiniões estiveram muito divididas. Uns consideravam maravilhosa a assembléia; outros não;

- “é uma pena que este movimento de “contestação” não tenha existido antes, para influir no Concílio”;

- “esta reunião – disse um pastor protestante – é perigosa, caso não se confie verdadeiramente na palavra de Deus...., porque se se trata só de pensamentos humanos, poderiam estes levar-nos longe demais”;

- os dirigentes da assembléia prometeram um “cahier de doléances” da Igreja.

4 – Debate permanente organizado em Paris – durante os acontecimentos de maio – no “Centro de Saint-Yves” de estudantes católicos de Direito, dirigido pelos Dominicanos:

Na fachada, um grande cartaz: “Estudantes, trabalhadores, a revolução e os cristãos”.

Participam dos debates abertos, da mesma forma que na Sorbonne, estudantes, jovens operários, pessoas de idade adulta e de diferentes ambientes, não crentes, e, às vezes, os transeuntes que ao passarem se interessam.

Fala-se: da atitude dos cristãos em face dos acontecimentos, das relações entre marxistas e cristãos, da necessidade da revolução.

Um antigo dirigente de movimento estudantil cristão se apresentou como revolucionário “par état” e denunciou ante os presentes:

- a alienação religiosa;

- o fato de que a Igreja é cúmplice do imperialismo e do capitalismo;

- falou da morte de Deus e proclamou que só importa “Jesus Cristo, morto e ressuscitado”.

- “a Hierarquia não serve para nada, e o Papa faria bem em dizê-lo e ir-se embora”, disse.

Um sacerdote disse também: - tudo pode ser “contestado” na Igreja, menos Cristo; assim como tudo pode ser “contestado” na sociedade, menos o homem.

Ouviram-se algumas intervenções por parte de cristãos sobre “os profundos traumatismos” provocados pelas “estruturas eclesiais superadas”.

5 – Debates públicos no Instituto Católico de Paris:

Pediu-se que se desenvolvesse no Instituto Católico “um movimento em coerência com o movimento da Sorbonne”, e mais geralmente “que fossem postos em prática, no interior da Igreja, os princípios que reconhecemos válidos para a “contestação” da sociedade”.

6 – Grupos de estudantes da Faculdade de Teologia protestante de Paris:

Protestam contra:

- uma teologia que se centra exclusivamente sobre o ministério pastoral;

- que não faz mais que confirmar as contradições do sistema capitalista, do qual participa a instituição eclesiástica;

- põem em questão as estruturas da sociedade (Igreja) “que busca os quadros alienantes de que necessita para sobreviver” . Aprendemos isto nas barricadas, de um modo definitivo;

7 – Grupo ecumênico de catorze Sacerdotes, pastores e leigos de Paris:

Lançam um apelo aos cristãos propondo-lhes que “se agrupem segundo as iniciativas que julguem mais adaptadas e eficazes, para definir, na maior liberdade, e para criar as condições para esta renovação da existência cristã” (I.C.I., nº 313-314, pp. 21 e ss.).

Itália

Ocupação da Catedral de Parma (I.C.I., nº 325, p. 13):

Os participantes explicaram assim o objetivo da ocupação:

- não queremos que a Igreja de Santo Evasio, atualmente em construção em um bairro periférico da cidade, seja construída com os fundos da Caixa Econômica (Cassa di Risparmio);

- não aceitamos que um Sacerdote seja transferido sem consulta aos fiéis diretamente afetados;

- denunciemos o desequilíbrio existente nas situações econômicas respectivas dos Sacerdotes da Diocese;

- opomo-nos a que se continue a gastar dinheiro na manutenção do semanário católico diocesano, subproduto do clericalismo burguês;

- consideramos urgente reformar os seminários para que deixem de produzir Sacerdotes subcultos;

- constatamos com dor que estas situações intoleráveis são a conseqüência lógica da Igreja entendida como autoritarismo e apoio do poder constituído.

Chile

Ocupação da Catedral de Santiago do Chile (2 de agosto de 1968):

Uns duzentos cristãos, que se declararam membros do movimento “Jovem Igreja”, celebraram a Eucaristia entre si e depois promoveram uma entrevista coletiva à imprensa.

No dia 13 de agosto os ocupantes explicaram o sentido de seu gesto, em um manifesto publicado no jornal comunista “El Siglo”, sob o título: “As estruturas da Igreja impedem o compromisso com o povo e com sua luta”.

O manifesto é um requisitório “contra a estrutura do poder de dominação e de riqueza, na qual se exerce freqüentemente a ação da Igreja, e contra a mentalidade das organizações que condicionam e adulteram o trabalho da Hierarquia Eclesiástica”.

É ao mesmo tempo um arrazoado:

- em prol de uma estrutura evangélica,
- de uma igreja pobre, livre, aberta ao homem.

Tudo é objeto de crítica e “contestação” (protesto global):

- o Congresso Eucarístico,
- a viagem do Papa,

- as boas palavras a que não se seguem efeitos positivos,

- a convivência da Igreja institucional com os poderosos,

- a opressão da Igreja sobre as consciências,

- a condição do Sacerdote.

“Como não acreditamos nas possibilidades de diálogo na Igreja, recorremos a um **gesto violento**: a ocupação da Catedral”.

México

Quarenta e oito organizações de leigos mexicanos pedem a reforma das estruturas e da autoridade da Igreja. “O estilo da vida católica não dá lugar à honestidade, à crítica, à discussão aberta e pública” (I.C.I., 1º de setembro de 1968, p. 7).

Uma formação estudantil em escala mundial

(I.C.I., nº 313-314, junho de 1968, pp. 14-15).

Pequenas minorias de caráter “carismático” e “profético” arrastaram à agitação as massas de estudantes em todo o mundo.

Os diferentes pretextos de ordem material ou moral, que constituíam o ponto de partida desta agitação – falta de locais, falta de liberdade acadêmica, escassez de professores, protestos contra o racismo, a guerra do Vietnã, o autoritarismo do Estado, etc. - foram constituídos por um sentimento revolucionários mais geral: a “contestação” global da sociedade.

Esta “contestação” da sociedade civil inclui também a “contestação” das estruturas atuais da comunidade eclesial.

E isto ocorre também tanto nas Universidades católicas como nas Faculdades de Teologia católica e protestante.

Por toda parte, mas sobretudo na América Latina, os estudantes revolucionários adotam “uma forma de renovação marxista”. Sem excluir os estudantes cristãos, que, como todos, chegaram a ver num marxismo renova-

do (científico, mas recusando a ortodoxia de Moscou) a única força viril capaz de afrontar a revolução.

Os cristãos, partindo da mesma análise da situação e das mesmas reflexões que os marxistas, passam a tomar parte nos mesmos compromissos.

Não crêem que seja preciso assumir “uma atitude cristã específica” perante os acontecimentos.

Não vêem contradição entre o marxismo científico e sua fé cristã. Pelo contrário, pensam que sua fé tomará neste combate revolucionário uma nova forma de expressão.

Entre eles há grupos que se separam praticamente da Igreja. Há movimentos de jovens cristãos comprometidos, nos quais já não

se fala da Igreja, porque a Igreja não importa. Ainda que digam conservar a sua fé, não vêm já razão para permanecer nas comunidades cristãs.

Ante a recusa da Igreja de autorizar o compromisso político dos movimentos de estudantes cristãos como tais, os elementos mais dinâmicos destes movimentos saem da Igreja.

Na Europa as juventudes estudantis cristãs estão ainda absorvidas por suas relações jurídicas com a Hierarquia Eclesiástica, mas em alguns países (entre os quais a Espanha) começam já a refletir séria e abertamente sobre os problemas atuais de nossa sociedade.

IGREJA ENGAJADA E “DESALIENADA” IGREJA SACRAL E “ALIENANTE”



Dois operários franceses, inteiramente “engajados” nas coisas temporais, estão postos em seu trabalho: um entregador de mercearia, e um pedreiro. Na realidade são Sacerdotes estilo Igreja-Nova, e portanto dessacralizados, que se apresentam sem nenhum dos sinais de sua sublime missão.



Lance de agitação estudantil marcusiana? À primeira vista, parece que sim. Na realidade, trata-se de um aspecto do “sit-in” de 130 Padres que protestam em Washington contra o fato de colegas seus haverem sido punidos pela Autoridade Eclesiástica. A cena é eminentemente dessacralizada. O episódio merece todo o aplauso dos “grupos proféticos” da Igreja-Nova, contrários a toda forma de punição e subordinação, ou seja, de “alienação”.

Autoridade, subordinação e “alienação” na Igreja Católica. No Mosteiro cisterciense de Poblet, na Espanha, Monges prosternados por terra fazem o *mea culpa* perante o Abade e o Capítulo.



ÍNDICE

GRUPOS OCULTOS TRAMAM A SUBVERSÃO NA IGREJA	1
EM ASCENSÃO TRIUNFAL	3
A HERESIA MODERNISTA	3
D. ANTÔNIO DE CASTRO MAYER, BISPO DE CAMPOS	3
O PORQUÊ DESTE NÚMERO DUPLO	5
A IGREJA CATÓLICA INFILTRADA POR ADVERSÁRIOS VELADOS	5
PLINIO CORRÊA DE OLIVEIRA	5
<i>O IDO-C, e o “International Catholic Establishment”</i>	5
<i>Os “grupos proféticos”</i>	6
<i>Dedos de uma mesma mão</i>	6
<i>Em face da agitação progressista na América Latina</i>	7
<i>Três perguntas dramáticas</i>	8
<i>Muralha chinesa</i>	9
<i>Alentando</i>	9
<i>O entusiasmo dos jovens da TFP</i>	10
RESUMO ANALÍTICO DO ARTIGO DE “APPROACHES”	11
A SUPERPOTÊNCIA PUBLICITÁRIA DOS ILUMINADOS DO PROGRESSISMO	11
<i>O que vem a ser o IDO-C – segundo ele mesmo</i>	12
<i>Quem o dirige</i>	12
<i>Dinossauro publicitário</i>	13
<i>Ligações com o comunismo na Inglaterra e além cortina de ferro</i>	13
<i>“International Catholic Establishment”</i>	13
<i>O “American Catholic Establishment”</i>	14
<i>“Establishment” católico e “Establishment” laico</i>	15
<i>Onde entra o IDO-C</i>	16
<i>Ramificações do IDO-C pelo mundo inteiro</i>	16
<i>Ressalva</i>	16
<i>Doutrina integral</i>	16
RESUMO ANALÍTICO DO ARTIGO DE “ECCLESIA”	17
INSUBORDINAÇÃO, “DESALIAENAÇÃO”, FIO DE MEADA DOS MISTÉRIOS “PROFÉTICOS”..	17
<i>I. Desalienação: revolta contra toda superioridade, toda desigualdade</i>	18
<i>II. O supremo objetivo “profético”: uma Igreja não alienante nem alienada</i>	18
<i>III – Só a luta de classes conseguirá a desalienação dentro da Igreja</i>	21
<i>IV – Os “grupos proféticos”, artífices da luta de classes pela desalienação da Igreja</i>	22
<i>V. Como os “grupos proféticos” fazem a luta de classes na Igreja</i>	23
<i>VI – Relações entre o “movimento profético” e o progressismo</i>	24
<i>VII – Os “grupos proféticos” estão a serviço do comunismo</i>	24
<i>VIII – Viabilidade do plano comunista acerca da Igreja-Nova</i>	26
O TEXTO DE “APPROACHES”	28
DOSSIER A RESPEITO DO IDO-C	28
<i>I - O que é o IDO-C?</i>	27
<i>II. História do IDO-C</i>	29
<i>III – O IDO-C no Reino Unido</i>	30
<i>IV. O IDO-C na França</i>	33
<i>V. O IDO-C na Polónia</i>	36
<i>VII. Anatomia do “Catholic Establishment”</i>	40
<i>VIII. Dirigentes e Agências do “Catholic Establishment”</i>	42

<i>IX – A verdadeira natureza do “Catholic Establishment”</i>	44
<i>X. “Catholic Establishment” e “Secular Establishment”</i>	44
<i>XI – Porque o IDO-C é indispensável ao “Establishment”</i>	46
<i>XII – Outras vantagens que apresenta o IDO-C</i>	47
<i>XIII – O IDO-C em outros lugares</i>	47
O TEXTO DE “ECCLESIA”	54
OS PEQUENOS GRUPOS E A “CORRENTE PROFÉTICA”	54
<i>Advertência Preliminar</i>	54
CONTEÚDO, ESTRUTURA E MANIFESTAÇÕES	55
<i>I - Introdução</i>	55
<i>II – Conteúdo Ideológico da corrente profética</i>	57
<i>III - Os Grupos Proféticos</i>	67
UMA FORMAÇÃO ESTUDANTIL EM ESCALA MUNDIAL	73
ÍNDICE	76